

**Cooperação, compartilhamento e colaboração na rede de
bibliotecas e centros de informação em arte no estado do
Rio de Janeiro - REDARTE/RJ**

Caroline Brito de Oliveira

<http://www.bndes.gov.br/bibliotecadigital>

UNIVERSIDADE FEDERAL FLUMINENSE – UFF
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO
MESTRADO EM CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO

CAROLINE BRITO DE OLIVEIRA

**COOPERAÇÃO, COMPARTILHAMENTO E COLABORAÇÃO NA REDE DE
BIBLIOTECAS E CENTROS DE INFORMAÇÃO EM ARTE NO ESTADO DO RIO
DE JANEIRO – REDARTE/RJ**

NITERÓI
2012



CAROLINE BRITO DE OLIVEIRA

**COOPERAÇÃO, COMPARTILHAMENTO E COLABORAÇÃO NA REDE DE
BIBLIOTECAS E CENTROS DE INFORMAÇÃO EM ARTE NO ESTADO DO RIO
DE JANEIRO – REDARTE/RJ**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Ciência da Informação da Universidade Federal Fluminense como requisito parcial para a obtenção do título de Mestre em Ciência da Informação.

Orientadora: Profa. Dra. Regina de Barros Cianconi.

Linha de Pesquisa: Fluxos e mediações sócio-técnicas da informação

- O48 Oliveira, Caroline Brito de
Cooperação, compartilhamento e colaboração na Rede de Bibliotecas e Centros de Informação em Arte no Estado do Rio de Janeiro – REDARTE/RJ / Caroline Brito de Oliveira. – 2012.
151 f. : il.
Orientadora: Regina de Barros Cianconi.
- Dissertação (Mestrado em Ciência da Informação)—Universidade Federal Fluminense, Departamento de Ciência da Informação, Programa de Pós-Graduação em Ciência da Informação, 2012.
1. Informação em arte. 2. Redes. 3. Cultura informacional. 4. Cooperação. 5. Compartilhamento. 6. Colaboração. 7. Gestão da informação. 8. Gestão do conhecimento. I. Cianconi, Regina de Barros, orient. II. Universidade Federal Fluminense, Departamento de Ciência da Informação, Programa de Pós-Graduação em Ciência da Informação. III. Título.

CDD 021.6

CAROLINE BRITO DE OLIVEIRA

**COOPERAÇÃO, COMPARTILHAMENTO E COLABORAÇÃO NA REDE DE
BIBLIOTECAS E CENTROS DE INFORMAÇÃO EM ARTE NO ESTADO DO RIO
DE JANEIRO – REDARTE/RJ**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Ciência da Informação da Universidade Federal Fluminense como requisito parcial para a obtenção do título de Mestre em Ciência da Informação.

Linha de Pesquisa: Fluxos e mediações sócio-técnicas da informação.

Aprovado em: _____

BANCA EXAMINADORA

Profª Drª Regina de Barros Cianconi (Orientador) – UFF

Profª Drª Rosa Inês de Novais Cordeiro (Membro da Banca) – UFF

Profª Drª Vera Lúcia Alves Breglia (Membro da Banca) – UFF

Profª Drª Lena Vania Ribeiro Pinheiro (Membro da Banca) – IBICT

Profª Drª Marcia Heloisa Tavares de Figueredo Lima (Suplente) – UFF

Profº Drº Marcos Luiz Cavalcanti de Miranda (Suplente) – UNIRIO

Niterói
2012

Dedico este trabalho a todos aqueles que estiveram comigo durante essa longa jornada, compartilhando momentos de trabalho, leituras, alegrias, risos, cansaço, noites mal dormidas e até desespero diante de missões que pareciam impossíveis, mas que foram enfrentadas com muita perseverança, amor ao estudo e desejo por conhecimento.

AGRADECIMENTOS

Agradeço, primeiramente, a Deus, por me conceder forças para dar mais esse passo;

À minha família, por tentar compreender minhas ausências;

Ao meu marido, Cleber Nascimento do Carmo, por sempre me dar suporte, seja academicamente, com palavras de estímulo ou com abraços reconfortantes;

Aos amigos e colegas de turma, que dividiram comigo momentos inesquecíveis; em especial, às amigas Déborah Ambinder, Elane Uliana, Helena Cordeiro e Thays Lacerda, sempre dispostas a uma boa conversa, oferecendo ombros amigos e proporcionando boas risadas;

À minha orientadora, Prof^ª Dr^ª Regina de Barros Cianconi, pela preciosa e indispensável atenção e dedicação;

Aos membros da Banca, pelas palavras de incentivo e sabedoria;

Aos professores e funcionários do PPGCI/UFF, pela disposição e colaboração;

Aos colegas da REDARTE/RJ, que abraçaram minha ideia e se mostraram sempre disponíveis; em especial, Mary Komatsu Shinkado e Isabel Ariño Grau, pelo imensurável apoio;

À Helena Ferrez e Solange Zuñiga, por compartilharem palavras riquíssimas;

Aos amigos do CEDOC da FUNARTE, que me incentivaram nessa empreitada; especialmente, a “chefe da tribo” Márcia Cláudia Vasconcellos Marcello Figueiredo;

Agradeço, ainda, a todos aqueles que direta ou indiretamente me ajudaram a cumprir mais esta etapa da minha vida.

Obrigada a todos!

"Nenhum homem é livre se a sua mente não é
como uma porta de vai-e-vem, abrindo-se
para fora a fim de liberar suas próprias ideias
e para dentro a fim de receber os
bons pensamentos de outrem."

(Validivar)

RESUMO

Procura identificar e analisar as ações da Rede de Bibliotecas e Centros de Informação em Arte no Estado do Rio de Janeiro – REDARTE/RJ para promover a geração de novos conhecimentos e a implementação de novas ideias, minimizando as dificuldades encontradas pelos profissionais da informação que trabalham nas instituições integrantes da Rede, de modo a otimizar o atendimento ao usuário e o enriquecimento da área de informação em arte. Busca investigar se a cultura organizacional e informacional da REDARTE/RJ favorece a cooperação, o trabalho colaborativo, o compartilhamento de informações e experiências e a utilização das tecnologias de informação e comunicação (TICs). Analisa os processos de cooperação, de compartilhamento e de colaboração entre as unidades da REDARTE/RJ, buscando constatar se a Rede pode ser considerada uma rede social de conhecimento. Procura compreender de que forma a REDARTE/RJ vem utilizando e tirando proveito da interação e da colaboração para o cumprimento das finalidades determinadas em seu estatuto. Constitui-se em um estudo de caso, inserindo-se no âmbito da pesquisa qualitativa. Conclui que a REDARTE/RJ possui um papel relevante para a área de informação em arte, para os seus usuários e para os profissionais e instituições que dela fazem parte, mas para que se torne uma rede social de conhecimento, alguns pontos necessitam, ainda, ser trabalhados.

Palavras-chave: Informação em arte. Redes. Cultura informacional. Cooperação. Compartilhamento. Colaboração. Gestão da informação. Gestão do conhecimento.

ABSTRACT

The study aims to identify and to analyze the actions of the Rede de Bibliotecas e Centros de Informação em Arte no Estado do Rio de Janeiro – REDARTE/RJ to promote generation of new knowledge and the implementation of new ideas, minimizing difficulties faced by information professionals that work in institutions which are part of the network, in order to optimize customer support and the enrichment of art information area. It investigates if the organizational and informational culture of REDARTE/RJ favors cooperation, collaborative work, sharing information and experiences and the use of information and communication technologies (ICTs). It analyzes the processes of cooperation, the sharing and collaboration between units of REDARTE/RJ, seeking to ascertain if the network can be considered as a social network of knowledge. It seeks to understand how REDARTE/RJ has been using and taking advantage of interaction and collaboration to fulfill the purposes specified in its statute. It constitutes a case study, by inserting in the qualitative research. It concludes that the REDARTE/RJ has an important role in the art information area, for all its users and for professionals and institutions that make part of it, but to become a social knowledge network some points need to be worked.

Keywords: Information on art. Networks. Information culture. Cooperation. Sharing. Collaboration. Information management. Knowledge management.

LISTA DE FIGURAS

Fig. 1	Espiral do Conhecimento	49
Fig. 2	Interseção entre a Gestão da Informação e a Gestão do Conhecimento	50

LISTA DE QUADROS

Quadro 1	Documentação que pode ser gerada em um espetáculo musical ou cênico	21
Quadro 2	Visão das gestoras sobre determinados aspectos	79
Quadro 3	Sugestões dos integrantes da REDARTE/RJ	116

LISTA DE GRÁFICOS

Gráfico 1	Existência de sistema de valores ou cultura que promove a troca de informações e experiências na REDARTE/RJ	82
Gráfico 2	Existência de (a) iniciativa de compartilhar informações de interesse na REDARTE/RJ e (b) entendimento de que informações e conhecimento devem ser compartilhados com todo o grupo	83
Gráfico 3	Acesso a dados e informações das unidades integrantes e descentralização da comunicação	84
Gráfico 4	Existência de espaço para o compartilhamento de falhas e insucessos	85
Gráfico 5	Existência de alto nível de credibilidade nas informações veiculadas	85
Gráfico 6	Concordância com as afirmativas: (a) o compartilhamento não deve esperar trocas proporcionais, (b) quem compartilha o seu conhecimento perde poder frente aos demais, (c) quem compartilha o seu conhecimento ganha status frente aos demais	86
Gráfico 7	Existência de padrões para as unidades integrantes da REDARTE/RJ	87
Gráfico 8	Incentivo dado pela REDARTE/RJ para a participação em eventos externos	88
Gráfico 9	Existência de incentivo para o registro do conhecimento e <i>know-how</i> que flui na REDARTE/RJ	89
Gráfico 10	As informações, os conhecimentos e as experiências compartilhadas contribuem para o crescimento da área de informação em arte	90
Gráfico 11	Estímulo que a REDARTE/RJ confere ao desenvolvimento de competências informacionais	91
Gráfico 12	Concordância com o fato de que a REDARTE/RJ provê treinamento relacionado ao uso de recursos da <i>web 2.0</i> para a comunicação e o compartilhamento de experiências entre seus membros	92
Gráfico 13	Encorajamento que a REDARTE/RJ dá a seus integrantes para a comunicação e o compartilhamento virtual de experiências e informações	93

Gráfico 14	Utilização dos ambientes disponibilizados na Internet para comunicação (a) entre os profissionais da REDARTE/RJ e (b) externos a ela	94
Gráfico 15	Ampliação de formas de comunicação virtual (a) entre os participantes da REDARTE/RJ, (b) externos à REDARTE/RJ e (c) com usuários	95
Gráfico 16	Percentual de conhecimento, pelos integrantes, dos recursos disponibilizados pela REDARTE/RJ na Internet	97
Gráfico 17	A participação na REDARTE/RJ proporciona maiores (a) possibilidades de empréstimo de documentos, (b) de recebimento de doações e (c) facilita a obtenção de cópia de partes de documentos	99
Gráfico 18	Priorização dos membros da REDARTE/RJ quando há a realização de doação de documentos	100
Gráfico 19	A participação na REDARTE/RJ otimiza o processo de desenvolvimento de coleções	101
Gráfico 20	Há busca de informações catalográficas nas bases de dados das unidades integrantes da REDARTE/RJ	101
Gráfico 21	Há encorajamento por parte da REDARTE/RJ para a participação e o desenvolvimento de projetos em conjunto com outras unidades da Rede	102
Gráfico 22	Participação em trabalho cooperativo entre unidades integrantes da REDARTE/RJ	103
Gráfico 23	As informações compartilhadas (a) proporcionam maior acesso à informação em arte e (b) contribuem para a tomada de decisão na unidade de informação onde trabalham	105
Gráfico 24	As informações compartilhadas possibilitam a atualização em relação à (a) área de informação em arte e (b) atualização profissional	106
Gráfico 25	As informações compartilhadas permitem o direcionamento do usuário à instituição mais indicada para a realização do atendimento	107
Gráfico 26	As informações compartilhadas permitem o aperfeiçoamento do atendimento ao usuário nas unidades de informação na qual trabalham	107
Gráfico 27	Frequência de comparecimento às reuniões da REDARTE/RJ	108

Gráfico 28	Obtenção de auxílio dos membros da REDARTE/RJ na resolução de questões profissionais	110
Gráfico 29	Encorajamento pela REDARTE/RJ a participar de discussões e troca de ideias em conjunto com outras unidades da Rede	111
Gráfico 30	Participação e colaboração na REDARTE/RJ são importantes para a melhoria da atuação como profissional da informação	111
Gráfico 31	Participação na REDARTE/RJ é importante para a solução de problemas em atividades diárias	112
Gráfico 32	A troca de experiências na REDARTE/RJ propiciam a elaboração de novos produtos e serviços, colaborando para a inovação nas unidades de informação	113
Gráfico 33	As ações da REDARTE/RJ são importantes para o estímulo ao trabalho colaborativo nas instituições integrantes da Rede	114
Gráfico 34	Eficácia da REDARTE/RJ no cumprimento de suas finalidades	115

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO.....	15
2 A INFORMAÇÃO EM ARTE E OS PROFISSIONAIS DA INFORMAÇÃO	20
3 REDES: CONEXÃO E INTERAÇÃO	32
3.1 Cooperação, Compartilhamento e Colaboração em Unidades de Informação.....	40
4 GESTÃO DA INFORMAÇÃO E GESTÃO DO CONHECIMENTO: RELAÇÕES CONCEITUAIS E APLICAÇÃO NAS UNIDADES DE INFORMAÇÃO	46
4.1 As Unidades de Informação e a Gestão do Conhecimento	52
5 A CONTRIBUIÇÃO DAS TECNOLOGIAS DE INFORMAÇÃO E COMUNICAÇÃO E DA CULTURA INFORMACIONAL PARA O COMPARTILHAMENTO DA INFORMAÇÃO E A PRODUÇÃO DO CONHECIMENTO	56
5.1 As Ferramentas de Colaboração e Compartilhamento da Informação e do Conhecimento nas Bibliotecas.....	56
5.2 A Importância da Cultura Organizacional e Informacional	63
6 METODOLOGIA E COLETA DE DADOS	66
7 A REDE DE BIBLIOTECAS E CENTROS DE INFORMAÇÃO EM ARTE NO ESTADO DO RIO DE JANEIRO – REDARTE/RJ.....	70
8 ANÁLISE E DISCUSSÃO DOS DADOS.....	78
8.1 Atividades e Perspectivas da Gestão	79
8.2 Cultura Organizacional e Informacional na REDARTE/RJ.....	81
8.3 Cooperação na REDARTE/RJ	98
8.4 Compartilhamento de Informações na REDARTE/RJ.....	104
8.5 Colaboração na REDARTE/RJ	109
8.6 Eficácia das Ações da REDARTE/RJ em Relação a sua Finalidade	114
9 CONSIDERAÇÕES FINAIS	118
REFERÊNCIAS	125
ANEXO A	139
APÊNDICE A	146
APÊNDICE B.....	151
APÊNDICE C.....	153

1 INTRODUÇÃO

A informação em arte contempla três esferas: a própria obra de arte e suas manifestações, a documentação da arte e a documentação sobre a arte. Por sua abrangência, pode-se classificar esta área como desafiadora ao profissional da informação. Desafio esse que se intensifica por ser a Arte e Cultura pouco valorizada como área do conhecimento e, conseqüentemente, a informação em arte pouco visível como campo informacional.

Embora sejam fornecedores potenciais de informação especializada, bibliotecas, arquivos, centros de documentação e museus de arte enfrentam uma série de dificuldades no cumprimento de sua função. Dentre elas, citamos: a falta de políticas adequadas, como as de desenvolvimento de coleções, que resulta em acervos desatualizados, incompletos e dispersos; insuficiência de recursos humanos especializado, demandado por grande parte dos acervos de arte; dificuldades inerentes ao processamento técnico na área, com destaque para a escassez de linguagens documentárias especializadas; instalações inadequadas, que resultam no precário armazenamento e conservação de determinados documentos.

Outro entrave, no que tange a manutenção e a disponibilização de fontes de informação em arte, é o próprio mercado editorial, que dedica pouco espaço à área de Arte e Cultura. Além disso, a edição e, especialmente, a distribuição de publicações em arte, é muito restrita, sendo difícil a aquisição de certas obras ou a continuidade de uma coleção específica.

Tais lacunas são refletidas nos acervos e percebidas por alunos, professores, diretores, artistas e tantos outros profissionais que atuam na área de Arte e Cultura, quando se deparam com dificuldades para encontrar um documento em particular ou para realizar trabalhos de âmbito mais teórico.

O profissional da informação, tendo a incumbência de fornecer informações qualificadas e sistematizadas aos seus usuários, incitando o desenvolvimento científico e intelectual, também é atingido diretamente por esse descaso político-social, encontrando dificuldades e limitações em seu fazer diário.

Dessa forma, unidades e profissionais da informação precisam buscar, diariamente, alternativas para o desenvolvimento de suas atividades de forma mais sustentável, e a cooperação e o compartilhamento de recursos são utilizados por eles como mecanismos para minimizar tais dificuldades.

Nesse contexto, surge a Rede de Bibliotecas e Centros de Informação em Arte no Estado do Rio de Janeiro – REDARTE/RJ. Com o objetivo de promover os recursos

informacionais de suas unidades integrantes, pretendia que, através do conhecimento, pelos profissionais da informação, de acervos vizinhos, pudessem otimizar o atendimento ao usuário da informação em arte.

Vale ressaltar que, no Brasil, as áreas de Ciência e Tecnologia e Saúde destacam-se quando o assunto é a cooperação e o compartilhamento de recursos. Na área de Saúde, iniciativas como a da Biblioteca Regional de Medicina (BIREME), hoje Centro Latino-Americano e do Caribe de Informação em Ciências da Saúde, que desde a década de 60 desenvolve notável trabalho cooperativo “[...] objetivando o fortalecimento dos acervos de bibliotecas dessa área, estimulando e dando suporte ao intercâmbio de informações, através de cópias de artigos científicos e promovendo treinamento profissional bibliotecário.” (KRZYZANOWSKI, 2007, p. 4), consolidam-se diariamente, dando suporte ao desenvolvimento científico da área.

Em Ciência e Tecnologia, o Instituto Brasileiro de Biblioteconomia e Documentação – IBBD, a partir de 1976 sob o nome de Instituto Brasileiro de Informação em Ciência e Tecnologia – IBICT, é referência em projetos de cooperação entre unidades de informação. Essa instituição, desde a sua criação, em 1954, tem engendrado esforços para a promoção do trabalho cooperativo, visando apoiar o desenvolvimento científico e tecnológico brasileiro. Exemplo disso é o Catálogo Coletivo Nacional – CCN e o Programa COMUT.

Diferentemente das áreas citadas, a Arte e Cultura não conta com redes institucionalizadas para o tratamento e a disseminação da informação, o que prejudica a recuperação de informações e o desenvolvimento de pesquisas neste campo, além de propiciar uma má utilização de recursos humanos e materiais.

Tendo início com a cooperação e o compartilhamento de recursos, através de redes e sistemas de bibliotecas, o trabalho em rede transcendeu o lado material, sendo possível, hoje, a colaboração, com a troca de experiências, a solução compartilhada de problemas e a elaboração conjunta de procedimentos e serviços, de forma rica, por instituições e profissionais que optam por essa forma de atuação, que pode ser denominada rede social de conhecimento.

Esse tipo de rede é considerado ambiente propício para o intercâmbio informacional e a geração de conhecimentos, já que aproxima as pessoas, possibilitando maior interação entre seus membros, estimulando, além do trabalho cooperativo, o compartilhamento de ideias e a colaboração, auxiliando na supressão de lacunas na área e no aprimoramento dos

profissionais, usuários, serviços, acervos e produtos de cada uma das instituições associadas, incitando a geração de novos conhecimentos e inovações¹.

Importante ressaltar que informações e experiências veiculadas por essas estruturas e conhecimentos gerados através dessas trocas devem receber tratamento e serem geridos, podendo esse processo ser melhor desempenhado através da utilização mais intensa e direcionada de ferramentas da tecnologia de informação e comunicação (TICs). No entanto, faz-se necessária mudança comportamental e cultural para seu melhor aproveitamento.

A Rede de Bibliotecas e Centros de Informação em Arte no Estado do Rio de Janeiro (REDARTE/RJ) nasceu nos moldes de uma rede de bibliotecas tradicional, visando a cooperação entre profissionais da informação de instituições que possuíam acervos relevantes na área de Arte e Cultura.

Composta por profissionais de diversas instituições e formações acadêmicas e profissionais, o fluxo de informações que circula por ela é intenso, volumoso e rico. Além disso, por seu pioneirismo e importância que detém frente a uma área tão carente, deve buscar constante renovação, fazendo uso de recursos disponíveis, como os de gestão e os tecnológicos, para melhor cumprir as finalidades que assume em seu estatuto.

Com este estudo, pretendeu-se responder as seguintes questões: As interações proporcionadas pela REDARTE/RJ e as atividades por ela desenvolvidas estimulam a geração de novos conhecimentos aos profissionais da informação? Estes conhecimentos contribuem para a geração de novas ideias e casos de sucesso nas unidades participantes, otimizando o trabalho desses profissionais e, conseqüentemente, contribuindo para a área de informação em arte? Como a REDARTE/RJ vêm atuando para cumprir a missão de promover acesso aos itens informacionais disponíveis em suas unidades integrantes e cumprir as finalidades que assume em seu estatuto?

O estudo teve como objetivo geral identificar e analisar as ações da REDARTE/RJ para promover a geração de novos conhecimentos e a implementação de novas ideias, minimizando as dificuldades encontradas pelos profissionais da informação que trabalham nas instituições integrantes da Rede, de modo a otimizar o atendimento ao usuário e o enriquecimento da área de informação em arte.

¹ Entende-se que “[...] o processo de inovação é a integração de conhecimentos novos e de outros existentes para criar produtos, processos, sistemas ou serviços novos ou melhorados.” (SÁENZ; GARCÍA CAPOTE, 2002, p. 69).

E, como objetivos específicos: Verificar se a cultura organizacional e informacional da REDARTE/RJ favorece a cooperação, o trabalho colaborativo, o compartilhamento de informações e experiências e a utilização das TICs;

Analisar os processos de cooperação, compartilhamento e colaboração entre as unidades da REDARTE/RJ, constatando se a Rede pode ser considerada como uma rede social de conhecimento;

Identificar de que forma a REDARTE/RJ vem utilizando e tirando proveito da interação e da colaboração para o cumprimento das finalidades determinadas em seu estatuto.

Para isso, o presente trabalho assume a seguinte estrutura:

A seção introdutória é seguida pela seção dois, que busca conceituar informação em arte, além de apresentar um breve panorama sobre sua situação no Brasil, enfocando as dificuldades enfrentadas pelos profissionais da informação para o tratamento e a disponibilização desses acervos que possuem características tão particulares.

A seção três trata de tipologias de redes e dos processos de cooperação, compartilhamento e colaboração que permeiam essas estruturas. Destaca o ambiente fértil das redes, especialmente, as do conhecimento, e como as unidades e profissionais da informação podem fazer uso delas para a geração de novos conhecimentos, resultando em inovações nas unidades de informação.

A seção quatro discute a problemática conceitual que permeia a Gestão do Conhecimento e estabelece relações conceituais com a Gestão da Informação. Apresenta como as práticas de Gestão do Conhecimento podem ser benéficas às próprias unidades de informação, aos profissionais que nela atuam, às organizações na qual estão inseridas, aos seus usuários e aos profissionais com os quais se relacionam, particularmente, em redes.

A quinta seção procura demonstrar como as TICs podem contribuir para a colaboração e o compartilhamento de informações e de conhecimentos nas bibliotecas, possibilitando aproximação e criação conjunta entre profissionais, usuários e unidades de informação, beneficiando o trabalho nessas entidades e em redes por elas formadas.

Ainda, nessa seção, apresenta-se a cultura organizacional e informacional como determinantes ao trabalho cooperativo, colaborativo e o compartilhamento de informações e experiências em uma organização, além da interferência direta da cultura na utilização das TICs.

A seção seis traz a metodologia utilizada na realização dessa pesquisa, conferindo detalhamento ao processo de coleta e análise de dados.

A seção sete enfoca a Rede de Bibliotecas e Centros de Informação em Arte no Estado do Rio de Janeiro – REDARTE/RJ, objeto desse estudo, apresentando sua idealização, composição, estrutura e funcionamento.

Na seção oito, os dados coletados são dispostos, trabalhados e analisados.

As considerações finais encerram a parte analítica do trabalho, tecendo as últimas reflexões relacionadas a essa pesquisa, seguida por referências, anexo e apêndices.

2 A INFORMAÇÃO EM ARTE E OS PROFISSIONAIS DA INFORMAÇÃO

A informação em arte trata tanto dos discursos da arte como dos discursos sobre a arte (LIMA, 2003, p. 19). Como corrobora Pinheiro (2000, p. 8; 2008b, p. 10), ela não abrange apenas as obras artísticas, mas a “literatura sobre”, como livros, artigos e bibliografias e, mais recentemente, museus na *web* e museus virtuais.

A autora afirma, ainda, que:

Informação em arte tanto engloba os aspectos formais, descritivos, quanto os de “atributos e relações das obras de arte com a história” pois estão presentes, como em todo esforço de representação, a relação de espaço e tempo, certa historicidade e historiografia. (PINHEIRO, 2000, p. 8)

De acordo com Cunha e Cavalcanti (2008a, p. 203), a informação em arte pode ser entendida como “estudo especializado da comunicação e disseminação da informação relacionada a assuntos artísticos”.

A informação em arte é, então, um campo de extrema riqueza informacional por abarcar “[...] a própria arte (as obras, os objetos, as manifestações artísticas), a documentação da arte e a documentação sobre arte” (ALMEIDA, 1998, p. 5), demandando a atenção da Ciência da Informação para a sua necessária análise, tratamento, disseminação, preservação e expansão como campo informacional.

Por sua abrangência, o profissional da informação que trabalha em instituições cujas coleções contemplem esse tipo de informação, costuma enfrentar, diariamente, uma série de desafios no desenvolvimento de suas atividades.

Sendo assim, reflexões, preocupações, dificuldades e soluções encontradas pelos profissionais que atuam na área devem ser expostas – a exemplo do volume 37 da revista *Library Trends* (1988) – e discutidas, além de dar origem a formação de grupos multidisciplinares para a tentativa de solução compartilhada de problemas dessa esfera, podendo ser citados como exemplos de pioneirismo o Comitê de Documentação – CIDOC², instituído no âmbito do Conselho Internacional de Museus (International Council of Museums – ICOM), e as iniciativas da Fundação J. Paul Getty³.

² O CIDOC, segundo Roberts (2002), tornou-se ativo no ano de 1963, tendo sempre como proposta o desenvolvimento de normas e padrões nacionais e internacionais para o tratamento da documentação museológica e a elaboração de inventários nacionais. De acordo com o site da organização, o CIDOC possui, atualmente, mais de 750 membros de 60 países, mantendo a característica interdisciplinar do grupo.

³ Segundo Lima (2003, p. 170): “A Informação em Arte, como hoje se reconhece, pode ter seu surgimento identificado, formalmente, por ocasião de um trabalho conjunto patrocinado pela Fundação J. Paul Getty (início das atividades – 1982) voltado para pesquisa e informação de acervos museológicos, centrado num ‘sistema integrado de informação por computador’ para ‘apoiar pesquisa de história da arte em âmbito internacional’.”.

Segundo Pinheiro (2008a, p. 90), a origem da informação em arte no Brasil data dos anos 1980 e apresenta dois eixos: um operacional, decorrente da tecnologia, centrado na automação de acervos museológicos⁴; outro teórico, constituído de estudos sobre a representação desses acervos e a organização do conhecimento.

Assim, a informação em arte faz-se presente em museus, bibliotecas, centros de documentação e arquivos, onde se apresenta sob uma variedade de suportes, trazendo ao profissional da informação um cenário complexo no que tange seu adequado tratamento técnico, acondicionamento e preservação.

Para que se tenha ideia da gama de documentos que um espetáculo musical ou cênico pode gerar é apresentado o seguinte quadro:

Quadro 1 – Documentação que pode ser gerada em um espetáculo musical ou cênico

	Música	Artes Cênicas
Antes do espetáculo/apresentação musical	Projeto Manuscrito Partitura/ partes Registros sonoros para estudo (ensaio) Anotações/ comentários (ensaio) Raider técnico	Projeto Texto (peça de teatro ou outro texto e adaptação) Manuscritos Cadernos de notas Textos utilizados durante o trabalho com os atores Figurino (croquis, desenho, projeto) Adereço Cenário (projeto, maquetes, especificações, fotos) Raider técnico

Projetos pioneiros e de grande magnitude dessa Fundação foram o Art History Information Program – AHIP (1982) e o Museum Prototype Project – MPP (1983-1986) (ALLEN, 1988).

⁴ No Brasil, o processo de automação de acervos tem início no final dos anos 1980. Aponta-se como primeira iniciativa nacional desse âmbito o Projeto Portinari, que abarca toda produção artística de Cândido Portinari. Segundo seu próprio mentor, João Cândido Portinari (2000, p. 376), filho do artista: “O Projeto Portinari foi pioneiro ao propor, há 17 anos (como atesta o artigo “Portinari no Computador”, Isto É, 20/7/83, além de outros da mesma época) a utilização de processos digitais e tecnologia da informação, nas diferentes áreas de seu trabalho.”. Também merecem ressalva o Projeto Lygia Clark e o projeto Simba (Sistema de Informações do Acervo do Museu Nacional de Belas Artes). O primeiro, foi direcionado a coleção da artista plástica Lygia Clark, reunindo documentos de biblioteca, arquivo e museu. Segundo Pinheiro (1996) “[...] o Projeto Lygia Clark trabalhou apenas com uma pequena parcela do acervo do MAM [- Museu de Arte Moderna], estava voltado mais para a pesquisa propriamente dita e a sua automação foi uma consequência natural de sua evolução, com a produção de três bases de dados: bibliográficos, factuais (exposições) e artísticos (obras de arte)”. Já o projeto Simba, teve origem em 1992, objetivando “[...] organizar as informações do acervo do MNBA [- Museu Nacional de Belas Artes] de forma a garantir maior controle sobre o mesmo e ampliar o acesso e a divulgação dos dados nele contidos.” (MNBA, [199-]).

Durante o espetáculo/apresentação musical	Programa Convite Cartaz Registros sonoros Registros em vídeo Fotos Reportagens Entrevistas Anúncios	Programa Convite Cartaz Registros sonoros Registros em vídeo Fotos Anotações ou desenhos de encenação Reportagens Entrevistas Anúncios publicitários
Depois do espetáculo/apresentação musical	Críticas (mídia impressa, eletrônica e digital) Pesquisas de público Livros/ dissertações/ teses	Críticas (mídia impressa, eletrônica e digital) Pesquisas de público Livros/ dissertações/ teses

Fonte: Almeida (2007, p. 262)

Visto isso, espera-se que as ferramentas que os profissionais tenham em mãos para o tratamento desse leque de documentos sejam, também, ricas e vastas, permitindo tratamento técnico qualificado de cada item, respeitando-se as diferenças documentárias e de suporte material. No entanto, o que se verifica é um cenário completamente diferente.

Maria Christina Barbosa de Almeida, no Congresso Brasileiro de Biblioteconomia e Documentação do ano de 1991, relata a dificuldade na elaboração de um vocabulário controlado em Artes, levando-se em consideração a inexistência, àquela época, de vocabulários controlados em língua portuguesa para essa área⁵:

Não existem, na língua portuguesa, instrumentos de controle de vocabulário para a área de Artes. Para o desenvolvimento deste trabalho têm sido consultadas listas de cabeçalhos de assunto e “thesauri” em outras línguas, bem como trabalhos em áreas correlatas que apresentam um ou outro termo de Arte. (ALMEIDA, 1991, p. 931)

A experiência por ela relatada foi a primeira iniciativa nacional de que se tem registro para o desenvolvimento de um vocabulário controlado em Artes⁶. Sob sua coordenação, com o apoio do Instituto Cultural Itaú (ICI), hoje Itaú Cultural, tal linguagem documentária foi desenvolvida de 1989 a 1991 por um grupo de bibliotecários especializados em Artes.

⁵ Apesar de pretender destacar as iniciativas de âmbito nacional, não se pode deixar de mencionar, devido a abrangência e significatividade, os vocabulários desenvolvidos no âmbito do Getty Vocabulary Program: Art & Architecture Thesaurus – AAT, publicado, em versão impressa, em 1990; Union List Name – ULAN, publicado em 1994, em cópia impressa; Getty Thesaurus of Geographic Names – TGN, publicado em 1997, em arquivos legíveis por computador (THE GETTY RESEARCH INSTITUTE, [199-?]).

⁶ Embora mereça destaque como iniciativa nacional o Thesauros para acervos museológicos, elaborado por Helena Ferrez e Maria Helena Bianchini, publicado em 1987 (FERREZ; BIANCHINI, 1987). De abrangência mais específica, destaca o objeto de museu como fonte de informação.

O Vocabulário Controlado de Artes foi elaborado para dar apoio ao projeto cooperativo que previa a implantação de uma rede automatizada de informações na área de Artes em São Paulo. No entanto, nem o vocabulário foi publicado, nem a rede foi concretizada. Os possíveis motivos são os que costumam rondar os projetos de Arte e Cultura no Brasil, relatados com pesar por Almeida em sua tese: falta de planejamento e de infraestrutura, além de uma série de interesses administrativos e políticos (ALMEIDA, 1998). No entanto, essa iniciativa deu margem ao desenvolvimento de outros vocabulários na área; alguns concluídos, outros não.

A Biblioteca do Museu de Arte de São Paulo Assis Chateaubriand – MASP, instituição participante do grupo coordenado por Maria Christina Barbosa de Almeida, foi a primeira a utilizar sistematicamente o Vocabulário Controlado de Artes, além de dar início à formação do Catálogo de Autoridades, composto por nomes de entidades e artistas nacionais e estrangeiros sobre os quais havia documentos na Biblioteca do MASP. Aquele trabalho, com sua primeira fase finalizada em julho de 2009, teve como fruto a disponibilização na *web* de três bases de apoio à pesquisa: THESARTE – Vocabulário Controlado de Artes Visuais; ARTIST – Artistas Nacionais e Estrangeiros; ENTIDE – Museus, galerias e instituições artísticas e culturais, nacionais e estrangeiros (MASP, [2009?]).

De 1997 a 1999, objetivando “[...] elaborar um vocabulário que pudesse estabelecer padrões de indexação e busca, integrar os acervos e, assim, viabilizar o projeto de criação de uma rede de informações bibliográficas no IPHAN” (SOUBHIA; PIANTINO, 2000), representantes da Biblioteca Jenny Klabin, do Museu Histórico Nacional, do Museu Nacional de Belas Artes, do Paço Imperial e da 6ª Superintendência Regional, pertencentes ao Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional – IPHAN, constituíram o Grupo de Estudos sobre Vocabulário Controlado para a Rede de Bibliotecas do IPHAN.

Os profissionais do Museu Lagar Segal e da Cinemateca Brasileira, também unidades do IPHAN, verificaram a necessidade de uma linguagem comum para que o trabalho cooperativo pudesse funcionar sem ruídos. Começaram, então, com a tradução da Lista de Cabeçalhos de Assunto da Fédération Internationale des Archives du Film – FIAF.

A partir de 1990, um novo grupo de profissionais destas duas bibliotecas desenvolveu um trabalho específico na área do audiovisual, tomando como base tal tradução, acrescida dos cabeçalhos adotados em cada uma das unidades participantes. Teve início, então, a construção do Vocabulário Controlado de Cinema, Televisão e Vídeo, cuja versão preliminar foi concluída em 1996. Depois de um tempo, ele passou a abranger, também, a área de Artes Cênicas.

Essa mesma equipe, em conjunto com a Divisão de Pesquisa em Artes Cênicas do Centro Cultural São Paulo, também foi responsável pelo desenvolvimento do Vocabulário Controlado em Artes do Espetáculo. Embora Soubhia e Piantino (2000) destaquem a intenção dos dois vocabulários serem reunidos em um único, formando o Vocabulário Controlado em Artes e Patrimônio Cultural, não foram encontradas evidências da concretização dessa ação.

Destaca-se o esforço dos profissionais da informação para o desenvolvimento de linguagens documentárias a fim de proporcionar um melhor tratamento, recuperação e disseminação de informações e documentos aos usuários. Embora recentes, tais iniciativas dão origem a ricos produtos, desenvolvidos através do trabalho cooperativo e de ações inter e multidisciplinares.

Observa-se, também, como os fatores administrativo e político interferem no desenvolvimento dessas atividades, dado que as instituições de Arte e Cultura são demasiadamente atingidas por questões dessas esferas. Mudanças frequentes na estrutura administrativa das instituições e descontinuidade das atividades e projetos de gestões anteriores dificultam o diálogo entre as unidades e engessam o desenvolvimento de ferramentas, serviços e produtos de forma cooperativa ou colaborativa.

Quando se fala em tratamento técnico desses documentos, não se pode deixar de ressaltar outro problema: a interferência/ interpretação do profissional na descrição do documento. Embora essa posição possa ser questionada na indexação e catalogação de qualquer material, torna-se mais evidente e polêmica quando se trata da informação em arte⁷.

Tal problemática é muito focada em revistas especializadas, como *Art Libraries Journal* e *Art Documentation*. Lancaster, em sua obra *Indexação e Resumos*, dedica dois capítulos que merecem atenção quando se aborda o tratamento técnico da informação em arte: “Da indexação e redação de resumo de obras de ficção” (LANCASTER, 2004b, p. 199-213) e “Bases de dados de imagens e sons” (LANCASTER, 2004a, p. 214-248).

Silva (2003, p. 8-13), em revisão de literatura sobre análise e recuperação da informação em arte, conclui que é muito difícil a existência de um consenso sobre o significado de imagens. Ainda, embasado em seu levantamento, afirma que uma mesma imagem pode ter diferentes significados para diferentes pessoas ou até para uma mesma

⁷ Quando estamos nos referindo a vertente da informação em arte que trata dos “documentos da arte” e dos “documentos sobre a arte”, ou seja, aos estudos das artes, à informação em arte em sua esfera discursiva, ela também pode ser denominada informação artística ou informação estética (LIMA, 2003, p. 176-177). Nesse âmbito, ela contrapõe-se à informação semântica, pela subjetividade que possui. Tal assunto, bem trabalhado por Coelho Netto (1973) em seu livro “Introdução à teoria da informação estética”, fornece-nos elementos que permitem perceber a dificuldade enfrentada pelos profissionais da informação no tratamento técnico da informação em arte, em contraposição ao tratamento da informação científica, por exemplo – assunto esse também trabalhado por Werneck (2001) em sua tese de doutorado.

pessoa, já que o sentido de uma imagem pode mudar dependendo do contexto para o qual a informação está sendo utilizada. Silva (2000, p. 157) vai além ao afirmar que “Na representação do objeto imagético existe uma barreira quase intransponível: a substituição da imagem por palavra(s)/ conceito(s).”.

Segundo Demétrio e outros (2002):

O ciclo documentário constitui-se de uma série de procedimentos direcionados ao documento, ao ingressar em uma unidade de informação, seja ela uma biblioteca, um centro de documentação ou um arquivo. São etapas bem definidas, ações relacionadas e estrutura até chegar a disponibilização propriamente dita ao usuário final. Os materiais que foram mencionados [de informação em arte], ao possuírem características diferenciadas, e especialmente, por tratarem de temáticas subjetivas conflituam ao depararem nesses mecanismos.

As bases de dados bibliográficas são outro obstáculo na recuperação da informação em arte, já que grande parte delas não apresenta campos para a descrição das características diferenciais dos objetos e documentos de informação em arte.

E, ainda que contemplem de alguma forma tais particularidades, geralmente a falta de pessoal especializado e de recursos humanos em geral inviabiliza o devido tratamento desse material.

Destaca-se aqui o caso dos textos de peças teatrais que compõem o acervo do Centro de Documentação da Fundação Nacional de Artes – CEDOC/ FUNARTE. Parte relevante do acervo, esses documentos têm grande representatividade na demanda de usuários, tanto nacionais como estrangeiros. Constituem insumo para a formação de novos atores, críticos e diretores, para novas montagens e adaptações, além de proporcionar a análise de diferentes versões de um espetáculo, os textos de peças teatrais constituem material de grande importância para a pesquisa de alunos, professores, críticos, historiadores, atores e diretores de Artes Cênicas.

Embora o sistema utilizado pela unidade, o Poliglota⁸, apresente campo para a inserção de dados como número e sexo dos personagens, lugar e tempo onde se passa a encenação, estilo da narrativa e outras características particulares do texto teatral, não há pessoal suficiente para a realização dessa análise tão pormenorizada. Além disso, aspectos como estilo da narrativa exigem um conhecimento técnico além da especialização dos indexadores e catalogadores daquela instituição.

Em relação à questão da especialização, ressalta-se os conhecimentos específicos requeridos para o tratamento da informação em arte. Debruçando-se sobre o tratamento da

⁸ “O Poliglota é um sistema de totalmente web destinado a gestão de bibliotecas, centros de documentação, arquivo institucional e museu.” (ZENFAZ, 2011, p. 4).

informação cinematográfica, Cordeiro (1996, p. 1) afirma que “O conteúdo de alguns documentos relacionados ao filme é, às vezes, de difícil entendimento, pois envolve informações técnicas e de natureza diversa, que exigem do analista um conhecimento prévio sobre o processo de produção de filmes.”.

Esse conhecimento técnico exigido para o tratamento de filmes, documentos e demais documentos que tratam da informação em arte, não costuma ser detido pelos profissionais da informação. Como destaca Almeida (1998), os cursos de graduação em Biblioteconomia, por exemplo, não têm matérias direcionadas em sua grade curricular. A inserção de matérias específicas, ainda que como optativas, proporcionariam a formação de profissionais com um direcionamento profissional e qualificariam a mão de obra, tanto para lidar com a informação em arte como para lidar com outras áreas especializadas.

Afinal, quando entram no mercado de trabalho, além de não apresentarem conhecimento prévio da área em que irão atuar, os profissionais dificilmente recebem treinamento ou têm a oportunidade de fazer um curso de especialização apoiados pelo local de trabalho. Almeida (1998) destaca que no caso dos bibliotecários que lidam com a informação em arte, as especializações se dão ao longo dos anos, através da prática ou, em alguns poucos casos, através da busca de especialização por conta própria ou assistindo aulas nas escolas de Artes, como ouvinte.

Conhecimentos especializados no tratamento da informação em arte também são necessários porque uma parte considerável desse material encontra-se em suporte diferente do impresso, que costuma apresentar informações descritivas e temáticas bem mais evidentes do que em um cartão postal, em um disco, em uma fita k-7, em um VHS ou em suportes mais atuais como CDs, DVDs ou páginas e arquivos na *web*.

Os cuidados requeridos no manuseio e as condições especiais de armazenamento demandadas por esses materiais exigem dos profissionais e das instituições atenções especiais. Os próprios livros de Arte costumam apresentar formatos diferentes do que se tem como padrão; os materiais demandam mobiliário especial para sua guarda; documentos como imagens fotográficas, fotolitos, fitas de vídeo, CDs, CD-ROMs, DVDs, Discos, VHSs, fitas K-7, fitas rolo, cartões postais, desenhos e gravuras necessitam de climatização para a sua conservação e preservação.

Cuidados especiais também devem ser direcionados à manutenção do acesso a suportes mais antigos como discos, fitas K-7 e fitas rolo, por exemplo. Algumas instituições até se preocupam com a conservação desses materiais, mas não planejam a preservação dos

aparelhos leitores e da conversão desses suportes para outros mais modernos, tornando, dessa forma, os conteúdos inacessíveis aos usuários.

Como, geralmente, o profissional responsável pelo tratamento da informação não tem a especialização e os conhecimentos técnicos demandados pelos acervos, esse conjunto de atitudes e cuidados exigidos em seu tratamento não se completa, a catalogação deixa lacunas, a recuperação é falha, o acesso é restrito e, muitas vezes, impossibilitado.

Essa problemática foi estudada por Almeida (1998) em sua tese de doutorado. A partir de sua vivência nessa área e de pesquisas em unidades de informação da cidade de São Paulo, ela concluiu que grande parte da informação existente nas bibliotecas, nos centros de documentação e nos arquivos especializados em Artes era subutilizada porque, na prática, estava inacessível aos usuários. Tendo essa situação como plano de fundo, a autora propõe que seja realizada uma “rearquitetura dos serviços de informação em Arte” daquela cidade, a qual se faz necessária também em organizações de outras localidades brasileiras, uma vez que a realidade apresentada por ela pode ser verificada em várias instituições que contemplam em seu acervo a área de Arte e Cultura.

Outro entrave, no que tange a manutenção e a disponibilização de fontes de informação em arte, é o próprio mercado editorial, que dedica pouco espaço à área de Arte e Cultura. Infelizmente, o cenário de precariedade e desestruturação apresentado no ano de 1986, no I Infoarte – Seminário Brasileiro para Dinamização Comunitária de Acervos Documentais em Arte (BRASIL, 1988), ainda se faz presente em nosso país, onde a edição e, especialmente, a distribuição de publicações em Arte é muito restrita. Também é problemático o fato de os livros que entram no circuito editorial terem alto preço de venda, principalmente os que contêm imagens, dificultando sua aquisição pelas instituições menos abastadas.

Tais lacunas são percebidas por alunos, professores e tantos outros profissionais que atuam na área de Arte e Cultura, quando se deparam com dificuldades para encontrar um documento específico ou para realizar trabalhos de âmbito mais teórico, como destacou Brito (1988, p. 104): “[...] o mercado de arte brasileiro se torna cada vez mais forte e mais amplo[,] mas parece totalmente desinteressado em fazer um apoio teórico através de livros de arte que possam situar cada produção no seu registro correto.”.

Neste contexto, o profissional da informação, tendo a incumbência de fornecer informações especializadas aos seus usuários, incitando o desenvolvimento científico e intelectual, encontra dificuldades em seu fazer diário, além de depender substancialmente de doações e permutas para o desenvolvimento de coleções.

Em função disso, professores, curadores, escritores, críticos de arte, *marchandes* e outros pesquisadores dificilmente utilizam o acervo de bibliotecas para o desenvolvimento de seus trabalhos, como pode ser percebido pelas entrevistas realizadas por Almeida (1998) com esses profissionais. A maioria deles possui acervos pessoais e mantêm assinaturas de algumas revistas especializadas (nacionais e, em sua maioria, internacionais). Quando seus documentos não conseguem suprir suas necessidades informacionais, costumam adquirir obras ou recorrer a coleções de conhecidos. Os acervos de bibliotecas e demais centros de informação são procurados apenas em último caso.

Tal fato também ficou evidente na pesquisa realizada por Caldeira (1988) sobre o uso de fontes de informação pelos professores da Escola de Belas Artes da Universidade Federal de Minas Gerais – UFMG. Vê-se nitidamente a biblioteca em posição secundária na busca por informações, já que 72,2% dos professores que responderam o questionário afirmaram que se sentem prejudicados na obtenção de informação na Biblioteca da Escola de Belas Artes da UFMG, além de parte considerável deles deter coleções particulares, recorrer a coleções de colegas e possuir assinaturas de periódicos.

Nas entrevistas realizadas por Almeida (1998), percebe-se que os profissionais com mais anos de carreira já foram usuários assíduos de bibliotecas da cidade de São Paulo, mas em função de mudanças políticas e administrativas, que resultaram na decadência de acervos, essa frequência teve substancial redução. Os mais novos, em sua maioria, nem consideram as biblioteca como lugar de pesquisa. Segundo Almeida (1998, p. 328):

Bibliotecas, arquivos e centros de documentação estão ainda muito distantes do dia-a-dia dos profissionais das artes – à possível exceção de pesquisadores, historiadores e críticos que, em força da natureza de suas funções, devem incansavelmente buscar informação e descobrir documentos, ainda que ignotos e sepultos sob espessas camadas de poeira e indiferença. [...]. Há ressabiada credibilidade nos serviços de informação em arte, em decorrência não apenas de idéias estereotipadas sobre esses serviços, mas também de experiências traumáticas desses usuários na busca de informação, gerada pela demora – ou total impossibilidade – em localizar uma informação ou documento desejado ou pela falta de acesso, resultante de regulamentos arbitrários que, ao invés de regular o funcionamento dos serviços de consulta e empréstimo, dificultam e, muitas vezes, impossibilitam o uso do material.

Para que os serviços oferecidos sejam bem direcionados, uma das premissas é que as unidades conheçam os seus usuários. Silva (2003) explicita a necessidade de realização de estudos do perfil do usuário de informação em arte para que os serviços sejam adequados às necessidades informacionais de cada segmento e que os usuários possam sentir-se bem-vindos às instituições que por definição devem atendê-los:

O acesso e busca da informação em arte apresentam dificuldade, tanto para os provedores de informação como para os usuários, em função da complexidade na

organização e recuperação dessas informações, da multiplicidade de suportes em que se encontram, assim como na diversidade de assuntos que abrangem e na infinidade de usos que possuem. Imagens, vídeos, informações sobre técnicas, teorias e outras, compõem o universo de demanda informacional desse público. Somente a partir da perspectiva dos usuários é que se pode entender a extensão dessas dificuldades e obter subsídios para a sistematização e disponibilização dessas informações, conforme as necessidades, desejos e demandas de quem as utiliza, respeitando os hábitos e preferências verificadas, personalizando essas ofertas. (SILVA, 2003, p. 58)

No entanto, embora de extrema importância, muitas instituições nunca realizaram uma pesquisa desse tipo para conhecer seu público. Conforme verificado por Silva (2003), tanto na literatura nacional como na internacional, há poucos estudos sobre comportamento dos usuários de informação em arte, existindo a necessidade de aprofundamento e de aperfeiçoamento de técnicas de abordagem.

Segundo Almeida (1998), o perfil do usuário da informação em arte ainda não está definido entre os profissionais da informação pelos seguintes motivos:

[...] em função da multiplicidade de fontes de informação, que vão desde canais informais de comunicação interpessoal até os meios de comunicação de massa, passando pelas redes eletrônicas, pelos documentos nos mais variados suportes (impressos, audiovisuais, digitais) e pelos equipamentos culturais e educacionais disponíveis (museus, centros culturais, escolas, institutos de pesquisa, arquivos, bibliotecas, centros de documentação e bases de dados, dentre outros). (ALMEIDA, 1998, p. 311)

Pela pesquisa realizada por Freitag (1968 apud ALMEIDA, 1998, p. 304-308) constata-se que o público de informação em arte é muito heterogêneo, composto por estudantes, pós-graduandos, pesquisadores de arte, historiadores e curadores de exposições, diretores de museus e galerias, *marchands*, leiloeiros e colecionadores, arte-educadores, conservadores, artistas, *designers*, profissionais da área de Publicidade.

Uma outra reflexão é sugerida por Almeida (1998, p. 311) em relação aos usuários de informação em arte, que amplia esse universo de usuários, exige maior atenção dos profissionais da informação e das políticas públicas:

Existe uma preocupação, na Ciência da Informação, com a questão da necessidade de informação por parte dos especialistas de determinada área ou de usuários de serviços de informação – incluindo nessa preocupação tanto as necessidades expressas por esses usuários, como as necessidades latentes – bem como com o nível de satisfação dos usuários em relação aos serviços de informação disponíveis. Isto é válido para a informação científica e tecnológica, mas talvez não o seja para a área de arte, que deve ser analisada no contexto da cultura, em que informação pode ser necessidade para alguns, mas simples desejo para outros.

Levando-se em consideração a variedade de suportes, as peculiaridades do tratamento técnico, as condições especiais de armazenamento que exigem, as características e

necessidades informacionais diferenciadas de seus usuários, seria de se esperar que a informação em arte recebesse grande atenção por parte dos poderes públicos.

No entanto, ao analisar-se os anais do I Infoarte – Seminário Brasileiro para Dinamização Comunitária de Acervos Documentais em Arte (BRASIL, 1988), logo na introdução, destaca-se a falta de verba como impedimento para a realização de diversas atividades. A impossibilidade dos representantes de centros de documentação e bibliotecas de fundações, museus, universidade e centros de cultura e documentação cumprirem com os compromissos assumidos durante o Seminário, como a aquisição de acervos, a aquisição de coleções de *slides* sobre a arte brasileira e o oferecimento de treinamento é um exemplo substancial das dificuldades financeiras das instituições. Além disso, a lacuna orçamentária também foi responsável pelo adiamento das discussões proporcionadas pelo próprio evento.

Dessa forma, percebe-se a indiferença dos poderes públicos em relação às instituições que lidam com a informação em arte. Diante disso, destaca-se:

[...] A documentação e a biblioteca não são áreas prioritárias dentro de nossos museus de arte [e demais instituições de cultura] – embora, por esforço do bibliotecário ou decisão do diretor do museu, essas áreas, eventualmente, recebam alguma atenção especial. Essa ‘pouca importância’ atribuída à biblioteca é geralmente reforçada pelo reduzido número de usuários que a frequentam. Já no Museu Lasar Segall, onde a biblioteca registra elevada frequência de usuários, é objeto de atenção especial, capaz de transformá-la em setor prioritário (é prioritário porque tem usuários, ou tem usuários porque é prioritário e apresenta acervo atualizado, funcionários competentes e horário de atendimento adequado?). (ALMEIDA, 1998, p. 319)

O campo da informação em arte, embora se constitua campo rico em possibilidades de aprendizado, experiências e estudos em Ciência da Informação, é por ela pouco explorado. Observa-se que a marginalização da informação em arte não é exclusiva dos estudos em Ciência da Informação, fazendo-se presente, inclusive, nas políticas públicas de informação, como exposto por Pinheiro (1997, p. 11): “Abordar políticas públicas de informação, no Brasil, é evidenciar a associação de informação tão somente ao desenvolvimento científico e tecnológico, numa visão parcial e fragmentada de desenvolvimento, na qual Arte e Cultura não são partícipes.”.

Essa imagem de descaso com o campo de Arte e Cultura tem caráter histórico no Brasil. Rubim (2008) traça um panorama das relações entre formas de governo e políticas culturais, desde o colonialismo até o Governo Lula/ Gilberto Gil. Embora a área de Arte e Cultura tenha recebido alguma atenção nos últimos anos – como pode ser constatado pela

análise de programas governamentais implantados no âmbito do Ministério da Cultura⁹ – as iniciativas não são suficientes para a ascensão dessa área enquanto campo informacional. Principalmente, quando tem que dividir verbas e espaço com outras áreas do conhecimento, mais valorizadas pelos governantes e pela sociedade.

Visto isso, algumas atitudes vêm sendo tomadas para a amenização dos problemas apontados. Uma vez que as propostas governamentais não acompanham as necessidades das unidades de informação, as ações de grupos sociais e profissionais, como a formação de redes de bibliotecas e redes de conhecimento por profissionais da informação, constituem-se em uma alternativa para minimizar as dificuldades encontradas pela Arte e Cultura no Brasil.

⁹ Cf. “Políticas, programas e ações” no site do Ministério da Cultura, disponível em: <<http://www.cultura.gov.br/site/categoria/politicas/>>.

3 REDES: CONEXÃO E INTERAÇÃO

Observa-se um crescimento exponencial de informações e documentos e um mundo cada vez mais globalizado, onde se faz necessário o desenvolvimento de métodos e a exploração de ferramentas em busca de uma maior comunicação e interação entre os atores desse cenário.

A Internet, embora não tenha sido criada com esse objetivo, é utilizada para aproximar as pessoas e promover o intercâmbio de informações e conhecimentos. As ligações por ela proporcionadas tornam possível a localização e o acesso mais facilitado a informações, documentos, organizações e indivíduos, sem que precisem ser levados em consideração fatores como a distância entre as entidades ou o fuso horário que as separa.

E esse relacionamento se dá sem que haja necessidade da centralização da comunicação por um indivíduo ou uma instituição, pois pode ocorrer simultaneamente, a partir de vários pontos da rede. De acordo com Castells (2003, p. 8), estudioso que destaca a relação entre os avanços da Internet e as mudanças ocorridas nas formas de comunicação e de organização social: “A Internet é um meio de comunicação que permite, pela primeira vez, a comunicação de muitos com muitos, num momento escolhido, em escala global.”.

Além da rede mundial de computadores, Internet, há na literatura menção a outras categorias de redes, referindo-se a pessoas e organizações, como as redes sociais, as redes de bibliotecas, as redes de informação e as redes de conhecimento. Comum a todas elas é o sentido de ligação, nós, elos e tramas, já que, etimologicamente, a palavra “rede” vem do latim *retis*, que significa “entrelaçamento de fios, cordas, cordéis, arames etc... como aberturas regulares, fixadas por malhas, formando uma espécie de tecido.” (CUNHA, 1998, p. 669).

Importante resaltar que foi no século XVIII que os engenheiros cartógrafos passaram a utilizar a palavra “rede” para representar territórios, tornando-se esse o início do conceito de “redes” atrelado à relação de espaço-tempo (DIAS, 2005).

Segundo Marteleto (2001, p. 72), na área acadêmica, as redes começaram a ser estudadas a partir do campo das relações internacionais, tendo início com o fim da II Guerra Mundial e progredido com o fim da Guerra Fria, quando há uma redefinição dos atores nas relações internacionais.

Hoje, as redes e seus fluxos são objetos de estudo de diversas áreas. Luna e Velasco (2006, p. 15) afirmam que além dos diferentes enfoques, concepções e abordagens que a

investigação sobre redes pode assumir, elas podem ser concebidas como um ambiente de aprendizagem, como um sistema de comunicação ou como um meio de integração.

Embora Santos (2006, p. 176) encare essa variedade de forma negativa:

A voga que a palavra e a idéia de rede estão encontrando, tanto nas ciências exatas como sociais, como na vida prática, paga o preço a essa popularidade. A polissemia do vocábulo tudo invade, afrouxa seu sentido e, pode, por isso, prestar-se a imprecisões e ambiguidades, quando o termo é usado para definir situações.

No presente estudo vê-se a oportunidade de aprofundamento em relação à conceituação desse termo, levando em consideração diferentes perspectivas.

Sob o enfoque administrativo-social, as redes podem ser entendidas como “[...] formas de organização e de ação dos atores sociais, visando promover uma mudança, podendo ser ela de cunho econômico ou não.” (ANDION, 2003, p. 1047).

Embasado nas mudanças sociais e conjunturais alavancadas pela reconsideração de fatores como tempo e espaço, o geógrafo Milton Santos afirma que independente da forma que assume, o conceito de rede costuma se enquadrar em dois grupos: o material e o social, destacando o lado social – as pessoas e seus valores – como insumo para a concretização dessa forma de organização (SANTOS, 2006, p. 176-177).

O Dicionário de Biblioteconomia e Arquivologia (CUNHA; CAVALCANTI, 2008, p. 309-331) apresenta uma série de definições para o termo, em diferentes campos e sob diferentes aspectos, como rede bibliotecária, rede de informação, rede documentária, rede semântica e rede social. Cunha e Cavalcanti (2008, p. 309) salientam que na área de Biblioteconomia muitos autores tomam o termo rede por sinônimo de sistema.

Embora essa postura seja assumida por alguns, Valera Orol, Garcia Melero e Gonzalez Guitian (1988, p. 217-218), admitem que redes e sistemas possuem características comuns, mas designam coisas distintas. De acordo com eles, quando falamos de sistemas, estamos nos referindo a várias unidades ligadas a uma mesma unidade administrativa; já nas redes, a autonomia administrativa prepondera. Em conformidade com os autores, entendemos redes e sistemas como termos de significações distintas.

Em seu livro “*Networks* - redes de conexões: pessoas conectando-se com pessoas”, Lipnack e Stamps utilizam o termo *network* para designar redes de conexão. Segundo eles, “Um *network* é uma teia de participantes autônomos, unidos por valores e interesses compartilhados [...]. Trabalhar em redes de conexões significa pessoas conectando-se com pessoas, unindo idéias e recursos.” (1992, p. 3).

Assim sendo, conclui-se que as redes são constituídas de nós, que se unem através de tramas, que dão suporte à comunicação e sustentam essa estrutura. Como a comunicação é

inerente ao desenvolvimento humano e as redes são capazes de intensificar interações, elas são vistas como mecanismos capazes de proporcionar um maior crescimento empresarial, profissional, regional, social e econômico.

Mas para que isso aconteça de forma sustentável, algumas características devem permear o trabalho em rede:

Objetivos compartilhados – os objetivos devem ser compartilhados por todos os membros do grupo. Quando são comuns e claros a todos os componentes da rede, as atividades seguirão na direção esperada. Se as vias tomadas pelos integrantes divergirem, a rede não funcionará conforme desejado.

Linguagem comum – é essencial que a linguagem utilizada seja comum a todos os elementos da rede. Se ela não atingir os componentes do grupo em sua integralidade, a rede não poderá contar com a colaboração de todos e a comunicação e o entendimento serão comprometidos.

Livre intercomunicação – o fluxo de informações deve ser livre entre os elos da rede. Não deve haver barreiras entre os atores e os ruídos devem ser evitados na comunicação.

Solidariedade – não deve haver uma parcela de componentes apenas absorvendo informações e tirando vantagens das relações estabelecidas. Ganhos e doações devem ser mútuos e balanceados entre os integrantes.

Embora autores como Bastos ([200-]) assinalem a horizontalidade e a multiliderança como demarcadores do trabalho em rede, levando em consideração as classificações de estudiosos como Inojosa (1999), que serão apresentadas a seguir, pode-se perceber que essas características não são peculiares a todas as redes, já que nas redes tuteladas e nas redes subordinadas, por exemplo, nem todos têm o mesmo poder de decisão e, embora não haja uma chefia determinada, nem todos os componentes possuem o mesmo papel, a mesma posição hierárquica nessa estrutura.

Como as redes vêm sendo utilizadas por diversos segmentos e com diferentes objetivos, é possível observar distintas formas de organização dos nós que compõem essas

estruturas. Fato este que influencia diretamente no fluxo informacional da rede, como pode ser observado nas classificações destacadas abaixo.

De acordo com Inojosa (1999), considerando as relações entre seus membros, as redes podem ser:

Redes autônomas ou orgânicas – são redes constituídas espontaneamente, quando entes autônomos decidem se articular em torno de uma ideia comum. O controle é compartilhado pelos membros, onde cada qual mantém sua identidade e as relações são mais horizontais.

Redes tuteladas – os componentes têm um pouco mais de autonomia, embora um “nó” seja responsável pelo delineamento e “condução” da rede. Este “nó” geralmente é escolhido como núcleo por sua capacidade técnica ou financeira. A rede tende a ficar prejudicada ou até inativa caso esse elemento decida se afastar.

Redes subordinadas – onde há uma motivação comum e os membros compartilham uma mesma visão, porém eles são parte de uma organização ou sistema com um controle central. Nesse tipo de rede há pouca autonomia, pois as articulações são pré-definidas e aceitas pelos membros. São exemplos desse tipo de organização, as redes de lojas e as redes de escolas públicas.

Valera Orol, Garcia Melero e Gonzalez Guitian (1988) apresentam uma classificação para as redes de bibliotecas segundo sua arquitetura. Acredita-se que tal divisão, muito semelhante àquela comumente conferida às redes de computadores, pode ser atribuída a outros tipos de redes:

Redes em estrelas ou centralizadas – um membro da rede detém a maior parte dos recursos e os controla. Os demais integrantes utilizam-se desse serviço ou produto;

Redes descentralizadas ou distribuídas – os membros possuem recursos similares, embora distintos, e cada membro da rede recorre ao recurso que o outro detém, quando necessário;

Redes centralizadas distribuídas – alguns integrantes controlam a comunicação, atuando como nós distribuidores de informação e recursos;

Redes em anel – distingue-se da rede descentralizada ou distribuída apenas por haver uma ordem pré-fixada de comunicação entre os nós que constituem a rede.

Redes hierárquicas – os que possuem mais recursos costumam ter maior poder de decisão. No entanto, as esferas de nível hierárquico superior só são acionadas quando a demanda não consegue ser saciada nos níveis inferiores.

Cendón (2005, p. 80-83) afirma que os tipos mais comuns de redes na área informacional, considerando seus objetivos funcionais, são:

Redes de serviços e de apoio institucional – visam o compartilhamento de dados, o desenvolvimento de padrões comuns e a comutação bibliográfica entre as unidades. Para a autora, essas redes abrigam dois subtipos: as redes de catalogação cooperativa e as redes de comutação bibliográfica e envio de documentos;

Redes de serviços de busca e recuperação da informação – buscam, principalmente, a identificação e o compartilhamento de recursos informacionais. Também se dividem em subníveis: redes cooperativas nacionais e internacionais e serviços de busca e recuperação de informação dos distribuidores de bases de dados.

Também enfocando a área informacional, Tomaél (2005b) apresentou uma categorização que resultou em cinco tipos de redes:

Redes de Compatibilização da Informação (RCI) – incluem serviços e unidades de informação que reúnem seus catálogos em catálogos coletivos;

Redes de Processamento da Informação (RPI) – o cerne dessa rede é a catalogação cooperativa;

Redes de Serviços de Informação (RSI) – o principal objetivo da participação na rede é o empréstimo entre bibliotecas e a comutação bibliográfica;

Redes de Informação Especializada (RIE) – fazem parte dessa categoria redes que tratam de um ramo específico, dentro de uma área do conhecimento, e desenvolvem atividades diferenciadas, oferecendo serviços com valor agregado. O principal serviço prestado por esse tipo de rede é o de indexação e resumos;

Redes de Informação Digital (RID) – distinguem-se por utilizarem amplamente os recursos da Internet e, na maioria das vezes, oferecem a informação ou o documento, ao invés de apenas sua localização.

Levando-se em consideração que essas estruturas são capazes de otimizar além da comunicação, o trabalho colaborativo entre os integrantes do grupo, Creech e Willard (2001, p. 10-11) apresentam diferentes tipos de redes como modelos de colaboração:

Redes Internas de Gestão do Conhecimento – redes que evoluem através do mapeamento do conhecimento e das áreas de especialização dos membros da organização/ rede, combinada com a criação de ambientes adequados para partilha de conhecimento. Sua finalidade principal é maximizar a aplicação dos conhecimentos individuais para atingir os objetivos organizacionais/ coletivos.

Alianças Estratégicas – comum nos setores privados, são arranjos intencionais entre organizações com interesses comuns, que permitem às empresas participantes ganharem vantagem competitiva em relação a seus concorrentes fora da rede.

Comunidades de Prática – comunidades formadas por dois ou mais indivíduos para a conversação e o compartilhamento de informação, visando o desenvolvimento de novas ideias e processos. O que move essas comunidades é a intenção de fortalecer as habilidades individuais através do compartilhamento de *expertise*.

Redes de Especialistas – segundo os autores, são aquelas que reúnem preferencialmente indivíduos, ao invés de organizações. O convite para se juntar à rede é baseado na especialidade, em uma área de conhecimento específica (CREENCH; WILLARD, 2001, p. 11). No entanto, merece ressalva o fato de que todos os tipos redes sociais têm como pressuposto a reunião de indivíduos, não sendo

esta uma característica apenas das redes de especialistas como colocam os autores. Este tipo de rede reúne profissionais de uma ou mais áreas de conhecimento, que podem ou não estar representando suas organizações. Os especialistas, se conectam, oferecem ajuda mútua, compartilham ideias e valores e desenvolvem estudos relacionados às temáticas da rede.

Redes de Informação – promovem, primeiramente, o acesso à informação fornecida por membros da rede e ocasionalmente se organizam por assuntos. São fundamentalmente de natureza passiva, tendo os membros que irem à rede para se beneficiar de seu trabalho.

Redes de Conhecimento Formal – para um segmento específico da organização, sua força encontra-se no impacto que as interações proporcionadas por essa rede exerce sobre os decisores da organização.

As diversas categorias, apresentadas por diferentes autores, muitas vezes se sobrepõem; são olhares que partem de critérios distintos. É importante destacar que, na literatura, não há unanimidade na conceituação desses termos. Por isso, o tema merece a elaboração de uma taxonomia, com uma reflexão mais profunda sobre a estrutura classificatória para os diferentes tipos de redes sociais e seus conceitos¹⁰.

Além das diferentes formas de organização entre os nós da rede, que interferem diretamente na comunicação entre eles, também se faz necessário, para este trabalho, estabelecer diferenças entre os tipos de redes, levando-se em consideração seu objeto de compartilhamento e/ou produto(s) gerado(s) a partir das relações estabelecidas:

Redes de bibliotecas – constituem um conjunto de bibliotecas ou sistemas de bibliotecas que, embora conectados, mantêm sua *autonomia administrativa*; sendo a *cooperação entre as instituições* o sustentáculo da rede (VALERA OROL; GARCIA MELERO; GONZALEZ GUITIAN, 1988, p. 218)

Redes de informação – visam a reunião de pessoas ou organizações para o *intercâmbio de informações*, colaborando para a *organização de produtos e disponibilização de*

¹⁰ Identifica-se a necessidade da elaboração de uma taxonomia sobre o domínio das redes, devido a certa sobreposição e pouca clareza no critério de diferentes autores.

serviços, que seriam impossibilitados se não houvesse a participação das partes (TOMAÉL, 2005b).

Redes de conhecimento – também primam pela interação, mas o objeto de compartilhamento é, principalmente, a informação e o conhecimento. É através dessas redes que *conhecimentos, experiências e vivências individuais são compartilhados*, visando benefícios recíprocos (TOMAÉL, 2008). *Compreendem o desenvolvimento de novas ideias, conhecimentos e processos*, decorrentes da interação entre os atores que a compõem, fortalecendo estoques individuais e coletivos sobre determinado objeto (TOMAÉL, 2005a).

Embora se diferenciem quanto ao propósito da interação, os três tipos de redes elencados podem ser considerados redes sociais, já que se trata de um conjunto de entes autônomos, que unem ideias e recursos em torno de objetivos e interesses comuns (MARTELETO, 2001, p. 72).

A conceituação estabelecida, que será utilizada no decorrer deste trabalho, é proveniente do levantamento em textos de autores que possuem destaque e relevância em Ciência da Informação e por serem capazes de fornecer respaldo teórico para a análise da rede que será estudada: a Rede de Bibliotecas e Centros de Informação em Arte no Estado do Rio de Janeiro (REDARTE/RJ).

Outro fator que merece ser citado é o fato de que, hoje, quando se fala em rede, tende-se a associar as atividades à rede eletrônica. No entanto, a atuação em rede já existe há muitos anos: Barabási (c2002) e Watts (1999) destacam que a metáfora da rede foi utilizada pela primeira vez em 1736 pelo matemático Leonard Euler; na comunicação científica, a organização em rede é comum há vários anos – exemplo disso são os colégios invisíveis¹¹; Ribas e Ziviani (2008) afirmam que a Antropologia, a Sociologia e a Psicologia já mencionavam o termo redes sociais, como o entendemos atualmente, desde 1930; Elias (1994, p. 56) expõe que os seres humanos ajustam-se uns aos outros e precisam de redes de relações, forma como é constituída a própria sociedade – segundo o autor, “o indivíduo só pode ser entendido em termos de sua vida em comum com os outros”, seja nas redes familiares, nas associações profissionais ou religiosas; Capra (c1996) vai um pouco além, relacionando a

¹¹ Sobre o assunto, cf. Meadows (1999).

rede à dinâmica de vida, ao afirmar que todos os membros de uma comunidade ecológica estão interligados em uma vasta e intrincada rede de relações: a teia da vida.

No entanto, não se pode deixar de considerar o fato de que as tecnologias de informação e comunicação (TICs) têm se expandido e, de certa forma, aperfeiçoado esse fenômeno¹², como afirma Castells (2009, p. 565): “Embora a forma de organização social em redes tenha existido em outros tempos e espaços, o novo paradigma da tecnologia da informação fornece a base material para sua expansão penetrante em toda a estrutura social.”.

Essas ferramentas são capazes de intensificar a interação entre os nós das redes por permitirem a comunicação de “muitos para muitos”, além de tornarem o processo interacional mais democrático, por desconsiderarem os fatores tempo e espaço.

Com ou sem a tecnologia suportando a rede, o importante são as informações e os conhecimentos que circulam por essa estrutura. Como um espaço de interação, a formação em rede possibilita, a cada contato entre seus nós, acesso a diferentes informações e amplia a possibilidade de geração de novos conhecimentos. De acordo com Tomaél, Alcará e Di Chiara (2005, p. 95):

A interação constante ocasiona mudanças estruturais e, em relação às interações em que a troca é a informação, a mudança estrutural que pode ser percebida é a do conhecimento, quanto mais informação trocamos com o ambiente que nos cerca, com os atores da nossa rede, maior será nossa bagagem de conhecimento, maior será nosso estoque de informação [...].

As redes, portanto, podem ser encaradas como veículos propulsores da inovação, sendo desencadeadoras de transformações pessoais, profissionais, organizacionais, econômicas e sociais, permitindo, inclusive, o fortalecimento de áreas do conhecimento e a otimização de processos de trabalho.

Para que se entenda melhor esse processo, vale a pena enfocar os processos de cooperação, colaboração e compartilhamento, que costumam permear o trabalho em rede.

3.1 Cooperação, Compartilhamento e Colaboração em Unidades de Informação

Independentemente do ângulo sob o qual o conceito de rede é abordado, impregnado está o sentido de cooperação, colaboração e/ou compartilhamento.

¹² Sobre a relação entre o desenvolvimento tecnológico e o das redes de bibliotecas, cf. Markuson (c1980).

Como corroboram Castells (2009) e Tomaél (2008), o trabalho em rede deve ser calcado por um senso colaborativo, convergido em objetivos comuns. Para o primeiro, “redes são estruturas capazes de expandir de forma ilimitada, integrando novos nós desde que consigam comunicar-se dentro da rede, ou seja, desde que compartilhem os mesmos códigos.” (CASTELLS, 2009, p. 566); já para o segundo, “Quando se aborda o tema rede, impregnada em seu conceito está a concepção de cooperação, por serem as redes responsáveis pelas articulações entre diferentes atores que interagem [...] e fortalecem todo o conjunto [...]” (TOMAÉL, 2008, p. 1).

Na literatura, algumas vezes, os termos cooperação, colaboração e compartilhamento aparecem como sinônimos. Segundo o Dicionário Michaelis (WEISZFLOG, [200-]), colaboração significa o ato de colaborar, cooperar, ajudar. Daí, alguns autores encararem colaboração como sinônimo de cooperação. No entanto, os termos possuem significações distintas, como afirma Dillenbourg (1999, p. 8, tradução nossa): “Na cooperação, os parceiros repartem o trabalho, resolvem as sub-tarefas individualmente e então juntam os resultados parciais em um resultado final. Em colaboração, os parceiros fazem o trabalho 'juntos'”.

Já os termos colaboração e compartilhamento relacionam-se da seguinte forma: o compartilhamento está ligado à vontade ou desejo de doar, dividir, ajudar, auxiliar; já a colaboração pode ser entendida como um ato conjunto, visando atingir objetivos comuns (ALVES; BARBOSA, 2010).

A cooperação é algo inerente à existência humana, à animal e à vegetal. A natureza vive em um próprio ciclo de cooperação: “[...] as plantas geram o oxigênio absorvido pelos animais, que devolvem o carbono para ser absorvido pelas plantas, onde é reiniciado o processo.” (SILVA, 1986, p. 211). Entre os animais, o exemplo mais claro é o dos chamados insetos sociais, como as formigas e as abelhas; sendo também formas comuns de cooperação animal o mutualismo e a protocooperação.

No que tange à cooperação humana, Silva (1986, p. 211) lista uma série de exemplos que demonstra sua historicidade:

Na Antiguidade, as Orglonas, as Tiasas e os Colégios são exemplos de associações cooperativas. As Frutières da França, as comunidades agrárias Zadruga, Mil e Artel são marcos da Idade Média. Na era moderna as obras de cunho social, *La República*, de Platão (428-437 a.C.), *Utopia*, de Thomas Morus (1478-1535), *a Cidade do Sol*, de Tomasso Campanella (1558-1639), *A Nova Atlântica*, de Francis Bacon (1561-1639), e *O Novo Testamento* ganham notoriedade e inspiram movimentos significativos como as colônias de cunho religioso e as missões jesuítas, onde a cooperação tinha papel preponderante.

Entre os profissionais da informação, a cooperação, a colaboração e o compartilhamento sempre estiveram presentes; seja por serem opções para minimizar as

lacunas providas da escassez de recursos para o exercício de suas atividades, seja com o objetivo de melhor atender aos usuários.

Como destaca Sisson (1975), ainda que alguns profissionais vejam pontos negativos nessas formas de ajuda mútua, como a possibilidade de materiais emprestados não serem devolvidos ou serem danificados, o autor afirma que o atendimento ao usuário deve ser preponderante nessa questão:

Algun grau de cooperação entre as bibliotecas sempre existiu, mas a capacidade de fornecer aos usuários os melhores recursos depende da melhoria das relações entre as instituições. A abordagem mais informal em pequenas redes geralmente resulta no respeito mútuo e em uma maior disposição para emprestar materiais. Não há espaço em cooperativas para a arrogância e é muito melhor evitar, não importa o quão importante seja sua coleção, uma instituição mais obcecada com sua auto-estima do que com as necessidades de seus usuários. (SISSON, 1975, p. 503, tradução nossa)

Embora de maneira mais evidente e estruturado nos dias de hoje, o trabalho cooperativo entre bibliotecas é histórico. Em seu artigo, Kraus (1975) relata que a ideia de bibliotecas trabalharem cooperativamente para oferecerem acesso a livros que não estavam disponíveis em bibliotecas da região é algo enraizado na história da Biblioteconomia. Segundo o autor, é possível encontrar catálogos do século XIII em várias bibliotecas de mosteiros. Um exemplo notável seria o *Registrum librorum Angliae*, manuscrito localizado em 138 mosteiros da Inglaterra e da Escócia. É possível encontrar no *Advice on Establishing a Library*, de Gabriel Naudé, escrito em 1627, a advertência de que os catálogos deveriam ser cuidadosamente preparados para que “um amigo” pudesse orientar o pesquisador a encontrar uma cópia da obra solicitada e não disponível em seu acervo (KRAUS, 1975).

Outros exemplos de cooperação entre bibliotecas podem ser encontrados no artigo de Wormann (1968), como o acordo de intercâmbio entre as universidades de Lund, Abo e Greifswald em 1740, um projeto de unificação dos catálogos das bibliotecas de Weimar e Jena, a proposta de um sistema coordenado de aquisições e a tentativa de elaborar uma bibliografia com as obras confiscadas durante a Revolução Francesa e depositadas em bibliotecas.

Nos Estados Unidos, um relatório publicado em 1936 pelo Committee on Federal Relations da American Library Association – ALA é apontado como marco da cooperação interbibliotecária no país (KITTEL, 1975). Já no Canadá, o ano de 1850 é destacado como o início da cooperação entre bibliotecas, instituída por Egerton Ryerson, fundador do sistema educacional do Upper Canada – hoje, Ontário – e Joseph Howe José, secretário da Nova Escócia Provincial, que era responsável pela área de Educação (MORTON, 1975). Para a

Inglaterra, a formação da British Library é mencionada como o evento mais importante para a cooperação entre unidades de informação (PLAISTER, 1975).

Em seu artigo sobre a cooperação na América Latina, Jackson (1975, p. 379) afirma que a maioria dos serviços cooperativos concentra-se no Caribe e na América Central, embora até nessas regiões o número seja relativamente pequeno. De acordo com o autor, àquela época, a atividade cooperativa na América Latina ainda era composta por arranjos pessoais, sendo acordos cooperativos institucionalizados, marcantes nos Estados Unidos¹³, pouco observados. Ele também relata que, em virtude disso, as associações de bibliotecários e as conferências – ambientes de encontros – eram provavelmente os veículos mais utilizados nos esforços de cooperação para melhorar o serviço das bibliotecas latino-americanas.

Encontra-se no artigo de Krzyzanowski (2007) um histórico sobre a cooperação entre bibliotecas brasileiras que remonta à década de 1950.

É notório que a criação, em 1954, do Instituto Brasileiro de Biblioteconomia e Documentação (IBBD), hoje, Instituto Brasileiro de Informação em Ciência e Tecnologia (IBICT) teve grande contribuição nesse processo, tendo sido uma de suas primeiras ações a criação do Catálogo Coletivo Nacional – CCN.

Na década de 1960, destaca-se a iniciativa da Biblioteca Regional de Medicina – BIREME, atual Centro Latino-Americano e do Caribe de Informação em Ciência da Saúde, como propulsora do trabalho cooperativo, tendo o termo em sua descrição: “A BIREME é um Centro Especializado da OPAS/OMS para a *cooperação* técnica em informação e comunicação científica em saúde na Região das Américas” (BIREME, [200-]). Destacam-se as bibliografias especializadas e o surgimento do Projeto BIBLIODATA/CALCO como marco do trabalho cooperativo brasileiro na década de 1970.

Devido à crise econômica que assolou o país nos anos 1980 e à dificuldade enfrentada pelas instituições na aquisição de títulos e na manutenção de coleções, especialmente de periódicos, foi nesse período que as bibliotecas intensificaram os trabalhos cooperativos, através da constituição de sistemas ou redes de informação e do lançamento do Programa de Comutação Bibliográfica – COMUT. Em 1986, também com o objetivo do intercâmbio de documentos, foi implantado o Programa Nacional de Bibliotecas Universitárias – PNBUS, que recebeu apoio do Ministério da Educação – MEC, e foi acompanhado pelo Programa de Aquisição Planificada de Periódicos – PAP.

¹³ Cf. Markuson (c1980); Stevens (1975); Stevens (c1980); Swartz (1975).

A década de 1990 foi marcada por iniciativas conjuntas de automação de bibliotecas e de catálogos, além do acesso a base de dados; os anos 2000, pela formação de bibliotecas digitais.

Independentemente do país estudado, a cooperação visava, principalmente, a permuta de materiais bibliográficos¹⁴. No entanto, essa parceria entre os profissionais da informação foi tomando novas formas e passou a contemplar, também, o compartilhamento de recursos, informações e conhecimentos, e a colaboração, mediante o desenvolvimento de sistemas, produtos e serviços de forma conjunta e/ ou integrada¹⁵.

Hoje, as redes, especialmente as de conhecimento, constituem-se em ambiente propício para o desenvolvimento de novas ideias, produtos, serviços e redesenho de processos de trabalho, decorrentes do fortalecimento de estoques individuais e coletivos de conhecimento, propiciado pelo compartilhamento de informações e experiências. Afinal, o fato de compartilhar informações e conhecimentos, como no caso das redes, deve estar atrelado ao sentido de aprendizagem: “[...] o compartilhamento da informação e do conhecimento só terá resultado se implicar um processo de aprendizagem, pois o simples acesso sem esse processo não modifica a realidade, perde, portanto, o sentido.” (TOMAÉL; ALCARÁ; DI CHIARA, 2005, p. 95).

As redes oferecem a possibilidade de consulta a indivíduos que já passaram por situações semelhantes e que podem compartilhar experiências, dar conselhos, expor seu ponto de vista e auxiliar na resolução de problemas.

Além disso, o conhecimento veiculado em determinadas redes tende a ser especializado, já que os integrantes costumam se reunir por terem áreas comuns de interesse e, geralmente, algum conhecimento sobre o assunto, agregando valor às informações trocadas, aos relatos compartilhados e aumentando a possibilidade do desenvolvimento de produtos e serviços de forma colaborativa, incitando à inovação.

Cabe ressaltar, ainda, que as redes só terão sucesso se contarem com o comprometimento de seus integrantes, posto que a maioria dessas estruturas é mantida a partir da solidariedade de seus membros.

A participação de profissionais da informação nessas redes proporcionam a resolução conjunta de problemas, a geração de novos conhecimentos, resultando em inovações, relacionadas, nas unidades de informação, principalmente, à criação e/ou reformulação de produtos e serviços.

¹⁴ Cf. Butler et al. (2006).

¹⁵ Cf. Merlo Vega (1999).

Para que se compreenda as estruturas em rede e os benefícios que ela pode proporcionar, faz-se necessário entender o processo de compartilhamento de informações e de conhecimentos e as práticas colaborativas. Visto que a área que se preocupa com tais ações é a Gestão do Conhecimento, é dela que tratará a próxima seção.

4 GESTÃO DA INFORMAÇÃO E GESTÃO DO CONHECIMENTO: RELAÇÕES CONCEITUAIS E APLICAÇÃO NAS UNIDADES DE INFORMAÇÃO

Em meio à globalização e a um ambiente de alta competitividade, muitas instituições brasileiras têm utilizado ferramentas de Gestão do Conhecimento (GC) em busca de um posicionamento estratégico. Expressões como “comunidades de prática”, “gestão de competências”, “melhores práticas”, “mapeamento organizacional”, “listas amarelas” e “comunidades virtuais” fazem parte do discurso de muitas empresas, embora não exista consenso do que seja a Gestão do Conhecimento.

Ao analisar estudos de casos de empresas que relatam a implantação de práticas de GC em seus ambientes organizacionais, nota-se que muitas organizações denominam outras práticas de gestão como sendo GC, além de encontrarem certa dificuldade na distinção entre Gestão do Conhecimento e Gestão da Informação (GI).

Tal fenômeno leva alguns autores da Ciência da Informação – como Wilson (2002) – a considerarem a GC como mero modismo. O que, no entanto, contraria a visão de diversos outros estudiosos, também da Ciência da Informação, entre os quais Alvarenga Neto (2005) e Barbosa (2008).

A inexistência de um consenso conceitual acerca da temática se faz notória na literatura da área, com abordagens que vão desde a Informática até a Ciência da Informação, destacando o caráter multidisciplinar da GC. Ressalta-se que se a distância entre as áreas que possuem a informação e o conhecimento como objetos de estudo fosse minimizada, os problemas, entre eles os de ordem terminológica, seriam menores.

É nos periódicos especializados, que são considerados veículos elementares de comunicação científica e que possibilitam disseminar e fomentar a consonância em relação ao vocabulário, às ideias, aos princípios e aos conceitos da área, onde essas indefinições ficam mais evidentes. O termo “Gestão do Conhecimento” tem sido utilizado em artigos para denominar práticas distintas, sob enfoques diversificados, o que é provável resultado das múltiplas contribuições para esta área, que vão da Inteligência Artificial/Ciência da Computação, à Administração e à Ciência da Informação.

No entanto, essa imprecisão terminológica, ainda que se faça presente, não compromete muitos dos resultados positivos que a GC vem obtendo. Deve-se acrescentar que essa almejada concepção uniforme torna-se ainda mais difícil quando se fala de organismos vivos, como instituições, sua cultura e seus recursos humanos. Todos abarcados pela Gestão

do Conhecimento, disciplina complexa e que não deve ser vista de forma estereotipada, simplista.

Afinal, esse debate é mais denso do que se imagina, já que para definir a Gestão do Conhecimento é necessário ampliar o escopo de análise. Como afirmam Alvarenga Neto, Barbosa e Pereira (2007, p. 7), “A discussão terminológica acerca da GC alimenta-se da indefinição e de toda a controvérsia sobre os conceitos e linhas divisórias entre dado, informação, conhecimento e sabedoria.”, sendo o último elemento substituído por alguns estudiosos por inteligência ou aprendizagem.

A busca por definições – especialmente, de dado, informação e conhecimento – também rende discussões conceituais e epistemológicas no campo da Ciência da Informação¹⁶. Sendo assim, a GC, quando estudada pelo viés dessa ciência, encara os problemas por ela enfrentados.

Para efeitos dessa pesquisa, embasados em Alvarenga Neto (2005), Barreto (1994, 1999), Cianconi (2003), Davenport e Prusak (1998), e Setzer (1999, 2004), considera-se:

Dado – conjunto de símbolos quantificados e quantificáveis, uma entidade matemática, tendo caráter sintático; é objetivo, por não depender nem ter interferência do ator que o observa;

Informação – seria o dado contextualizado, com significado; por isso, está relacionada à semântica; “está na mente de alguém, representando algo significativo para essa pessoa.” (SETZER, 1999); é objetiva-subjetiva, pois é descrita ou captada de forma objetiva, mas dependente do usuário para sua interpretação. Barreto (1999) conceitua informação como “conjuntos significantes com a competência e a intenção de gerar conhecimento no indivíduo, em seu grupo, ou na sociedade”.

Conhecimento – “[...] é uma mistura fluida de experiência condensada, valores, informação contextual e insight experimentado, a qual proporciona uma estrutura para a avaliação e incorporação de novas experiências e informações.” (DAVENPORT; PRUSAK, 1998, p. 5)

¹⁶ Teóricos da área, como Belkin e Robertson (1976), Buckland (1991) e Capurro (2003), assumem a dificuldade para se definir o termo informação, por exemplo, decidindo cada qual fazê-lo a partir de um recorte específico. Abordagens mais amplas, sobre as diferenças entre dado, informação e conhecimento podem ser encontradas em Alvarenga Neto (2005, p. 32-36); Cianconi (2003); Davenport (1998, p. 18-23); Robredo (2003); Setzer (1999, 2004).

Outra distinção que se faz necessário estabelecer, essencial para o entendimento da diferença entre GC e GI, é entre conhecimento tácito e conhecimento explícito. Para tal, serão tomados como referências teóricos Polanyi (1997) e Nonaka e Takeuchi (1997).

Segundo Michael Polanyi, filósofo que ajudou a aprofundar as reflexões sobre conhecimento, com sua obra *The Tacit Dimension*, publicada originalmente em 1966, conhecimento tácito é aquele espontâneo, intuitivo, relacionado a vivências e experiências. É ele que rege as ações dos indivíduos, mesmo que eles não se deem conta de que estão utilizando algum tipo de conhecimento em seus afazeres. O autor distingue duas faces do conhecimento tácito: a) técnica, que compreende as competências pessoais, conhecidas como *know-how*; e b) cognitiva, que inclui crenças, valores, competências e intuições (POLANYI, 1997).

O conhecimento explícito é aquele declarativo, que pode ser verbalizado, codificado, registrado, transmissível em linguagem formal ou sistemática (NONAKA; TAKEUCHI, 1997, p. 65-68).

Embora se busque estabelecer diferenças entre conhecimento tácito e conhecimento explícito, eles não são plenamente dissociáveis. Segundo Nonaka e Takeuchi (1997, p. 67): “[...] o conhecimento tácito e o conhecimento explícito não são entidades totalmente separadas e, sim mutuamente complementares. Interagem um com o outro e realizam trocas nas atividades criativas dos seres humanos.”. Essa interação é refletida na “espiral do conhecimento”.

Nonaka e Takeuchi (1997, p. 67-79) apresentam um modelo para a criação do conhecimento e modos de conversão do conhecimento nas organizações, estabelecendo relações entre o conhecimento tácito e o conhecimento explícito:

- a) De tácito para tácito = socialização = de indivíduo para indivíduo – compartilhamento de informações de forma direta. Pode ser entendido como um processo de compartilhamento de experiências.
- b) De tácito para explícito = externalização = do indivíduo para o grupo – articulação do conhecimento tácito em conceitos explícitos, através do diálogo e da reflexão.
- c) De explícito para explícito = combinação = do grupo para a organização – processo de sistematizar os conceitos e aplicar o conhecimento explícito e a

informação. Este modo de conversão envolve a combinação de diferentes fontes de conhecimento explícito.

- d) De explícito para tácito = internalização = da organização para o indivíduo – é a internalização do conhecimento explícito, através conhecimento tácito. Pode ser entendido como adquirir novo conhecimento tácito na prática.

Estes processos são contínuos nas instituições que estimulam a geração do conhecimento e podem ser ilustrados pela metáfora da “espiral do conhecimento”¹⁷:

Fig. 1 – Espiral do Conhecimento



Fonte: Nonaka; Takeuchi (1997, p. 80)

De acordo com os autores, o novo conhecimento nasce sempre com o indivíduo, mas é – ao menos, deveria ser – transformado em conhecimento organizacional, para a toda a empresa (NONAKA; TAKEUCHI, 1997). Para isso, o conhecimento tácito (do indivíduo, *know-how*) necessita ser compartilhado e transformado em conhecimento explícito (do coletivo: comunidade, empresa, rede).

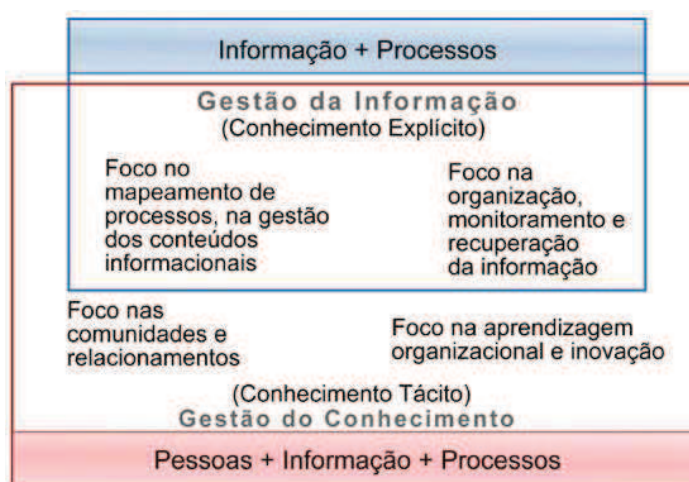
No entanto, como esses elementos fazem parte de um processo, na prática, fica mais difícil identificar os contornos da GC e da GI, tendo Cianconi (2003, p. 68) afirmado que:

¹⁷ Merece ressalva “A Espiral do Universo do Conhecimento” apresentada por Ranganathan (apud CAMPOS; GOMES, 2003, p. 154-155), que com objetivo de “[...] explicar o movimento do próprio ato de conhecer, perceber e sua influência sobre os esquemas de classificação”, permite diálogo com a “Espiral do Conhecimento” proposta por Nonaka e Takeuchi. Outro autor que trabalha a espiral no contexto da construção do conhecimento é Morin (Cf., especialmente, MORIN, 2002, 2004).

Se considerarmos que, pelo menos no que diz respeito à parcela de conhecimento que, ao ser codificado, é explicitado em algum repositório, a Gestão da Informação (GI) e a Gestão do Conhecimento (GC) podem ser vistas como parte de um mesmo processo organizacional (do compartilhamento e registro de parte do conhecimento tácito, passa-se ao conhecimento explícito) [...].

Paula e Cianconi (2007, p. 56-57) acreditam que a GC possui foco mais abrangente do que a GI, pois além tratar dos estoques de informação registrada, deve contemplar pessoas e processos, ou seja, o conhecimento explícito e o tácito, como pode ser observado na figura a seguir:

Fig. 2 – Interseção entre a Gestão da Informação e a Gestão do Conhecimento



Fonte: Cianconi (2003, p. 231)

Em função dessas interseções entre GC e GI, problemas terminológicos – que impactam em questões de ordem prática – são verificados nas instituições. Determinadas organizações denominam algumas práticas de GI como se fossem GC.

Em pesquisa realizada por Alvarenga Neto, Barbosa e Pereira (2007) foi diagnosticada a falta de consenso terminológico entre empresas que realizam a GC em suas unidades, porém alguns termos referentes às suas práticas foram recorrentes entre os entrevistados, como compartilhamento, explicitação, acesso e utilização. O que leva à conclusão de que embora haja uma indefinição conceitual, as ações inerentes à GC se fazem presentes nas organizações.

O fato da gestão estratégica da informação ser considerada o ponto de partida para a implantação de programas de GC (ALVARENGA NETO; BARBOSA; PEREIRA, 2007, p. 8) pode ter sido um dos motivos para a utilização dos termos como sinônimos. No entanto,

[...] acredita-se que a GC vá além da pura Gestão da Informação por incluir e incorporar outros aspectos, temas, abordagens e preocupações, como as questões de criação, uso e compartilhamento de informações e conhecimentos, além da criação

de contextos organizacionais favoráveis, dentre outros. (ALVARENGA NETO, BARBOSA; PEREIRA, 2007, p. 8)

Quando falamos em contextos organizacionais favoráveis, merece destaque o “ba” ou “contexto capacitante”. O conceito de *ba* foi proposto pelo filósofo Kitaro Nishida e desenvolvido por Hiroshi Shimizu; adaptado por Nonaka, recebeu o nome de “contexto capacitante”, mantendo como significado o de ser um contexto físico de que o conhecimento necessita para ser compartilhado e criado.

De acordo com Nonaka e Toyama (2008, p. 99) *ba* significa, literalmente, “lugar” e, mais especificamente, “[...] um contexto compartilhado em movimento, no qual o conhecimento é partilhado, criado e utilizado.”. E é papel da GC favorecer o aparecimento desses contextos, desses ambientes, constituindo exemplos as comunidades de prática e os fóruns de discussão.

O que identifica o *ba* são interações que ocorrem em tempo e locais específicos nos quais o conhecimento emerge, sendo uma forma de organizar a criação de significados. Importante ressaltar que ele não se restringe às interações que ocorrem dentro de uma organização, mas pode ser criado, também, através dos limites das organizações (NONAKA; TOYAMA, 2008, p. 100).

Segundo Bettencourt (2011, p. 33), a GC se preocupa com fatores como aprendizado e produção do conhecimento, que são desconsiderados pela GI. Enquanto a última engendra esforços para a gestão da informação registrada, a GC cuida de etapas anteriores à geração do produto informacional, como os fatores que favorecem a criação do conhecimento, “[...] que terá a informação, independente de seu veículo e suporte, como consequência deste processo.”.

Embora a GC seja aplicada, normalmente, a empresas ou outras instituições, pode-se considerar a GC em qualquer ambiente onde o fator humano esteja presente, procurando compreender e propor medidas para ampliar e melhorar as trocas de informação, o compartilhamento de experiências e a geração de novos conhecimentos, de modo a otimizar o trabalho de profissionais, trazendo benefícios aos seus usuários/ clientes e resultados mais efetivos para as organizações.

Tendo sido estabelecidas algumas diferenças e conexões entre a GC e a GI, serão enfocadas as práticas de GC em unidades de informação e nas redes por elas formadas, procurando-se explicitar como podem auxiliar na criação de um ambiente colaborativo.

4.1 As Unidades de Informação e a Gestão do Conhecimento

Autores como Hamid e Nayan (2005) e Lee (2005) defendem que a GC não deve ser implantada apenas em empresas com finalidades exclusivamente mercadológicas, mas também em organizações sem fins lucrativos, como bibliotecas e demais unidades de informação.

Por acreditar nisso, alguns profissionais da informação têm se esforçado para identificar como bibliotecas podem promover o compartilhamento de conhecimentos entre os seus próprios profissionais, entre eles e os profissionais de outras unidades de informação, entre eles e seus usuários e entre os próprios usuários. Afinal, como afirma Shanhong (2000, tradução nossa), “Gestão do conhecimento em bibliotecas é para promover relacionamento na biblioteca e entre bibliotecas, entre biblioteca e usuário, para reforçar a troca de conhecimentos e para acelerar o fluxo de conhecimento”.

Parirokh, Daneshgar e Fattahi (2008, p. 18) destacam como precursores da introdução do conceito de Gestão do Conhecimento entre os profissionais da informação os bibliotecários Xiaoping (1999) e Rui (1999), seguidos por Shanhong (2000), White (2004), Sinnote (2004) e Parirokh e Fattahi (2005).

White (2004) apresenta um estudo de caso realizado em uma biblioteca da Universidade de Oxford, Oxford University Library Services (OLUS), destacando a necessidade de incluir a GC na estratégia da biblioteca visando a retenção do *know-how* em benefício do corpo funcional e dos usuários. Segundo a autora,

O advento da chamada “*e-revolution*”, através do crescimento de redes globais, acelerou o uso da GC em muitas organizações, inclusive nas bibliotecas e nos ambientes de informação. No século 21, a GC vem se tornando uma ferramenta crucial na prestação de um serviço dinâmico e eficaz aos usuários da biblioteca. (WHITE, 2004, p. 2, tradução nossa)

Sinnote (2004) também apresenta relações da GC com a biblioteca e o profissional da informação, destacando como esses profissionais podem ser envolvidos em suas iniciativas. Parirokh e Fattahi (2005) ressaltam como o compartilhamento de conhecimentos entre os bibliotecários pode melhorar a aprendizagem organizacional em bibliotecas.

O interesse da área pelo assunto está estampado nas atividades da Federação Internacional das Associações e Instituições Bibliotecárias (International Federation of Library Associations and Institutions – IFLA). Desde a sua criação, em 2001, os trabalhos do Grupo de Discussão de GC têm recebido atenção considerável dos delegados da conferência, o que levou o Grupo a transformar-se, no ano de 2003, em uma Seção da IFLA (WORMELL,

2004). A análise dos boletins publicados pela Seção Gestão do Conhecimento, intitulado IFLA Knowledge Management, e dos trabalhos apresentados no principal evento da entidade – IFLA General Conference Council – permite uma visão da evolução e da receptividade do tema entre os profissionais e unidades de informação em nível mundial.

Parirokh, Daneshgar e Fattahi (2006, 2008) apresentam um modelo que visa a identificação dos requisitos necessários para o compartilhamento de conhecimentos entre os bibliotecários de determinado setor/ organização. Dentre os resultados apresentados, destaca-se que grande parte dos bibliotecários do serviço de referência usam a comunicação informal com alunos e professores para obter informações, o que acarreta um volume intenso de conhecimento tácito, que, na maioria vezes, não é difundido pelo setor, não é compartilhado.

Hamid e Nayan (2005), buscando investigar aspectos sobre a percepção da GC na Biblioteca Nacional da Malásia, concluem que com a GC, as bibliotecas podem alcançar vários benefícios, como a economia nos custos de pesquisa e de desenvolvimento, transferência de melhores práticas, aumento do desenvolvimento e satisfação de profissionais. De acordo com os autores:

Bibliotecários, como quaisquer outros indivíduos, buscam a segurança de uma organização estável e olham para a biblioteca como um guia para apoiar suas carreiras e desenvolvimento pessoal, portanto, as bibliotecas devem reconhecer o conhecimento de seu corpo funcional e criar um ambiente onde o conhecimento pode ser valorizado e partilhado. (HAMID; NAYAN, 2005, p. 11)

Alguns autores apresentam como a GC pode ser usada em unidades de informação e, por analogia, considera-se sua utilidade também em redes por elas formadas.

Embora não seja aplicado a redes formadas por unidades de informação, um exemplo interessante de como as estruturas em rede são favoráveis às práticas de GC encontra-se no artigo de Dominguez Gonzalez, Martins e Toledo (2009). De acordo com autores, as redes melhoram o processo de aprendizado por aproximar indivíduos que, embora atuem distantes um dos outros, são interligados por estruturas que intensificam a comunicação e a troca de experiências.

Assim, as redes constituem-se em uma forma estrutural que favorece e estimula o processo de socialização do conhecimento, viabilizando a aquisição de novos conhecimentos por meio de cinco atividades principais: solução sistemática de problema, experimentação, aprendizagem de lições passadas, aprendizagem com outros indivíduos e transferência de conhecimento, sendo objetivo central da GC nas redes o de conectar as pessoas e habilitá-las a compartilhar *insights* (DOMINGUEZ GONZALEZ; MARTINS; TOLEDO, 2009).

Shanhong (2000) aponta como característica da GC em bibliotecas a gestão dos seus recursos humanos, que seria a base desse processo, cujo objetivo é promover a inovação do conhecimento, e a tecnologia da informação é uma das ferramentas que podem ser utilizadas.

Importante destacar que, ao falar de gestão dos recursos humanos, no que diz respeito à GC, é necessário distingui-la das funções tradicionais do RH das empresas, apesar de haver alguma interseção.

A GC costuma buscar o apoio do RH no sentido de mapear competências, capacitar pessoas em relação às lacunas identificadas e a motivar institucionalmente o trabalho colaborativo: “A gestão do conhecimento se associa à gestão de recursos humanos uma vez que ela envolve o gerenciamento de competências e talentos pessoais.” (BARBOSA, 2008, p. 19).

Porém, a GC também necessita estimular atividades de compartilhamento de informações e conhecimento, sendo exemplo de algumas das práticas que vem sendo implementadas por ela: identificar comunidades de prática; criar bases de dados com textos e vídeos registrando narrativas, casos de sucesso, melhores práticas, respostas dadas a clientes/usuários na solução de problemas, entre muitas outras (as chamadas “bases de conhecimento”¹⁸); implementar os portais corporativos, de modo a integrar pessoas e processos, por meio de fóruns e ferramentas *web 2.0*, por exemplo, para discutir problemas e obter respostas rápidas.

Embora, sem dúvida, a GC necessite da participação do RH, há necessidade de envolvimento de outras áreas de uma organização e, nem sempre a GC é responsabilidade dessa área.

A localização não parece ser o mais importante, e sim a abrangência das ações, o estímulo à participação, a preocupação com os ativos intangíveis (ativos de conhecimento), ao lado dos ativos tangíveis.

¹⁸ O termo “base de conhecimento” tem duas acepções: 1) Na área de Inteligência Artificial (IA), onde se originou, as bases de conhecimento são compostas por um conjunto de predicados, a partir das classes e métodos do sistema, e por regras de inferência. Na instanciação de uma base de conhecimento, os predicadores de sua estrutura são utilizados para, junto a dados extraídos do sistema, criar os fatos que se unem às regras para compor a base de conhecimento. Ao final da instanciação, é gerada a sua representação lógica na forma de um arquivo, que é utilizado na realização de inferências (RUY; BERTOLLO; FALBO, [200-]); 2) Base de conhecimento é um termo popularizado pela Microsoft, para descrever repositórios – nesse caso, criados por pessoas e sem ajuda da Inteligência Artificial – usados para registrar e recuperar informações produzidas a partir das atividades de suporte aos clientes (Cf. MICROSOFT, c2012). Depois, a expressão se estendeu a outros tipos de repositórios de informações (por exemplo, perguntas frequentes, narrativas, melhores práticas, etc), diferentes das bases de dados tradicionais, em geral não estruturadas, e vem sendo usada na área de Gestão do Conhecimento. E é à segunda acepção que se refere esta pesquisa.

Perrotti (2004) afirma que a Estrutura Organizacional pode ter efeito positivo sobre a GC, principalmente quando adotadas as práticas de trabalho com equipes multidisciplinares para resolução de problemas ou projetos de melhoria e quando coexistirem sistemas de comunicação e ambiente propícios para o desenvolvimento de uma cultura de aprendizagem e compartilhamento do conhecimento através do contato pessoal, com adequado suporte da tecnologia.

Pode-se afirmar que a adoção de práticas de GC por unidades de informação, mesmo quando não existe um Programa de Gestão do Conhecimento na organização mantenedora, pode beneficiar as próprias unidades, os profissionais que nela atuam, as organizações na qual estão inseridas, seus usuários e os profissionais com os quais se relacionam, através de redes, formalizadas ou não.

Como demonstra a pesquisa de White (2004, p. 4), alguns bibliotecários relacionam GC às TICs. Embora não seja a questão principal, sua importância na implantação da GC é inquestionável, já que as ferramentas são capazes de ampliar os ambientes para compartilhamento e colaboração. E é isso que procurará mostrar a próxima seção.

5 A CONTRIBUIÇÃO DAS TECNOLOGIAS DE INFORMAÇÃO E COMUNICAÇÃO E DA CULTURA INFORMACIONAL PARA O COMPARTILHAMENTO DA INFORMAÇÃO E A PRODUÇÃO DO CONHECIMENTO

As Tecnologias de Informação e Comunicação (TICs) costumam fazerem-se presentes quando o assunto é o compartilhamento de informações e o trabalho colaborativo – elementos centrais da Gestão do Conhecimento (GC) – pelo suporte que são capazes de oferecer à interação humana e à inteligência coletiva.

Por isso, elas aparecem, muitas vezes, associadas às práticas de GC, sendo essa relação apresentada e trabalhada por vários autores, como Turban, Rainer Junior e Potter (2005), em sua obra *Administração de Tecnologia da Informação: teoria e prática*, que apresentam como as TICs detêm um papel essencial nesse processo. O mesmo ocorre quando se trata da GC em bibliotecas, onde a tecnologia é destacada como um dos fatores que demandam atenção e necessária implantação¹⁹.

Procurou-se identificar como esses recursos – em especial, as TICs voltadas aos processos de comunicação e colaboração – podem auxiliar as bibliotecas a construir uma via de mão dupla entre bibliotecários e usuários, entre bibliotecários e outros bibliotecários e entre bibliotecários e outras organizações, favorecendo a criação de espaços para o desenvolvimento do trabalho colaborativo, trazendo à tona a inteligência coletiva, proporcionando a produção de novos conhecimentos e a inovação em produtos e serviços, sendo benéficos aos usuários, às unidades e aos profissionais da informação.

5.1 As Ferramentas de Colaboração e Compartilhamento da Informação e do Conhecimento nas Bibliotecas

É correto afirmar que a comunicação e o compartilhamento de experiências sempre fizeram parte das relações humanas, tendo os meios de comunicação papel de extrema relevância nesse cenário.

Entre os cientistas, por muitos anos, esse procedimento se deu através da emissão de cartas. A princípio, elas circulavam entre um grupo seletivo de pessoas, que testavam determinados procedimentos e reenviavam respostas, compartilhando sucessos e frustrações

¹⁹ Sobre o assunto, cf. Cvejic; Mijalovic (2009); Lee (2005); Shanhong (2000); Yaacob et al. (2010).

em suas experiências. A necessidade de divulgação dessas experimentações e resultados para um grupo maior deu origem às primeiras revistas científicas, na segunda metade do século XVII (MEADOWS, 1999, p. 5).

Visto que há registros de cooperação entre bibliotecas que remontam ao século XIII (KRAUS, 1975, p. 169), pode-se afirmar que a troca de informações, principalmente relativa à disponibilidade de documentos em bibliotecas vizinhas, também seguia essa lógica.

Passados alguns séculos, o telefone substituiu algumas funcionalidades da carta, assumindo o papel de veículo principal de comunicação entre profissionais da informação de diferentes instituições e entre eles e seus usuários, trazendo como vantagem a agilidade com que as informações eram transmitidas.

Com o surgimento da Internet e os recursos oferecidos pela *web*, as bibliotecas passaram a utilizar o *e-mail* com os mesmos objetivos que anteriormente utilizavam a carta e o telefone. No entanto, com o correio eletrônico, era possível conjugar o envio de documentos possibilitado pela carta com a agilidade da comunicação telefônica. E, ainda, tendo como vantagem a assincronicidade – já que as pessoas não precisavam estar em contato, ao mesmo tempo, com o veículo de comunicação, como no caso do telefone – e a possibilidade de enviar uma quantidade maior de informações e documentos, a várias pessoas, simultaneamente, sem, com isso, ter que despender mais tempo, pessoal ou verba.

O uso do *e-mail* por unidades de informação possibilitou a otimização do atendimento ao usuário, além de, segundo Bristow (1992), acarretar consequentes reflexos em outros serviços oferecidos pela biblioteca. De acordo com Hypólito, Rosetto e Coutto (2000), a utilização do correio eletrônico por parte das unidades de informação possibilita o aumento das demandas de usuários de comunidades diferentes das já atingidas pelos meios de comunicação tradicionais, atendendo às demandas de usuários potenciais.

A ampliação do contato entre usuários e profissionais da informação, e também, entre profissionais da informação de diferentes instituições, proporcionada pelo uso do correio eletrônico, foi expandida pelos *sites* de bibliotecas que começaram a ser colocados no ar. Eles permitiram, ainda, a divulgação e a oferta de novos produtos e serviços, o acesso de forma remota e disseminada em diferentes comunidades de usuários, sem terem que ser levados em consideração fatores como o fuso horário e a distância entre o usuário e a unidade de informação.

Segundo Amaral (2005), os *websites* podem e devem ser utilizados para o cumprimento das funções da biblioteca; no entanto, a autora questiona se de fato isso ocorre. De acordo com ela, as bibliotecas são vistas como fontes de informação pela sociedade e

devem ser capazes de utilizar as mídias disponíveis para disseminar informações de acordo com o interesse de seus usuários.

Segundo Amaral e Guimarães (2002) as funções que um *website* de biblioteca deve desempenhar são:

- a) função informacional – informações sobre a própria biblioteca, como endereço, telefone, *e-mail*, horário de funcionamento, normas e regulamentos e equipe técnica;
- b) função promocional – uso de ferramentas promocionais, como logotipos, animações e banners;
- c) função instrucional – instruções sobre o uso dos recursos informacionais oferecidos pela biblioteca na forma tradicional e os existentes no *site*, tais como FAQs (perguntas mais frequentes), tutoriais sobre como utilizar os serviços e os produtos disponíveis no *site* e na biblioteca;
- d) função referencial – trata-se de *links* para outras fontes, como *links* de acesso a bases de dados e periódicos *on line*, *links* para mecanismos de busca, *links* para *sites* de outras bibliotecas, *links* para materiais de referência e para outras instituições;
- e) função de pesquisa – serviços e produtos oferecidos *on line* no *site* da biblioteca, tais como catálogo da biblioteca *on line*, lista dos periódicos assinados pela biblioteca, serviço de empréstimo, disponibilização de material bibliográfico, serviço de reserva e serviço de referência *on-line*;
- f) função de comunicação – mecanismos para estabelecer relacionamentos, tais como coletar sugestões, opiniões e críticas dos usuários.

Segundo Amaral (2005, p. 22) “[...] o [*website*] da biblioteca deve ser capaz de desempenhar todas as funções da biblioteca, de modo a aproveitar todo o potencial de acessibilidade, disponibilidade, interconectividade e interatividade à informação e ao conhecimento que a Web pode oferecer.”.

Soma-se a essa lista a colaboração, que vem sendo facilitada pelos recursos da *web 2.0* ou *web social*, permitindo que as unidades de informação atendam suas demandas de forma otimizada.

O conceito de *web 2.0* – também chamada de *web social* – surgiu em uma sessão de *brainstorming* entre Tim O'Reilly e profissionais da empresa MediaLive Internacional (O'REILLY, 2005). Ele procura retratar os *sites* que sobreviveram ao estouro da “Bolha da Internet” nos anos 90, que tinham em comum maior interatividade, estando a criação e a disponibilização de conteúdos intrinsecamente ligados à inteligência coletiva e à colaboração.

Segundo Santos e Andrade (2010) existem seis plataformas tecnológicas que constituem a *web 2.0*:

- a) Plataformas de publicação – destacam-se os Blogs e os *Weblogs*, onde as bibliotecas podem postar textos, vídeos e áudios e os usuários podem comentá-los. Segundo os autores, diferenciam-se das tradicionais *websites* por permitirem uma interação maior;
- b) Plataformas de discussão – “Nas bibliotecas, este tipo de ferramenta permite aos utilizadores partilharem temas de interesse e mesmo trocarem informações bibliográficas para a realização de determinado trabalho de pesquisa.” (SANTOS; ANDRADE, 2010, p. 121). O fórum é exemplo desse tipo de plataforma;
- c) Plataformas de partilha – para a biblioteca, a maior utilidade desse tipo de plataforma é promover o marketing da biblioteca e instruir o usuário, por exemplo, através da postagem de vídeos no YouTube, de imagens no Flickr ou de apresentações no Slideshare;
- d) Plataformas de relacionamento – permite à biblioteca estar em um mesmo ambiente que os usuários – ou com outros profissionais da informação – participando de redes em mídias sociais, como o Facebook, o hi5 e o MySpace, trocando informações e compartilhando experiências;
- e) Plataformas de agregação – caracterizadas pelos marcadores sociais de favoritos. Nas bibliotecas, um recurso como o *Delicious* pode ser utilizado pelo serviço de referência para “rotular” os recursos *web* considerados interessantes aos seus usuários, permitindo rápida localização quando a pesquisa for solicitada.

- f) Plataformas de colaboração – destaca-se a tecnologia Wiki. Nas bibliotecas, elas podem ser utilizadas na elaboração de normas e procedimentos internos, tendo a colaboração de profissionais da unidade de informação, de seus usuários e até de profissionais da informação de outras unidades.

Pode-se concluir que enquanto na *web* 1.0 a ênfase era na publicação, com características estáticas, na *web* 2.0 o enfoque é na colaboração e na criação coletiva, assumindo forma interativa e dinâmica.

A *web* 2.0 pode ser caracterizada, então, pela potencialização das formas de publicação, de compartilhamento e de organização de informações e conhecimentos – por isso, aparece, muitas vezes, associada à GC. Além disso, ela é capaz de ampliar os espaços de interação entre os entes participantes de um determinado grupo, oferecendo ambiente fértil à inteligência coletiva.

Barbosa, Sepúlveda e Costa (2009) afirmam que uma das funcionalidades incorporadas pela *web* 2.0 é o software social, definido por Dames (2004) como um termo que se aplica a qualquer ferramenta que permite que duas ou mais pessoas colaborem, mesmo estando em locais diferentes. Sendo assim, “A *web* 2.0 tem repercussões sociais importantes, que potencializam processos de trabalho coletivo, de troca efetiva, de produção e circulação de informações, de produção social de conhecimento apoiada pela informática.” (PRIMO, 2006, p. 1).

Considerando que a *web* 2.0 tem como princípio que o serviço se torne melhor quanto mais pessoas o utilizarem (O'REILLY, 2005), pode-se afirmar que ela vai ao encontro dos princípios da inteligência coletiva, entendida como “[...] uma inteligência distribuída por toda parte, incessantemente valorizada, coordenada em tempo real, que resulta em uma mobilização efetiva das competências” (LÉVY, 2011, p. 28), tendo como base e objetivo o reconhecimento e o enriquecimento mútuo das pessoas.

A chamada inteligência coletiva se baseia no entendimento que nem todo mundo sabe de tudo, que o saber está disperso na humanidade. E, por isso, a colaboração faz-se necessária para que os diferentes saberes encontrem-se e gerem novos conhecimentos e inovações. Nesse contexto, o ciberespaço²⁰, suportado pelas TICs, seria o lugar ideal para que essas interações

²⁰ O ciberespaço é uma “[...] palavra de origem americana, empregada pela primeira vez pelo autor de ficção científica William Gibson, em 1984, no romance *Neuromancien*. O *ciberespaço* designa ali o universo das redes digitais como lugar de encontros e de aventuras, terreno de conflitos mundiais, nova fronteira econômica e

aconteçam, sendo “[...] o espaço móvel das interações entre conhecimentos e conhecedores de coletivos inteligentes desterritorializados.” (LÉVY, 2011, p. 29).

Levando isso em consideração, pode-se vislumbrar um ambiente mais fértil às criações, se for estabelecido e incentivado um maior contato entre os profissionais da informação, entre esses profissionais e seus usuários e entre os próprios usuários, viabilizado pelo uso das ferramentas da *web 2.0*, que representam

[...] a emergência e consolidação de recursos que viabilizam e facilitam o compartilhamento de informações e de conhecimento entre usuários e produtores de conteúdos em ambientes da Internet. Esses recursos estimulam a articulação e colaboração não apenas entre pessoas, mas também entre empresas e outros tipos de entidades. (BARBOSA; SEPÚLVEDA; COSTA, 2009, p.18)

É nesse cenário de criação em via de mão dupla que a Biblioteca deve se inserir, dando origem à chamada Biblioteca 2.0, que pode ser entendida como um espaço onde não apenas os bibliotecários são responsáveis pela geração de conteúdo, mas também, usuários e bibliotecários de outras instituições (MANESS, 2006), assumindo uma posição de interatividade, estabelecendo espaços para diálogos, compartilhamento e geração conjunta de conhecimentos.

Segundo Blattmann e Silva (2007, p. 192), estudos internacionais sobre *web 2.0* estão presentes na literatura de Biblioteconomia e Ciência da Informação desde 2005, tendo o termo Biblioteca 2.0 (*Library 2.0*) sido trazido a tona por Michael Casey em seu *blog* LibraryCrunch (MANESS, 2006).

De acordo com Ken Chad e Paul Miller (2005), a Biblioteca 2.0 deve ter como princípios:

- 1) Estar em todo lugar – encontrar-se disponível para ser acessada de onde quer que seja solicitada e estar integrada com diferentes sistemas, permitindo maior acesso;
- 2) Não possuir fronteiras – deve estar centrada na democratização do acesso à informação;
- 3) Convidar à participação – facilitar e encorajar a cultura da participação, valendo-se das contribuições do pessoal da biblioteca, dos recursos tecnológicos disponíveis e da comunidade em geral;

- 4) Usar sistemas flexíveis – estabelecer novas formas de relacionamento com seus usuários e outras bibliotecas no que se refere ao uso das tecnologias.

Maness (2006) enriquece essa lista apontando quatro elementos essenciais para uma teoria da Biblioteca 2.0: ser centrada no usuário, oferecer uma experiência multimídia, ser socialmente rica e comunitariamente inovadora. Casey e Savastinuk (2006) salientam a importância do *feedback* dos usuários para uma constante atualização dos serviços e produtos oferecidos pela unidade de informação.

Visto que está associada a um espaço dinâmico e receptivo, a unidade de informação deve estar preparada para oferecer respostas rápidas e estar, de fato, aberta para a criação coletiva:

A partir de recursos da Web 2.0, potencializa-se a livre criação e a organização distribuída de informações compartilhadas através de associações mentais. Nestes casos *importa menos a formação especializada de membros individuais*. A credibilidade e relevância dos materiais publicados é reconhecida a partir da constante dinâmica de construção e atualização coletiva. (PRIMO, 2007, p. 4, grifo nosso)

Procurando vislumbrar um panorama da utilização de ferramentas da *web 2.0* em unidades de informação brasileiras e visualizar os caminhos que vêm sendo trilhados rumo a Biblioteca 2.0, elencou-se algumas experiências bem-sucedidas²¹: Biblioteca Florestan Fernandes, que utiliza quatro ferramentas: Wikipédia, Twitter, Blog e Flickr (GONÇALVES; CONCEIÇÃO; LUCHETTI, 2010; VECHIATO; INAFUKO; VIDOTTI, 2010); a Biblioteca da Faculdade de Saúde Pública da Universidade de São Paulo (SOUZA et al., 2010); bibliotecas da Universidade de São Paulo – USP (WATANABE; PALETTA; YAMASHITA, 2010; PESTANA; FUNARO; RAMOS, 2010); Bibliotecas da Universidade Estadual de São Paulo – UNESP (PESTANA; FUNARO; RAMOS, 2010); Bibliotecas da Universidade Estadual de Campinas (PESTANA; FUNARO; RAMOS, 2010); Sistema de Bibliotecas da Universidade Federal de Santa Catarina (PEREIRA; GRANTS, BEM, 2010).

Embora a utilização das ferramentas colaborativas pelos profissionais da informação seja centrada, em sua maioria, na interação entre o usuário e o profissional/ unidade de informação, percebe-se a possibilidade de uma aplicação mais abrangente, possibilitando a formação de redes de profissionais da informação e redes de usuários, favorecendo o

²¹ Priorizou-se coletar informações nos últimos anais disponíveis do Seminário Nacional de Bibliotecas Universitárias – SNBU no período de vigência da pesquisa – no caso, XVI SNBU – por concentrar experiências de bibliotecas universitárias brasileiras, que costumam se destacar nacionalmente na utilização desses recursos.

enriquecimento de determinada área do conhecimento, bem como a atuação desses profissionais.

A biblioteca, fazendo uso dos recursos da *web 2.0*, deve ser promotora da cultura colaborativa, oferecendo espaços para a disseminação, o compartilhamento e a geração de conhecimentos, melhorando o aproveitando da inteligência coletiva, e exercendo seu papel de agente cultural, social e mediador ao oferecer acesso amplo e indiscriminado.

No entanto, não se pode deixar de ressaltar que o conhecimento reside nas pessoas e que as ferramentas são apenas um suporte tecnológico facilitador do processo interativo e colaborativo. Como bem coloca Pierre Lévy (2011, p. 100):

Somente pessoas vivas e reais fazem passar ao ato a inteligência coletiva. Pois, quase não é necessário enfatizar, o mundo virtual é apenas um suporte para os processos de cognitivos, sociais e afetivos que ocorrem entre indivíduos bem reais. Assim como a escrita ou o telefone não impediram as pessoas de continuar a se encontrar em carne e osso, os mundos virtuais dos intelectuais coletivos não pretendem, em absoluto, *substituir* o contato humano direto. Muito pelo contrário, deveriam permitir às pessoas que o desejem observar-se mutuamente e estender suas relações amigáveis, profissionais, políticas etc. O mundo virtual é sem dúvida o meio da inteligência coletiva, não é nem o lugar exclusivo, nem sua fonte, nem o objetivo.

Pode-se concluir que não será a tecnologia que fará com que as pessoas cooperem, colaborem e compartilhem informações e experiências umas com as outras. O que faz esses processos tomarem forma é a cultura organizacional e informacional.

5.2 A Importância da Cultura Organizacional e Informacional

Estudada por diferentes áreas e vertentes, a cultura é entendida pela Antropologia como um conjunto de significados compartilhados por um grupo, estabelecendo uma ligação entre o entendimento da cultura e a forma como esta leva a ações e comportamentos em determinado contexto (CARVALHO; RONCHI, 2005, p. 9).

Dessa forma, o indivíduo que participa de um grupo, onde há objetivos compartilhados e metas comuns a serem alcançadas, como uma empresa ou uma rede, faz parte e está sujeito à cultura dessa organização. Essa cultura, denominada cultura organizacional, é motivadora de comportamentos organizacionais e informacionais.

Segundo Fraga (2005, p. 13), a cultura organizacional é constituída pela união de indivíduos, que é possibilitada por mecanismos de aprendizado, de compartilhamento e outros

mecanismos que permitem a mobilização acerca de interesses comuns, sendo o indivíduo o elemento-chave da cultura.

Schein (1992, p. 12, tradução nossa), em uma das definições mais clássicas de cultura organizacional, apresenta-a como

O conjunto de pressupostos básicos que o grupo aprendeu na resolução de problemas de adaptação externa e integração interna, que funcionou bem o suficiente para ser considerado válido e, nesse sentido, ser ensinado aos novos como a maneira correta de perceber, pensar, e sentir em relação àqueles problemas.

Logo, pode-se afirmar que os valores, atitudes e comportamentos relativos a várias esferas de uma organização refletem sua cultura organizacional.

Com a valorização da informação e do conhecimento como elementos propulsores de crescimento organizacional e da inovação, atenção especial vem sendo conferida à forma como esses itens são tratados pelas organizações, refletindo diretamente na postura institucional em relação ao compartilhamento de informações e experiências, ao trabalho colaborativo e ao uso da informação.

Diversos estudos têm focado a influência de componentes da cultura organizacional, como estrutura hierárquica, por exemplo, no fluxo informacional e no valor que a organização atribui à informação.

Choo (2006) e Choo et al. (2008) também conjugam o conceito de cultura informacional com o de uso da informação, já que para os autores, o último inclui: “[...] a construção de novos conhecimentos e significados, o ato transformador de moldar decisões e influenciar os outros, e o movimento e a troca de informações com os colegas.” (CHOO et al., 2008, p. 794).

Para Menou (1996), “[...] cultura de informação seria, então, a habilidade dos indivíduos ou grupos de fazer o melhor uso possível da informação.”. Embora o autor não faça distinções em relação ao comportamento do indivíduo e da organização em relação a informação, Davenport (1998, p. 110) o faz, considerando comportamento informacional o do indivíduo em relação a informação e cultura informacional a postura que a organização assume em relação à informação. Já Woida (2008, p. 99), relaciona os dois conceitos da seguinte forma: “Entende-se que o comportamento informacional seja o resultado da incorporação e prática dos elementos e processos da organização que valoriza a informação.”.

A relação entre os termos cultura organizacional, cultura informacional e comportamento informacional, então, é cíclica: a soma do valor e do tratamento que a informação recebe de cada indivíduo (comportamento informacional) resulta na postura que a

organização assume em relação a informação (cultura informacional), que é reflexo do que a própria organização prega em relação ao tema (cultura organizacional).

Ainda que considerada parte integrante da cultura organizacional, a cultura informacional tem enfoque distinto:

Os elementos e processos que surgem frequentemente nas definições sobre cultura organizacional aparecem mais timidamente nas definições sobre a cultura informacional, principalmente porque esta se abstém da discussão de alguns itens e enfatiza outros, como é o caso do papel da informação, destacada como um elemento importante para a cultura informacional, ou seja, são enfoques diferenciados. Enquanto um visa discutir questões mais amplas, o outro empenha-se sobre especificidades das organizações que valorizam a informação e as tecnologias de informação e comunicação. (WOIDA, 2008, p. 97)

Conclui-se que a cultura organizacional influencia diretamente a forma como flui a informação dentro de um grupo específico, enquanto a cultura informacional reflete o modo como as pessoas tratam (geram, avaliam, organizam, processam, disseminam e usam) a informação e o conhecimento dentro de uma organização ou rede de organizações ou indivíduos, levando-se em consideração a utilização das TICs para a otimização desse processo, já que essas são capazes de dinamizar o fluxo de informação e o compartilhamento de experiências nas organizações.

Justifica-se, assim, a preocupação e o estudo da cultura organizacional e informacional pela Ciência da Informação e sua inserção no contexto deste trabalho sobre uma rede de bibliotecas e profissionais da informação.

6 METODOLOGIA E COLETA DE DADOS

A pesquisa teve início com uma revisão de literatura sobre os aspectos centrais da temática, objetivando a ampliação do embasamento teórico sobre informação em arte, redes, trabalho cooperativo, colaborativo, compartilhamento de informações e experiências. Também foram estudados temas como as relações entre a Gestão da Informação e a Gestão do Conhecimento, a aplicação da Gestão do Conhecimento em unidades de informação, tecnologias da informação e da comunicação como ferramentas para a comunicação remota, para a colaboração e o compartilhamento de informações e experiências e o papel da cultura organizacional e informacional nesse contexto.

O levantamento bibliográfico teve origem com pesquisa em base de dados de referência nacional, o Scielo Scientific Electronic Library Online (Biblioteca Científica Eletrônica em Linha) – Scielo. Posteriormente, buscou-se referências em bases internacionais, como a SAGE – Journals On Line e a Emerald, não havendo restrições em relação a data de publicação dos artigos e abrangendo os seguintes idiomas: espanhol, inglês e português.

A Biblioteca Digital Brasileira de Teses e Dissertações – BDTD foi a principal fonte para a localização de teses e dissertações que contemplassem os temas em estudo. Também foram fontes de referências os anais de encontros de destaque na área de Ciência da Informação, como o Encontro Nacional de Pesquisa em Ciência da Informação – ENANCIB, anteriormente Encontro Nacional de Pesquisa e Pós-Graduação em Ciência da Informação, e o Congresso Brasileiro de Biblioteconomia e Documentação e Ciência da Informação – CBBDD, denominado por alguns anos Congresso Brasileiro de Biblioteconomia e Documentação.

A tese de Maria Christina Barbosa de Almeida e suas referências bibliográficas foram insumo de importância para o tema informação em arte. Um panorama sobre a questão específica da interferência do indexador na análise de imagens pôde ser encontrada em artigo das revistas especializadas: *Art Documentation: bulletin of the Art Libraries Society of North América* e *Art Libraries Journal*.

Sobre a temática cooperação entre bibliotecas, destaca-se como de extrema importância para o embasamento teórico da pesquisa o volume 23 da revista *Library Trends*, periódico trimestral editado pela John Hopkins University Press.

O estudo dirigido²² realizado durante o segundo semestre do ano letivo de 2010 permitiu uma melhor compreensão da Gestão do Conhecimento.

Quando o enfoque é conferido à aplicação desse tema às unidades de informação, não se pode deixar de observar as iniciativas da Federação Internacional das Associações e Instituições Bibliotecárias (International Federation of Library Associations and Institutions – IFLA). Através da análise de seus boletins *IFLA News*, *IFLA Journal* e *IFLA Knowledge Management Section Newsletter*, e dos anais do evento sob sua organização, o *IFLA Council and General Conference*, pôde-se perceber o interesse dos profissionais da informação pela temática, em nível mundial.

No que tange à utilização das Tecnologias de Informação e Comunicação por unidades de informação e as possibilidades oferecidas pela *web 2.0* para a otimização da prestação de serviços de informação e ampliação da comunicação entre bibliotecas, usuários e profissionais da informação, priorizou-se a coleta de informações nos últimos anais disponíveis no período de realização dessa pesquisa do Seminário Nacional de Bibliotecas Universitárias - SNBU – no caso, XVI SNBU – por concentrar experiências de bibliotecas universitárias brasileiras, que costumam se destacar nacionalmente na utilização desses recursos. A disciplina “Tópicos em Comunicação, Gestão, Tecnologia e Uso da Informação II”²³, cursada no segundo semestre de 2011, também possibilitou o amadurecimento em relação ao tema.

Utilizou-se como método de pesquisa o estudo de caso por pretender compreender um fenômeno social complexo: o papel da cultura organizacional e informacional, da cooperação, do compartilhamento e da colaboração em uma rede como elementos propulsores da geração de novos conhecimentos e inovações.

O estudo insere-se no âmbito da pesquisa qualitativa, pois apresenta as seguintes características:

[...] responde a questões muito particulares. Ela se preocupa, nas ciências sociais, com um nível de realidade que não pode ser quantificado. Ou seja, ela trabalha com o universo de significados, motivos, aspirações, crenças, valores e atitudes, o que corresponde a um espaço mais profundo das relações, dos processos e dos fenômenos que não podem ser reduzidos à operacionalização de variáveis. (MINAYO, 2002, p. 21-22).

A coleta de dados foi realizada através de questionário e de entrevistas, sendo a triangulação metodológica, característica dos estudos de caso (YIN, 2010, p. 40), possibilitada pela análise documentária das atas de reuniões da REDARTE/RJ.

²² Na disciplina “Atividade Programada”, conduzida pela Prof^ª Dr^ª Regina de Barros Cianconi, no mestrado em Ciência da Informação da Universidade Federal Fluminense – UFF.

²³ Ministrada pela professora Regina Cianconi, no mestrado em Ciência da Informação da UFF.

Nos questionários, as assertivas foram agrupadas nos seguintes blocos, visando coletar dados para atingir os objetivos estabelecidos para esta pesquisa: Cultura Organizacional e Informacional, Cooperação, Compartilhamento, Colaboração e Eficácia das ações realizadas pela REDARTE/RJ.

Para a coleta, a tabulação e a análise dos dados de grande parte das questões, foi tomada como referência a escala de Likert (KIDDER, 1987) e nas demais, onde não foram estabelecidos graus de concordância nas respostas fornecidas pelos respondentes, optou-se pela descrição da frequência de respostas.

Em respostas classificadas pela escala de Likert, os respondentes foram solicitados, não só a concordarem ou discordarem de afirmações, mas também a graduar suas respostas. As alternativas foram fornecidas num total de cinco opções, onde metade dos enunciados era positiva e outra metade, negativa, com uma opção central neutra. Um enunciado é positivo, quando a concordância com o seu conteúdo corresponde a atitudes favoráveis àquela afirmativa; é negativo, se a concordância com o seu conteúdo corresponde a atitudes desfavoráveis a ela. A cada opção de resposta é atribuído um número que reflete a direção da atitude do respondente em relação a cada afirmação. A pontuação total da atitude de cada respondente é dada pelo somatório das pontuações obtidas em cada afirmação. Para os itens positivos, a alternativa que expressa maior grau de concordância recebe a maior pontuação e a que expressa o maior grau de discordância, a menor pontuação (STREINER; NORMAN, 2008).

Os dados foram apresentados em gráficos e quadros acompanhados de síntese descritiva, de caráter qualitativo. Nos instrumentos com questões abertas, foi efetuada análise de conteúdo, cuja finalidade foi obter uma descrição objetiva, sistemática, quantitativa e qualitativa das informações.

Visando obter um panorama da REDARTE/RJ desde sua criação, foram realizadas entrevistas com sua idealizadora e com a coordenadora dos primeiros encontros da Rede, além de analisada a ata da primeira reunião do grupo (dez. 1995) e dos três anos iniciais (1996, 1997 e 1998) de atividades da Rede.

Com o objetivo de perceber o que se pretendia e o que se pretende futuramente para a REDARTE/RJ, as presidentes após a oficialização da Rede, incluindo a atual, foram

entrevistadas, sendo inquiridas a responder questões relativas ao planejamento e às perspectivas de sua gestão²⁴. Todas as entrevistas seguiram um roteiro pré-estabelecido.

Sendo assim, os dados coletados através das entrevistas com as gestoras e do questionário, foram confrontados com os da análise das atas dos últimos anos de atuação da Rede, conjugados e apresentados respeitando-se a seguinte categorização, semelhante a estrutura do questionário:

Cultura Organizacional e Informacional – permeia os processos que ocorrem em uma estrutura em rede;

Cooperação – caracterizam as redes de bibliotecas;

Compartilhamento – caracterizam as redes de informação e de conhecimento;

Colaboração – caracterizam as redes de conhecimento, se promovem o aprendizado e geram a inovação;

Finalidades da REDARTE/ RJ – verificar a eficácia das ações da Rede no cumprimento de suas finalidades.

Além disso, a leitura de artigos, reportagens e documentos escritos sobre a REDARTE/RJ vieram complementar o cenário das atividades desenvolvidas por seus integrantes até o momento.

²⁴ Até fevereiro de 2011, período de realização desta pesquisa, foram três gestões que assumiram a REDARTE/RJ após sua oficialização. No entanto, como uma das presidentes foi eleita duas vezes, foram realizadas duas entrevistas, contemplando os três períodos de gestão.

7 A REDE DE BIBLIOTECAS E CENTROS DE INFORMAÇÃO EM ARTE NO ESTADO DO RIO DE JANEIRO – REDARTE/RJ

A partir da análise das atas das primeiras reuniões e das entrevistas realizadas com as idealizadoras²⁵ da REDARTE/RJ, foi possível obter informações referentes ao histórico da Rede.

A ideia de formar uma rede de profissionais da informação surgiu de uma experiência de Solange Zuñiga que, na graduação, fazia uso intenso do Catálogo Coletivo, mantido, àquela época, pelo Instituto Brasileiro de Bibliografia e Documentação – IBBD, hoje, Instituto Brasileiro de Informação em Ciência e Tecnologia – IBICT, que reunia informações sobre acervos de algumas bibliotecas brasileiras. Em contato telefônico com esse serviço, ela e seus colegas de turma conseguiam descobrir onde encontrar o documento que precisavam para determinada pesquisa.

Quando ingressou no Departamento de Pesquisa e Documentação da Fundação Nacional de Arte – Funarte, órgão do atual Ministério da Cultura, o orçamento para a compra de obras era escasso. No entanto, mesmo sabendo da possibilidade de encontrar o material necessitado em instituições vizinhas, o fato de não conhecer os outros acervos dificultava a localização de obras e a recuperação de documentos.

Relembrando sua experiência junto ao Catálogo Coletivo, Solange vislumbrou uma rede de bibliotecários, onde seria possível o conhecimento de acervos por parte dos profissionais que trabalhavam com Arte e Cultura, ampliando o acesso dos pesquisadores dessa área de conhecimento²⁶.

Em conversa com Helena Ferrez, que trabalhava no mesmo Departamento, decidiram dar forma a essa ideia. O projeto, a princípio, constituía-se na formação de uma rede de âmbito nacional, que teria início com o fortalecimento de uma rede no Rio de Janeiro, posteriormente, se conjugaria a uma outra, em São Paulo, e, depois, seria disseminada pelo Brasil. Cada Estado teria um representante que seria responsável pela articulação das instituições daquela localidade, não sendo cogitado o deslocamento dos integrantes do Rio de Janeiro ou de São Paulo para tomarem frente dos trabalhos em outras regiões.

No entanto, percebeu-se que a rede precisaria estar bem amadurecida para tomar maiores proporções. Formada por instituições de diferentes portes e perfis, as dificuldades se

²⁵ Entrevistas realizadas com Helena Ferrez, em 06/12/2011, e com Solange Zuñiga, em 15/12/2011.

²⁶ Só na 13ª reunião da Rede foi levantada a possibilidade da participação de arquivos – e, consequentemente, arquivistas – por abrigarem acervos iconográficos de relevância para os pesquisadores de Arte e Cultura.

mostraram grandes e complexas. Um exemplo marcante disso foi a estrutura tecnológica: enquanto algumas [poucas] bibliotecas disponibilizavam acesso à Internet até para os seus usuários, outras não tinham nem computador para trabalhos internos.

Se a integração entre as unidades do Rio de Janeiro era difícil, com outras regiões, então, seria quase impossível, e uma rede de âmbito nacional foi desconsiderada naquele momento:

A restrição às cidades do Rio de Janeiro e Niterói deveu-se, inicialmente, ao fato da proximidade com a Funarte, fator fundamental para o desenvolvimento e acompanhamento do projeto. Uma vez fortalecida a Redarte, a idéia era expandi-la a outros estados do Brasil, ampliando o acesso a pesquisadores, artistas, alunos, realizadores e produtores culturais a informações acerca da Arte e Cultura. Hoje, seja pelas dificuldades de uma participação efetiva por parte dos seus membros, seja pelas dimensões continentais do Brasil, com poucas conexões interinstitucionais, não se tem muito como sonhar em transformar a Redarte em uma rede de caráter nacional. (FERREZ; SILVA; SHINKADO, 2000)

O grupo inicial formou-se a partir da elaboração de uma lista com as bibliotecas que possuíam acervo de Arte e Cultura na cidade do Rio de Janeiro. Aproveitando o conhecimento que Helena Ferrez detinha dessas bibliotecas, por ter trabalhado no Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional – IPHAN, ela estabeleceu contatos telefônicos, verificando se os profissionais daquelas unidades também sentiam a necessidade de interação e de integração.

A aproximação foi realizada de maneira informal, visando conferir o interesse de participação dos profissionais da informação que lidavam diretamente com o usuário; o intuito era reunir os executantes, não os administradores.

A ideia era constituir uma rede de pessoas/ profissionais – já que pensar em um sistema de bibliotecas de Arte era algo utópico àquela época, pois além da precária infraestrutura tecnológica de algumas instituições, unir sistemas tão diferentes era algo inimaginável – ampliando o conhecimento e a divulgação dos acervos dessas instituições, permitindo ao bibliotecário²⁷ direcionar o usuário para um acervo que pudesse atendê-lo caso o de sua unidade não fosse capaz de fazê-lo, otimizando o trabalho dos profissionais da informação e buscando conferir maior acesso aos usuários de informação em arte.

Em reunião, Helena Ferrez explica aos participantes que

[...] o objetivo [da Rede] é integrar as bibliotecas das áreas de arte e cultura, de modo a se conseguir um conhecimento mútuo dos acervos e a atuação cooperativa e racionalizada numa série de atividades, tais como a doação de material bibliográfico e a elaboração de catálogos coletivos, dos quais o de periódico será o primeiro a ser realizado. (Ata da 4ª Reunião da REDARTE, realizada em 27/03/1996)

²⁷ A ideia inicial era constituir uma rede apenas de bibliotecas – e, conseqüentemente, reunindo apenas bibliotecários – mas com uma maior reflexão admitiu-se o convite de centros de documentação e arquivos especializados que possuem acervos de informação em arte, como fotografias, pinturas, aquarelas e gravuras.

A Rede de Bibliotecas e Centros de Informação em Arte no Estado do Rio de Janeiro – REDARTE/RJ²⁸ deu início às suas atividades no final do ano de 1995, com participantes de 11 unidades de informação. Hoje, ela conta com 34 unidades integrantes, da esfera pública, privada e de economia mista, como bibliotecas de museus, centros culturais e, com grande representatividade, universitárias, da cidade do Rio de Janeiro e Niterói:

Biblioteca Noronha Santos/ IPHAN

Casa Daros - Daros Latinamerica Desenvolvimento de Arte e Cultura Ltda

CCBB - Centro Cultural Banco do Brasil – Biblioteca

CCJF - Centro Cultural Justiça Federal – Biblioteca

Centro Nacional de Folclore e Cultura Popular – Biblioteca Amadeu Amaral

ESPM - Escola Superior de Propaganda e Marketing – Biblioteca

FUNARTE – Cedoc (Centro de Documentação)

Goethe-Institut Rio de Janeiro – Biblioteca

IBEU – Biblioteca

Instituto Cervantes do Rio de Janeiro – Biblioteca José Garcia Nieto

IRC-Rio – Centro de Informação e Pesquisa/Information Resource Center – Consulado Geral dos Estados Unidos no Rio de Janeiro

MAC - Museu de Arte Contemporânea de Niterói – Divisão de Teoria e Pesquisa

Museu Antônio Parreiras/ FUNARJ – Biblioteca

MAM - Museu de Arte Moderna do Rio de Janeiro

Museu de História e Arte do Rio de Janeiro (Antigo Museu do Ingá) – Biblioteca

Museu do Índio – Biblioteca Marechal Rondon

Museu Histórico Nacional/ IBRAM – Biblioteca

Museu Nacional de Belas Artes/ IBRAM Biblioteca/ Mediateca “Araújo Porto Alegre”

Museu Villa-Lobos/ IBRAM – Biblioteca

Museus Castro Maya/ IBRAM – Biblioteca

Paço Imperial/ IPHAN – Biblioteca Paulo Santos

PUC/ RJ – Divisão de Bibliotecas e Documentação

PUC/ RJ – Solar Grandjean de Montigny

²⁸ Interessantes observar que “REDARTE” nomeia o grupo desde a quinta reunião. Até a 4ª Reunião as atas eram intituladas “Ata da X Reunião realizada em X.X.XXXX com o objetivo de viabilizar uma REDE DE BIBLIOTECAS E CENTROS DE INFORMAÇÃO EM ARTE E CULTURA”; a partir da 5ª, o título muda para “Ata da X reunião da REDARTE, realizada no dia X/ X/ XX”.

UERJ - CEH-B – Biblioteca “B” do Centro de Educação e Humanidades
 UERJ - ESDI – Escola Superior de Desenho Industrial – Biblioteca
 UFF - BCG – Biblioteca Central do Gragoatá
 UFRJ - Escola de Belas Artes – Biblioteca
 UFRJ - Escola de Música – Biblioteca Alberto Nepomuceno
 UFRJ - Faculdade de Arquitetura e Urbanismo – Biblioteca Lucio Costa
 UFRJ - Faculdade de Letras – Biblioteca
 UNICARIOCA - Centro Universitário Carioca – Biblioteca Arnaldo Niskier
 UNI-RIO - Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro – Biblioteca Setorial do Centro de Letras e Artes
 UniverCidade - Centro Universitário da Cidade – Direção Geral de Bibliotecas
 UniverCidade - Centro Universitário da Cidade – Unidade Ipanema

Além dos representantes das instituições listadas, a alteração realizada no Estatuto, em abril de 2011, permitiu a participação de Sócios Colaboradores. Essa categoria de participantes é formada por profissionais da área que já participaram da Rede, representando alguma unidade integrante, mas que, no momento, não estão veiculados a instituições e unidades especializadas nas áreas de abrangência temática contemplada pela REDARTE/RJ, mas ainda podem e possuem o interesse em colaborar com o grupo.

Atualmente, as unidades costumam se integrar à Rede através de carta-convite. Geralmente, é por meio de contatos estabelecidos em eventos realizados ou não pela REDARTE/RJ ou por tomarem conhecimento do trabalho da Rede por outras vias, que alguns profissionais manifestam o interesse em participar das atividades do grupo. Depois de uma pequena avaliação do perfil da instituição interessada e, havendo compatibilidade com a Rede, o convite é efetuado.

A REDARTE/RJ oficializou-se em 2005 como uma associação civil de natureza cultural, sem fins lucrativos²⁹, tendo como objetivo “[...] promover os recursos informacionais de seus integrantes.” (REDARTE, 2011) e como finalidades:

a) promover o acesso do público interessado em Arte aos itens informacionais, em qualquer suporte ou meio eletrônico, existente nas Unidades Integrantes da REDARTE/RJ, respeitando a disponibilidade de cada uma;

²⁹ Havia uma preocupação muito grande com a formalização da Rede, pois acreditava-se que dessa forma seria possível angariar fundos para o desenvolvimento de projetos idealizados pelo grupo. Houve uma discussão terminológica e jurídica sobre se a Rede seria um convênio, seguiria um termo de cooperação ou seria uma associação, sendo levantadas e analisadas literaturas sobre o tema (termos de cooperação de outras redes e sistemas foram analisados, como o do Bibliodata) e um advogado foi consultado a respeito.

- b) divulgar permanentemente junto aos usuários a existência das unidades de informação pertencentes a REDARTE/RJ;
- c) divulgar outras instituições e redes de informação atuantes em Arte;
- d) oferecer serviços e produtos de informação em Arte;
- e) promover o intercâmbio permanente das experiências profissionais entre as Unidades Integrantes. (REDARTE, 2011)

Embora a maioria dos componentes possua formação em Biblioteconomia, há também, a participação de arquivistas, museólogos e historiadores.

As áreas temáticas contempladas pela ação do grupo são: Arquitetura e Urbanismo, Artes Decorativas, Artes Gráficas, Artes Plásticas, Cinema, Circo, Dança, Desenho Industrial, Folclore & Cultura Popular, Fotografia, Moda e Indumentária, Música, Numismática, Ópera, Rádio, Teatro, TV e Vídeo (REDARTE, 2011).

Durante seu funcionamento em caráter informal, a REDARTE/RJ foi coordenada por Helena Ferrez, da FUNARTE/CEDOC (1995-2001), e por Eliane Vieira da Silva, do Museu Histórico Nacional (2002-2005). Após sua oficialização, a REDARTE/RJ assumiu a seguinte estrutura administrativa:

- a) Diretoria – constituída por um presidente, um vice-presidente, dois secretários e dois tesoureiros. Ela é responsável pela elaboração do programa anual de atividades, que deve passar pela aprovação da Assembléia Geral, pela elaboração de relatórios anuais, pela aproximação com outras instituições a fim de desenvolver parcerias; e por manter em ordem a contabilidade.
- b) Conselho Fiscal – compostos por três membros, com respectivos suplentes. Deve zelar pelo patrimônio da Rede, fiscalizando receitas e despesas.
- c) Assembléia Geral – é o órgão soberano da organização. Constituída por todos os integrantes. Responsável pelas movimentações e decisões da Rede.

As Diretorias devem ser eleitas de dois em dois anos, admitindo-se reeleições. Somente os associados que sejam representantes de Unidades Integrantes poderão habilitar-se ao provimento de cargos eletivos, não estando os Sócios Colaboradores aptos a se candidatarem.

Após formação de chapas e respeitando as etapas de um processo eleitoral, tiveram início as seguintes gestões:

Gestão 2006-2007

Composição em 2006:

Presidente – Mary Komatsu Shinkado (Museu Nacional de Belas Artes)

Vice-Presidente – Cláudia Costa Aragon (Escola Superior de Propaganda e Marketing)

1ª Secretária – Vânia Maria Bittencourt Parreiras (Museu do Ingá)

2ª Secretária – Almerinda Cavalcante Stenzel (Goethe-Institut Rio de Janeiro)

1ª Tesoureira – Eliane Vieira da Silva (Museu Histórico Nacional)

2ª Tesoureira – Maria do Carmo de Almeida Silva (Escola Superior de Desenho Industrial da UERJ)

Conselho Fiscal: Isabel Ariño Grau (UNIRIO), Maria Cristina de Paiva Ribeiro (Centro Cultural Justiça Federal) e Norma Peclat da Silva Martins (Escola Superior de Desenho Industrial da UERJ)

Composição em 2007:

Presidente – Mary Komatsu Shinkado (Museu Nacional de Belas Artes)

Vice-Presidente – Cláudia Costa Aragon (Escola Superior de Propaganda e Marketing)

1ª Secretária – Maria Cristina de Paiva Ribeiro (Centro Cultural Justiça Federal)

2ª Secretária – Isabel Ariño Grau (UNIRIO)

1ª Tesoureira – Eliane Vieira da Silva (Museu Histórico Nacional)

2ª Tesoureira – Janaina Reina Furtado Machado (Univercidade)

Conselho Fiscal: Almerinda Cavalcante Stenzel (Goethe-Institut Rio de Janeiro), Norma Peclat da Silva Martins (Escola Superior de Desenho Industrial da UERJ) e Vânia Maria Bittencourt Parreiras (Museu do Ingá)

Gestão 2008-2009

Presidente – Isabel Ariño Grau (UNIRIO)

Vice-Presidente – Mary Komatsu Shinkado (Museu Nacional de Belas Artes)

1ª Secretária – Janaina Reina Furtado Machado (Univercidade)

2ª Secretária – Maria Cristina de Paiva Ribeiro (Centro Cultural Justiça Federal)

1ª Tesoureira – Eliane Vieira da Silva (Museu Histórico Nacional)

2ª Tesoureira – Norma Peclat (Escola Superior de Desenho Industrial da UERJ)

Conselho Fiscal: Denise Maria da Silva Batista (Museu Castro Maya), Selma Crespo (UNICARIOCA) e Vânia Maria Bittencourt Parreiras (Museu do Ingá)

Gestão 2010-2011

Presidente – Mary Komatsu Shinkado (Museu Nacional de Belas Artes)

Vice-Presidente – Selma Crespo (UNICARIOCA) – 2010

Janaína Reina Furtado Machado (IBEU/RJ) – 2011

1ª Secretária – Isabel Ariño Grau (UNIRIO)

2º Secretária – Márcia Claudia Vasconcelos Figueiredo (FUNARTE/CEDOC)

1ª Tesoureira – Eliane Vieira da Silva (Museu Histórico Nacional)

2ª Tesoureira – Angela Insfran (UFF/BCG)

Conselho Fiscal: Denise Maria da Silva Batista (Museu Castro Maya), Maria Cecília Bosco (Centro Cultural Banco do Brasil) e Maria Cristina de Paiva Ribeiro (Centro Cultural Justiça Federal)

Por ser aspecto marcante da área o fato das unidades de informação trabalharem de forma isolada, desconhecendo as demais, uma das frentes de trabalho da REDARTE/RJ é promover o contato entre profissionais da informação e a aproximação de instituições que possuam acervo relevante de Arte e Cultura, sendo instrumentos para tal:

Grupos de Trabalho – componentes do grupo, indicados pela presidência por apresentarem determinado perfil ou por livre iniciativa, reúnem-se a fim de planejar ou desenvolver um produto específico, como a organização de um evento, de um guia ou o lançamento do *site*.

Reuniões de Diretoria – reúnem-se quando há algum assunto mais complexo a ser discutido, como a elaboração do relatório anual ou as eleições.

Reuniões Gerais – acontecem uma vez por mês. Nela, são discutidos temas considerados importantes para o grupo, divulgados, previamente, em pautas, enviadas por *e-mail*. O registro desses encontros costuma se dar através de atas, que também são disseminadas para os componentes através do correio eletrônico. O grupo procura reunir-se

em locais diferentes visando o conhecimento das instalações, equipe e processos de trabalho de diferentes unidades de informação e uma maior divulgação da Rede aos superiores do local visitado.

Além disso, há a promoção da interação e da capacitação através da realização de eventos, palestras e cursos para profissionais e usuários de instituições internas e externas à Rede.

A partir de ideias coletadas e selecionadas nas reuniões gerais da REDARTE/RJ, verifica-se o que seria interessante para o grupo e para os usuários, como, por exemplo: o uso de novas tecnologias, que resultou na palestra “Novas tecnologias da internet aplicadas a bibliotecas e centros de informação: *web 2.0*, blog, twitter...”, que ocorreu em novembro de 2009, e o curso “Redes Sociais WEB 2.0 aplicadas a bibliotecas”, realizado em novembro de 2011; acessibilidade em informação em arte, tema presente na quarta edição do Ciclo de Palestras, promovido pela Rede em 09 de novembro de 2011; e, no dia 10 de março de 2010, em homenagem ao Dia do Bibliotecário, a palestra “Carreiras impulsionadas: o que move o profissional bibliotecário?”.

Como veículos de divulgação, comunicação e/ou interação não presencial, a REDARTE/RJ faz uso de um *site* <www.redarte.org.br> e de um blog <www.redarterj.wordpress.com>, que serão, aos poucos, incorporados pelo novo *site* <<http://www.redarterj.com/>>, além de uma biblioteca virtual contendo obras raras que fazem parte do acervo de algumas unidades integrantes da Rede <<http://www.docpro.com.br/redarte/>>.

Tem, ainda, participação em redes sociais, como no Facebook <<http://www.facebook.com/REDARTERJ.REDEDEBIBLIOTECAS>>, no Orkut <www.orkut.com/redarterj>, no Picasa <www.picasaweb.google.com/redarterj> e no Twitter <www.twitter.com/redarterj>.

8 ANÁLISE E DISCUSSÃO DOS DADOS

A seguir serão apresentados os resultados dos questionários aplicados aos membros integrantes da REDARTE/RJ, da análise das atas e das entrevistas realizadas com as idealizadoras e com as últimas gestoras da Rede.

O questionário aos membros da REDARTE/RJ (Apêndice A) foi encaminhado via correio eletrônico às 34 unidades integrantes da Rede. Após sucessivos *e-mails* enviados durante o período de 04/12/2011 a 25/01/2012, 16 das unidades responderam ao Questionário, sendo que uma delas informou que embora possua duas representações na Rede, apenas uma responderia ao instrumento por ser a que apresentava acervo mais especializado e que participava mais ativamente das atividades da REDARTE/RJ.

O universo de pesquisa ficou, assim, limitado a 33 unidades participantes. E tendo recebido 16 respostas, esta pesquisa obteve o índice de 48% de adesão dos membros da Rede³⁰.

As entrevistas com as gestoras Isabel Ariño Grau (2008-2009) e Mary Komatsu Shinkado (2006-2007, 2010-2011), presidentes eleitas por voto após a oficialização da Rede, foram realizadas no dia 30/11/2012.

A análise das atas contemplou os três primeiros anos (1996, 1997 e 1998, além da ata da primeira reunião – dez. 1995) e os três últimos (2009, 2010 e 2011) de atividades da REDARTE/RJ.

Tendo como base para a análise e apresentação dos dados a estrutura do questionário, as respostas fornecidas pelos integrantes da REDARTE/RJ por meio deste instrumento foram confrontadas e conjugadas com alguns dos dados coletados através das entrevistas realizadas com as gestoras e da análise das atas.

Optou-se por não identificar os respondentes do questionário, mas menciona-se, em alguns momentos, falas diretas e indiretas deles e das entrevistadas, com o seu devido consentimento.

³⁰ Visto que o índice de presença nas reuniões dos últimos 3 anos de atividades da REDARTE/RJ foi de 41%, pode-se considerar um alto índice de respostas recebidas.

8.1 Atividades e Perspectivas da Gestão

Em relação às entrevistas realizadas com as presidentes que assumiram a gestão da REDARTE/RJ após sua oficialização, algumas das informações coletadas serão trabalhadas ao longo do texto, em conjunto com os demais dados coletados.

Além disso, foi elaborado um quadro para ilustrar a visão das gestoras acerca de aspectos abordados neste trabalho, apresentado a seguir.

Quadro 2 – Visão das gestoras sobre determinados aspectos

Aspecto	Visão
Público prioritário da REDARTE/RJ	Veem profissionais de arte e pesquisadores como um mesmo grupo, recebendo a primeira posição; profissionais da informação, a segunda; usuários de comunidade em geral, a terceira.
Políticas e estratégias de gestão da informação e do conhecimento	O <i>registro</i> de informações e conhecimentos, se compartilhados nas reuniões, é realizado por meio de atas, que estão presentes nas reuniões da Rede desde seu primeiro encontro e, hoje, são distribuídas aos participantes por <i>e-mail</i>. Há um compêndio com todas as atas guardado sob a responsabilidade da presidente, respeitando-se o Estatuto da REDARTE/RJ, que elenca como uma das competências do presidente a de manter sob sua guarda e conservar o arquivo da Rede. Sendo assim, foi iniciado um processo de digitalização desse material, já que muitas das atas estavam se perdendo por terem sido disseminadas, ainda, através de fax.
Registro ou sistematização de informações sobre experiências bem sucedidas	O registro das informações se dá através das atas (se comentado nas reuniões) e do <i>e-mail</i>, de forma não sistematizada. Elas reconhecem a importância e a necessidade do tratamento dessas informações, mas a falta de recursos humanos é mencionada como empecilho para a concretização dessa atividade.
Registro de atividades e estatísticas das ações implementadas	Reconhecem sua importância e, em uma das gestões, tentou-se a elaboração de estatísticas, mas a atividade não foi concluída. Ressaltaram que o esforço para sua concretização será retomado.
Desenvolvimento de produtos e	Destacaram a Biblioteca Digital; ainda em desenvolvimento, a

serviços de forma integrada pelos participantes da REDARTE/RJ	elaboração de um guia de bibliotecas brasileiras de Arte; e outras ações foram citadas como de cunho coletivo: mobilizações para que fossem contratados bibliotecários para bibliotecas que não tinham o profissional; orientações em relação ao tratamento de acervo; a troca de informações sobre contratação de serviços e compra de produtos, como higienização, conservação e mobiliário; o <i>folder</i> da REDARTE/RJ; as dirigentes acreditam que uma espécie de “aquisição planejada”, embora de maneira informal, acontece, já que as instituições verificam o acervo das outras bibliotecas antes de adquirir determinado título, evitando o dispêndio de verbas com obras que podem ser conseguidas com instituições vizinhas, por empréstimo entre bibliotecas.
Eventos: seleção de temas, organização e avaliação de resultados	Ideias são coletadas e selecionadas nas reuniões, verificando o que seria interessante para o grupo e para os usuários. Sobre a existência de uma avaliação – após os eventos – do resultado obtido em relação às expectativas e ao foco que ele possuía quando planejado, afirmaram que na reunião seguinte ao acontecimento, discute-se a sua realização e um relatório simples é elaborado, constando a quantidade de participantes e de doações arrecadadas (é comum ser solicitado que os participantes levem doações como forma de ingresso ao evento). E, em apenas um evento específico, houve um relatório mais analítico. Percebem a importância de sistematização e análise mais profunda desses dados, citando como possível veículo para sua divulgação o relatório de fim de ano.
Distribuição de Tarefas	As presidentes costumam convidar os integrantes para formarem grupos de trabalho (GTs) ou realizarem uma atividade específica de acordo com o perfil de cada um. Segundo elas, é difícil os integrantes manifestarem, espontaneamente, disponibilidade.
Impossibilidade de desenvolvimento de produto ou serviço planejado	A questão mais problemática para a não concretização de determinadas atividades não é a falta de verbas e, sim, a falta de pessoas/ recursos humanos ³¹ .
Participação, nas reuniões, de profissionais externos à REDARTE/RJ	Há o convite para que instituições que não fazem parte da Rede e possuem o perfil para tal, participem de reuniões; há casos em que profissionais de fora do estado, em viagem ao Rio de Janeiro, pedem para conhecer o grupo e participam da reunião; profissionais e fornecedores, como empresas de softwares, livrarias e gestores de bases de dados, são convidados para

³¹ Importante ressaltar que desde 2006 há a cobrança de uma anuidade às Unidades Integrantes. Esse valor, de caráter quase simbólico, é direcionado a ações como a organização de eventos e ao desenvolvimento de projetos como o do *website* da REDARTE/RJ.

	darem palestras e apresentarem seus produtos.
Mensuração de recursos disponibilizados pela REDARTE/RJ na Internet	Presente apenas no novo <i>site</i> .
Inclusão de novos recursos de colaboração da <i>web</i> 2.0	As tentativas envolvendo tecnologia, além das existentes foram: uma videoconferência, que não pode ser realizada devido a problemas tecnológicos; e a utilização do Skype pelos que não poderiam participar pessoalmente das reuniões, mas a infraestrutura das unidades de informação não permitiu que se concretizasse.

Visando identificar as opiniões dos membros da REDARTE/RJ, eles foram inquiridos, por meio de um questionário, a responderem questões referentes a diferentes aspectos, que serão abordados a seguir.

8.2 Cultura Organizacional e Informacional na REDARTE/RJ

Inicialmente, procurou-se identificar a cultura organizacional e informacional dos integrantes da REDARTE/RJ, uma vez que, conforme visto na literatura, essa influencia a troca de informações entre pessoas, no contexto das organizações.

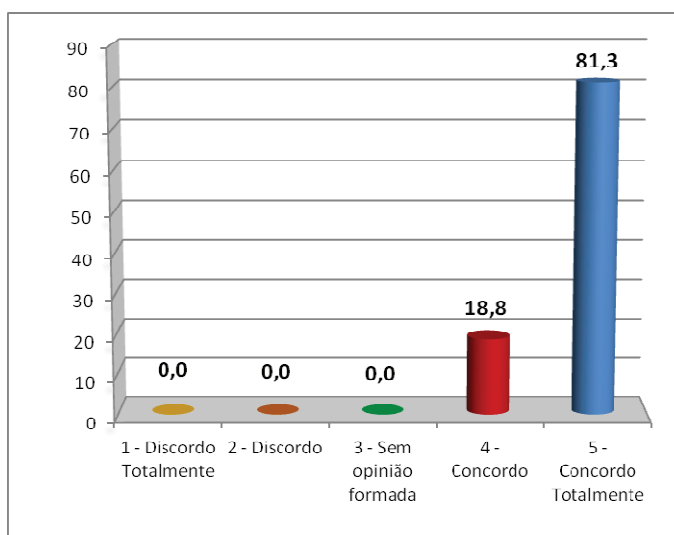
Para efeito desta pesquisa, entende-se por cultura organizacional o conjunto de preceitos que determinam atitudes e comportamentos dentro da organização, e que abrange a cultura informacional. Essa se relaciona à forma como as pessoas tratam (avaliam, organizam, processam e disseminam) a informação e o conhecimento dentro de uma organização (empresa, rede...), levando-se em consideração a utilização das Tecnologias da Informação e do Conhecimento (TICs) e fatores como princípios, valores, crenças, ritos e comportamentos organizacionais.

Neste bloco de questões, buscou-se diagnosticar se a REDARTE/RJ valoriza e estimula a troca de informações e conhecimentos, presencialmente ou de maneira remota – através da utilização de TICs – permitindo sua fluidez entre os nós dessa rede.

Quando questionados se concordam que o sistema de valores ou cultura que da REDARTE/RJ promove a troca de informações e experiências, as respostas concentraram-se

nos itens concordo totalmente (81,3%) e concordo (18,8%), como pode ser observado no gráfico 1.

Gráfico 1 – Existência de sistema de valores ou cultura que promove a troca de informações e experiências na REDARTE/RJ



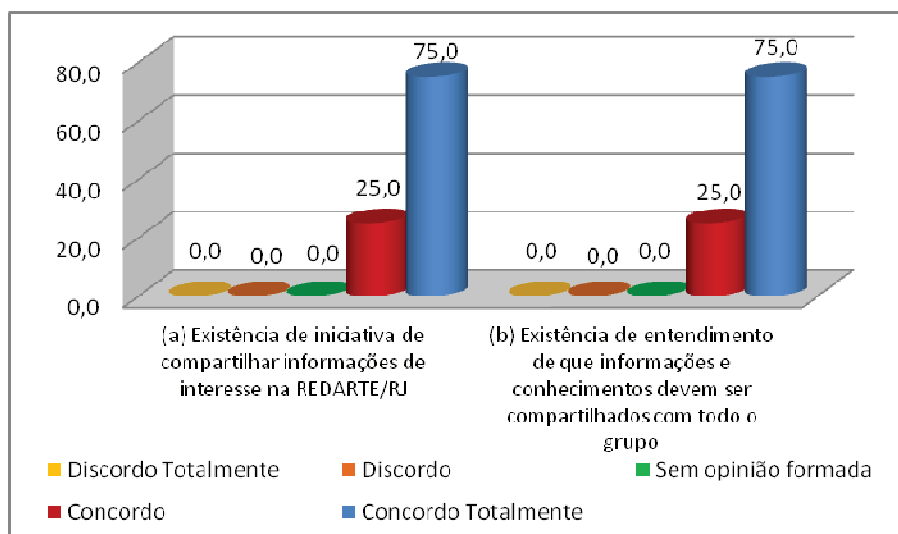
Pode-se afirmar que a REDARTE/RJ detém um sistema de valores ou cultura que promove a troca de informações e experiências, visto que a maioria dos respondentes (81,3%) concorda totalmente com a assertiva.

Importante ressaltar que tal sistema de valores deve, em princípio, permear as atitudes dos integrantes de uma rede, devendo todos eles estar abertos à troca de informações e experiências.

Por isso, procurou-se verificar se os integrantes possuem a iniciativa de compartilhar informações na REDARTE/RJ ao tomar conhecimento sobre cursos, *links* e bibliografias da área que possam ser de interesse para o grupo e se informações e conhecimentos são compartilhados com todo o grupo e não apenas com participantes específicos.

Como ilustra o gráfico 2, item (a), 75,0% dos respondentes concordam totalmente e 25,0% concordam que possuem a iniciativa de compartilhar na Rede informações que possam ser de interesse do grupo e, como demonstra o item (b), a mesma proporção concorda totalmente (75,0%) e concorda (25,0%) que o compartilhamento deve ser realizado com todos os integrantes da Rede.

Gráfico 2 – Existência de (a) iniciativa de compartilhar informações de interesse na REDARTE/RJ e (b) entendimento de que informações e conhecimento devem ser compartilhados com todo o grupo

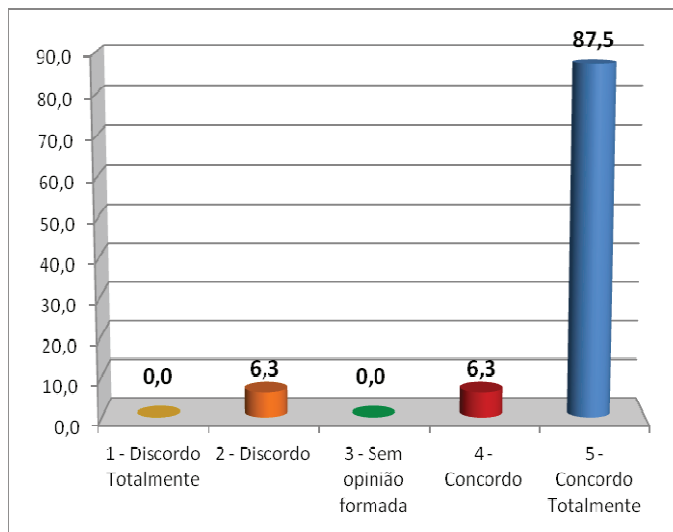


A existência da iniciativa de compartilhamento foi, portanto, confirmada entre os membros da REDARTE/RJ.

Ainda, a concordância em relação ao compartilhamento com todos e não apenas com participantes específicos, leva-nos a inferir que o grupo, de maneira geral, não tem a intenção de concentrar informações entre integrantes específicos.

Conforme mostra o gráfico 3, 87,5% dos respondentes concordam totalmente, 6,3% concordam e apenas um respondente, 6,3%, discorda que possui acesso a dados e informações de todas as unidades integrantes da REDARTE/RJ (como por exemplo, *e-mail*, telefones...), sendo possível a comunicação informal com os membros que desejar, não havendo centralização da comunicação.

Gráfico 3 – Acesso a dados e informações das unidades integrantes e descentralização da comunicação

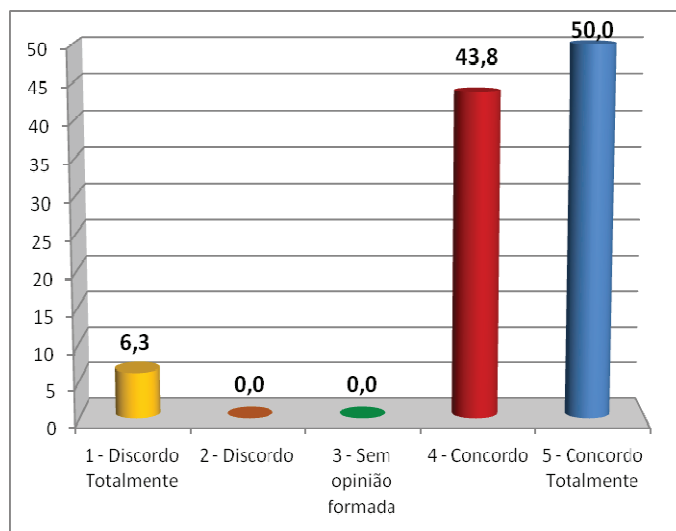


De acordo com as respostas obtidas, pode-se afirmar que, embora haja uma diretoria, eleita por voto, ela não é responsável pelo direcionamento da comunicação, permitindo a livre participação e integração entre os membros da Rede.

Além da promoção da cultura do compartilhamento, da iniciativa dos integrantes em trocar informações e experiências e da existência de um fluxo comunicacional descentralizado, é importante que haja espaço para que insucessos e falhas sejam compartilhados, evitando a repetição de erros e o dispêndio de recursos e esforços com algo que se sabe não dar certo; e, também, confiança nas informações veiculadas, sendo essa última, uma das características que devem permear o trabalho em rede para que ela funcione de forma sustentável.

A existência dessas características confirma-se, em parte, na REDARTE/RJ, uma vez que apenas um integrante discorda totalmente da existência de espaços para o compartilhamento de insucessos e falhas, tendo os demais respondentes concordado totalmente (50,0%) ou concordado (43,8%) com esse fato, como apresentado no gráfico 4.

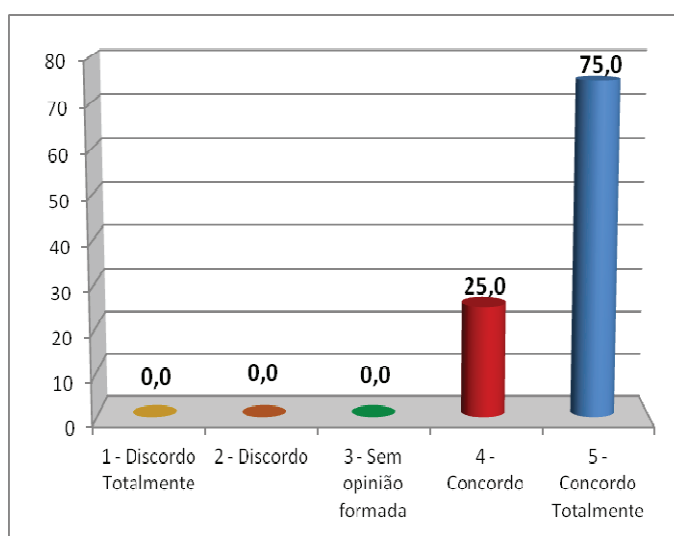
Gráfico 4 – Existência de espaço para o compartilhamento de falhas e insucessos



No entanto, o fato da concordância total ter sido de apenas 50,0% leva a concluir que há necessidade de enfatizar a possibilidade de usar a rede para ampliar a troca de experiências também em relação a problemas, dúvidas e insucessos.

Em relação ao nível de credibilidade das informações veiculadas na REDARTE/RJ, 75,0% dos repondentes concordam totalmente e 25,0% concordam que é alto, como pode ser observado no gráfico 5.

Gráfico 5 – Existência de alto nível de credibilidade nas informações veiculadas



Conclui-se que os respondentes consideram confiáveis as informações veiculadas na REDARTE/RJ. Fato esse de extrema importância para o bom desenvolvimento e a permanência de uma rede.

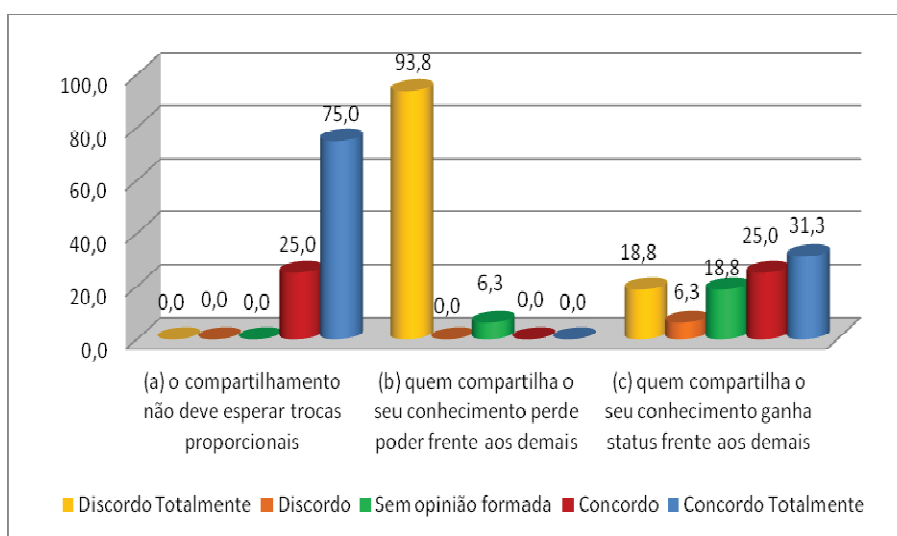
Em relação ao compartilhamento de informações e conhecimentos, foram feitas três questões que, por serem relacionadas, são apresentadas em conjunto no gráfico 6, para permitir melhor compreensão dos resultados.

Quanto ao compartilhamento de informações e conhecimentos sem esperar que as trocas sejam nas mesmas proporções, 75,0% dos respondentes disseram concordar totalmente, enquanto 25,0% afirmam concordar com a assertiva, conforme ilustra o gráfico 6, item (a).

Quando indagados se concordam com a máxima que diz que quem compartilha o seu conhecimento perde poder, foi alto o índice de discordância: 93,8 % afirmaram que discordam totalmente, havendo apenas um respondente (6,3%) sem opinião formada em relação ao tópico em questão, conforme o gráfico 6, item (b).

Ao responderem se concordam que quem compartilha ganha status e reconhecimento frente aos demais, as opiniões ficaram divididas: 31,3% concordam totalmente, 25,0% concordam, 18,8% afirmaram não ter opinião formada, outros 18,8% discordam totalmente e 6,3% discordam da assertiva, conforme mostra o gráfico 6(c).

Gráfico 6 – Concordância com as afirmativas: (a) o compartilhamento não deve esperar trocas proporcionais, (b) quem compartilha o seu conhecimento perde poder frente aos demais, (c) quem compartilha o seu conhecimento ganha status frente aos demais.

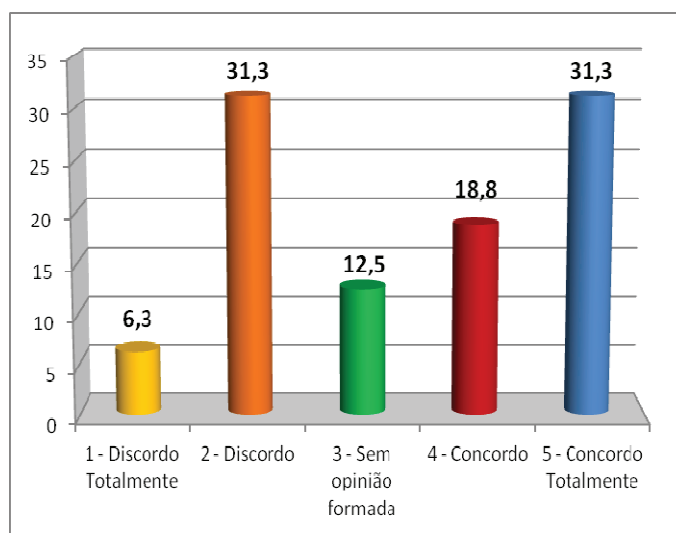


Uma cultura que valoriza o compartilhamento parece estar presente na REDARTE/RJ, já que nenhum integrante discorda do fato de que não se deve compartilhar informações e conhecimentos esperando que os outros companheiros o façam nas mesmas proporções, além de não julgarem o ato de compartilhar como forma de perder poder.

No entanto, o fato de que 56,3% dos respondentes terem concordado com a assertiva “ao compartilhar se ganha status e reconhecimento” (se somadas as respostas de concordo e concordo totalmente), contradiz, de certa forma, a anterior, em que a grande maioria (93,8%) afirmou concordar totalmente que ao compartilhar não se perde poder. Era de se esperar que proporção semelhante de pessoas concordasse que compartilhar informações e conhecimento, leva a *status* e reconhecimento.³²

Quando questionados sobre a existência de padrões para as unidades integrantes da Rede, como linguagem comum e código de conduta, por exemplo, 31,3% afirmaram que concordam totalmente, 31,3% que discordam, 18,8% que concordam, 12,5% que não possuem opinião formada a respeito e 6,3% que discordam totalmente da assertiva, como pode ser observado no gráfico 7.

Gráfico 7 – Existência de padrões para as unidades integrantes da REDARTE/RJ



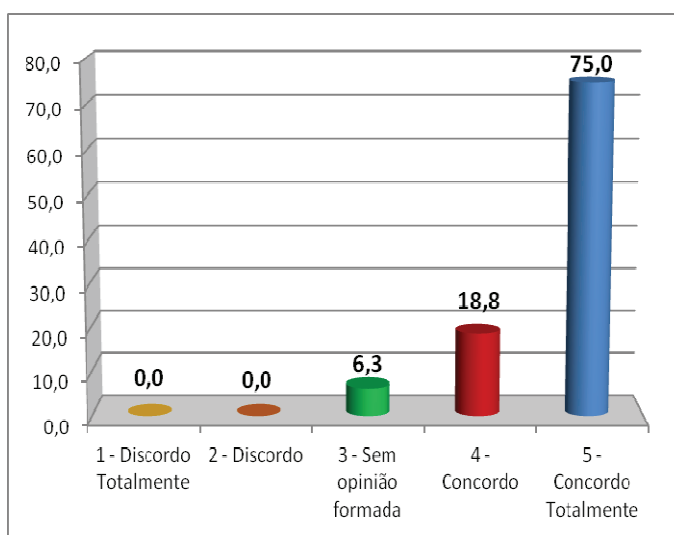
Visto que a proporção dos que concordam totalmente (31,3%) é a mesma dos que discordam (31,3%) com a existência desses padrões para as unidades integrantes, percebe-se uma falta de clareza em relação à questão, havendo a necessidade da oficialização e da

³² Conforme a afirmação de diversos autores, entre eles, Vinton Cerf, o criador do protocolo TCP/IP, que deu origem à Internet, em entrevista publicada na Exame 40 anos, v. 41, n. 23, dez. 2007 : “o antigo adágio Informação é Poder precisa ser corrigido para Compartilhar Informação é Poder.”.

consolidação de padrões que promovam a utilização de linguagens comuns e procedimentos semelhantes entre os integrantes, facilitando a comunicação, a assimilação de informações, a geração de conhecimentos e a otimização do fluxo informacional na Rede.

No que concerne ao incentivo que a REDARTE/RJ dá aos seus membros a participarem de eventos externos a ela, 75,0% dos respondentes concordam totalmente, 18,8% concordam e 6,3% não possuem opinião formada em relação ao assunto, como demonstra o gráfico 8.

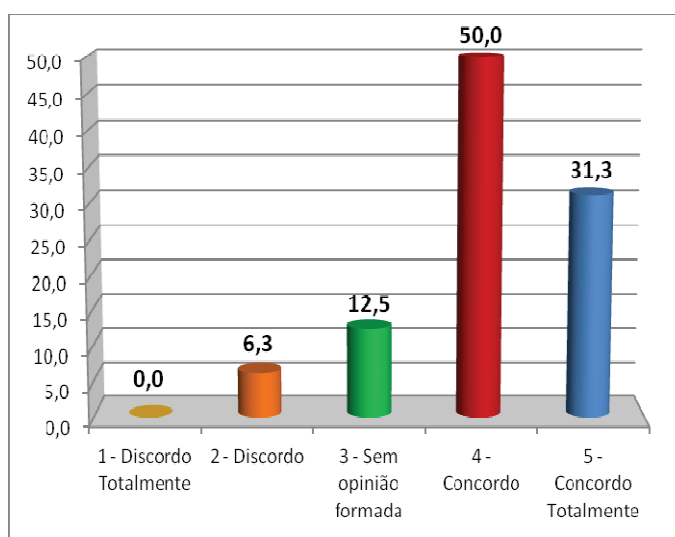
Gráfico 8 – Incentivo dado pela REDARTE/RJ para a participação em eventos externos



A despeito de certa indecisão em relação a esse incentivo, como não houve discordância, pode-se afirmar que a REDARTE/RJ estimula a troca de informações e experiências, também, com agentes externos a ela, o que é favorável ao seu desenvolvimento e enriquecimento, já que informações e experiências vindas de outros ambientes podem agregar valor aos serviços, produtos e atividades da Rede, além de oferecer uma visão diferenciada sobre assuntos interessantes a ela.

Em relação ao registro de conhecimentos, 50,0% dos respondentes concordam e 31,3% concordam totalmente com a existência de incentivos para o registro do conhecimento e *know-how* que flui na REDARTE/RJ, como a elaboração de documentos, artigos e publicações, como consta no gráfico 9.

Gráfico 9 – Existência de incentivo para o registro do conhecimento e *know-how* que flui na REDARTE/RJ



Visto que apenas 31,3% dos respondentes afirmaram que concordam totalmente com a existência desse incentivo e como se reconhece a importância desses registros para a posterior recuperação e disseminação dos conhecimentos e *know-how* que perpassam por essa rede, destaca-se como um ponto que deve ser melhor trabalhado pelo grupo.

Quando as gestoras, em entrevista, foram questionadas a respeito da existência de alguma forma de registro ou sistematização de informações sobre experiências bem sucedidas em unidades de informação que poderiam ser acessadas pelos participantes da REDARTE/RJ, como, por exemplo, um banco de dados de melhores práticas, de lições aprendidas, de casos de sucesso, de modo a estimular o aprendizado, elas afirmaram que, caso esses fatos sejam mencionados em reunião, o registro deles pode ser encontrado nas atas.

Também as fotografias foram destacadas pelas entrevistadas como importantes para conservar a memória da Rede, abrangendo um aspecto diferente do coberto pelas atas. A atual presidente afirmou que pretende dar início a uma mobilização para a recuperação e a digitalização de fotos, visando completar o álbum que está disponível na Internet (Picasa), que foi considerado pelas entrevistadas como forma de divulgação do trabalho da REDARTE/RJ.

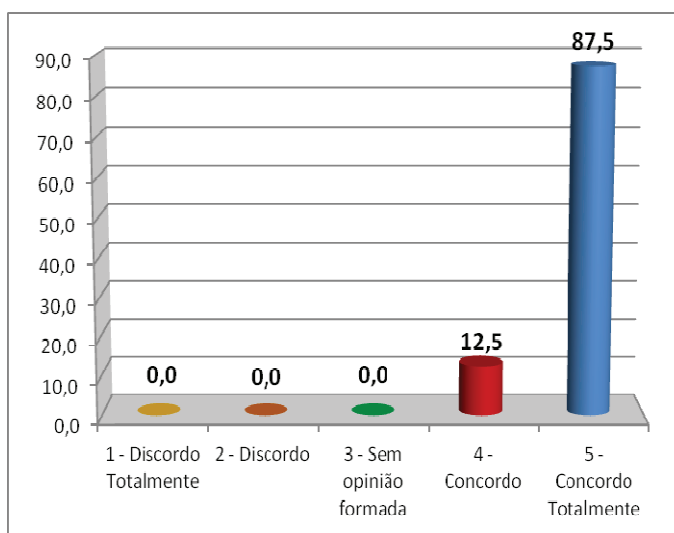
O registro de alguns eventos na forma de vídeo também foi citado por elas. No entanto, esse material ainda não está acessível por envolver questões de direitos autorais e por não haver espaço disponível para seu armazenamento e divulgação. Uma das entrevistadas acredita que o novo *site* será uma porta para que essa questão seja solucionada.

As gestoras também destacaram que as reportagens publicadas e os trabalhos escritos e apresentados sobre a REDARTE/RJ são considerados uma forma de registro das atividades da Rede. Esse material vem sendo reunido e alguns deles encontram-se disponíveis para consulta e *download* no novo *site* da Rede (<<http://redarterj.com/>>).

Além da necessidade de sistematização e disseminação de informações sobre as atividades desenvolvidas pela REDARTE/RJ, como realizado atualmente, destaca-se a necessidade de haver políticas que estimulem o registro das informações e dos conhecimentos que fluem dentro da Rede, agregando valor às suas práticas e evidenciando sua evolução para além de uma rede tradicional de bibliotecas.

A necessidade de uma estrutura pautada, também, no registro, destaca-se quando 87,5% dos respondentes concordam totalmente e 12,5% concordam que as informações, os conhecimentos e as experiências compartilhadas na REDARTE/RJ contribuem para o crescimento da área de informação em arte, como ilustra o gráfico 10.

Gráfico 10 – As informações, os conhecimentos e as experiências compartilhadas contribuem para o crescimento da área de informação em arte

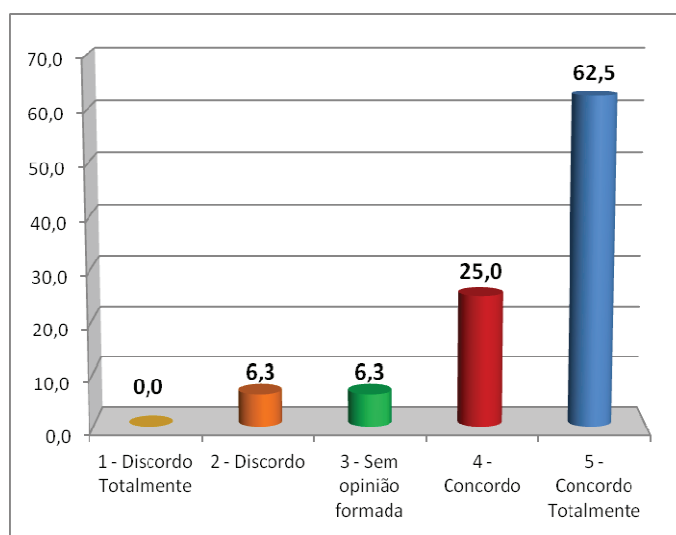


Tal fato confirma a contribuição da REDARTE/RJ para o crescimento da área de informação em arte, justifica a importância que os integrantes conferem à sua participação e explicita a necessidade da expansão das atividades dessa rede e de outras iniciativas como essa, tendo como área de trabalho a informação em arte.

Quando questionados se concordam que a REDARTE/RJ procura estimular o desenvolvimento de competências informacionais em seus participantes e usuários, 62,5%

concordam totalmente e 25,0% concordam, havendo um respondente sem opinião formada (6,3%) e um respondente que discorda (6,3%) com a existência de tal iniciativa, como ilustra o gráfico 11.

Gráfico 11 – Estímulo que a REDARTE/RJ confere ao desenvolvimento de competências informacionais



Acredita-se que esse índice positivo esteja ligado aos eventos que a REDARTE/RJ costuma organizar com o objetivo de esclarecer e oferecer subsídios aos profissionais da informação e aos usuários sobre como lidar com questões novas ou complexas da área de informação e/ou arte.

Com a análise das atas dos últimos três anos de atividades da Rede (2009, 2010 e 2011), percebe-se uma grande motivação e mobilização para a realização desses eventos, considerados de extrema importância pelos integrantes.

Sua relevância também foi explicitada por mais de um integrante no questionário, chegando um deles a sugerir como ação para otimizar a atuação da REDARTE/RJ, que ela “virasse uma ‘escola’”, sendo a oferta de cursos uma forma de geração de renda.³³

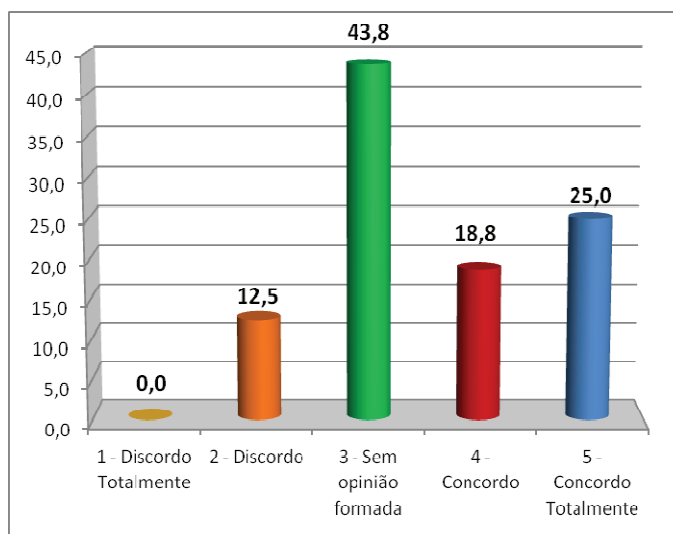
As gestoras entrevistadas também destacaram a relevância dos eventos, tanto para a interação e o desenvolvimento dos profissionais, como para a divulgação da Rede para outras instituições e para os usuários da informação em arte.

Quando questionados a respeito de receberem treinamento para uso de recursos da *web* 2.0 visando a comunicação e o compartilhamento de experiências, 43,8% dos respondentes

³³ O aprofundamento dessa questão foge ao escopo desse trabalho, embora se acredite não ser esse o rumo que a REDARTE/RJ pretenda tomar.

afirmaram não ter opinião formada a respeito da oferta de cursos com essa abordagem, 25,0% concordaram totalmente, 18,8% concordaram e 12,5% discordaram que a REDARTE/RJ provê treinamento relacionado ao uso de recursos da *web 2.0* para a comunicação e o compartilhamento de experiências entre seus membros, como pode ser observado no gráfico 12.

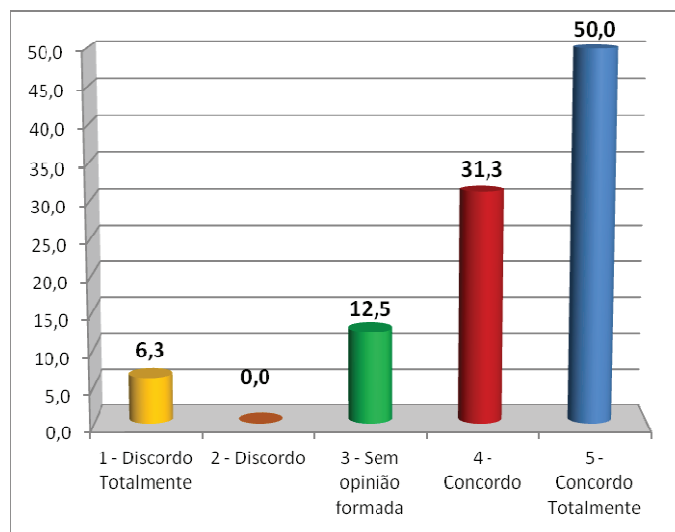
Gráfico 12 – Concordância com o fato de que a REDARTE/RJ provê treinamento relacionado ao uso de recursos da *web 2.0* para a comunicação e o compartilhamento de experiências entre seus membros



Tal variação nas respostas parece indicar pouco conhecimento em relação ao tema *web 2.0* ou pouca divulgação do treinamento para esse tipo de recurso.

Quanto ao encorajamento que a REDARTE/RJ confere aos seus membros em relação ao uso das ferramentas da *web 2.0* para a comunicação e o compartilhamento de experiências e informações virtualmente, 50,0% dos respondentes concordam totalmente e 31,3% concordam com a afirmativa, tendo 12,5% dos integrantes afirmado não possuir opinião formada e 6,3% discordado totalmente, como pode ser observado no gráfico 13, a seguir.

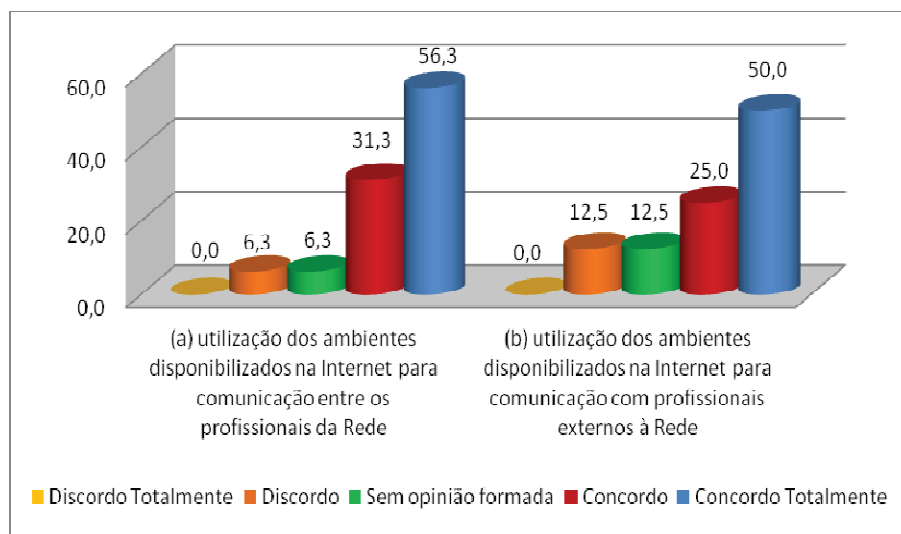
Gráfico 13 – Encorajamento que a REDARTE/RJ dá a seus integrantes para a comunicação e o compartilhamento virtual de experiências e informações



Importante observar que, embora haja o incentivo por parte da REDARTE/RJ para a comunicação e o compartilhamento virtual (50,0% concordam totalmente com isso), os integrantes parecem não achar que ela seja responsável por prover treinamento para a utilização desses recursos, pois ao responderem a questão anterior (cf. gráfico 12), 43,8% não possuíam opinião formada em relação ao assunto.

A distribuição das respostas em relação ao uso dos ambientes disponibilizados pela REDARTE/RJ na Internet, encontram-se no gráfico 14: 56,3% dos integrantes da Rede concordam totalmente e 31,3% concordam que utilizam os ambientes disponibilizados na Internet para a comunicação, a interação e o compartilhamento de informações e experiências com outros participantes da Rede, como ilustra o item (a); e 50,0% concordam totalmente e 25,0% concordam que o fazem com outros profissionais da informação externos à Rede, conforme o item (b).

Gráfico 14 – Utilização dos ambientes disponibilizados na Internet para comunicação (a) entre os profissionais da REDARTE/RJ e (b) externos a ela



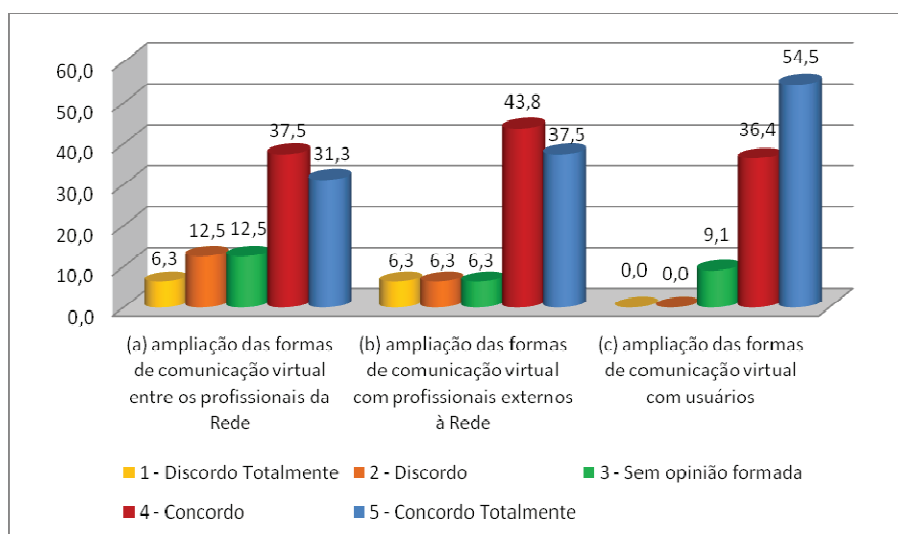
A concordância total a respeito da questão não é unânime, e, apesar de representar a maioria, se somados os que concordam e os que concordam totalmente, parece não estar havendo muito aproveitamento dos recursos disponibilizados pela REDARTE/RJ, e merece ser verificado se o fato ocorre em função das instituições não oferecerem a infraestrutura necessária ao seu acesso, ou se é devido a resistência à utilização de tecnologias ou, ainda, à existência de pouca comunicação com usuários externos à Rede.

Quando questionados se acreditam que a REDARTE/RJ deve ampliar as formas de comunicação virtual entre os seus participantes, 37,5% concordam, 31,3% concordam totalmente, 12,5% discordam ou não possuem opinião formada sobre o assunto e 6,3% discordam totalmente dessa ampliação, como ilustra o gráfico 15, item (a).

Já em relação a ampliação das formas de comunicação virtual com profissionais da informação que não fazem parte da REDARTE/RJ, 43,8% concordam, 37,5% concordam totalmente e 6,3% ou discordam totalmente, ou discordam, ou não possuem opinião formada sobre a questão, como mostra o item (b) do gráfico 15.

No que tange a ampliação das formas de comunicação virtual com os usuários de informação em arte, 54,5% dos respondentes concordam totalmente, 36,4% concordam e 9,1% não possuem opinião formada sobre o assunto, como demonstra o gráfico 15, item (c).

Gráfico 15 – Ampliação de formas de comunicação virtual (a) entre os participantes da REDARTE/RJ, (b) externos à REDARTE/RJ e (c) com usuários



Embora haja concordância da maioria dos respondentes – se somadas as respostas dos que concordam (37,5%) e dos que concordam totalmente (31,3%) que a REDARTE/RJ deve ampliar as formas de comunicação virtual entre os seus participantes – há quem discorde (12,5%) e quem discorde totalmente (6,3%) dessa ampliação. Pode-se inferir, então, que mais do que a falta de infraestrutura tecnológica, há uma certa resistência em relação à ampliação da utilização desses recursos, o que pode estar vinculado ao valor que conferem às reuniões presenciais.

Na entrevista realizada com as gestoras, elas destacaram que, em alguns momentos, tentaram ampliar a utilização desses recursos, mas que a infraestrutura das instituições não permitiu, por exemplo, a transmissão de uma palestra internacional e a participação, via Skype, dos integrantes que não podiam comparecer pessoalmente às reuniões.

Como o índice de concordância aumenta em relação a ampliação das formas de comunicação virtual com profissionais da informação que não fazem parte da REDARTE/RJ – 43,8% concordam e 37,5% concordam totalmente – confirma-se o fato da importância conferida aos encontros presenciais da REDARTE/RJ, uma vez que com profissionais externos à Rede esse encontro torna-se mais difícil.

Visto que 54,5% dos respondentes concordam totalmente e 36,4% concordam com a ampliação das formas de comunicação virtual com os usuários de informação em arte, pode-se concluir que a ideia inicial, onde o bibliotecário era o foco da Rede, sofreu alterações, evidenciando-se a necessidade de aproximação com os usuários finais.

Mesmo tendo o usuário como beneficiário indireto de suas ações, em entrevista com as idealizadoras da REDARTE/RJ, ambas confirmaram que o foco da Rede, quando pensada, era o profissional da informação. No entanto, a mudança de foco que se evidenciou na questão acima, também esteve presente no discurso das gestoras, pois quando solicitadas a enumerar, segundo o grau de importância, o foco da Rede, tanto a presidente atual como a anterior colocaram os profissionais de arte e pesquisadores em primeira posição, seguidos dos profissionais da informação e da comunidade em geral interessada em arte.

Em relação ao conhecimento e à utilização dos recursos disponibilizados pela REDARTE/RJ na Internet, importante notar, como ilustra o gráfico 16, que todos os integrantes afirmam ter conhecimento do *e-mail* da REDARTE/RJ. Segundo eles, é a ferramenta mais utilizada por ser considerada, dentre as disponibilizadas, a mais segura para a troca de informações.

Os participantes da Rede afirmam que a utilização do correio eletrônico se dá para o compartilhamento de informações, notícias e artigos; para a atualização em relação às atividades realizadas pela REDARTE/RJ e externas a ela, como exposições, palestras e seminários, que são, também, divulgadas entre seus usuários; para a localização de obras em outras unidades; para a solicitação de empréstimo entre bibliotecas e para a divulgação de eventos e listas de duplicatas (doação).

As gestoras, em entrevista, também destacaram o *e-mail* como a ferramenta mais utilizada, por meio da qual também costumam circular informações e orientações de cunho mais técnico e relacionadas a experiências, como o tratamento de acervo, a contratação de serviços – como os de higienização, conservação e a digitalização – e a compra de produtos, como mobiliário.

Convém observar que o *e-mail* é um recurso no qual a comunicação é de um para um ou um para muitos – característica da *web* 1.0. E, embora, na REDARTE/RJ, as mensagens tendem a serem enviadas para todo o grupo, através do correio eletrônico, não há a garantia de que as respostas sejam, também, direcionadas a todos, inibindo a ampla colaboração, como ocorre em um blog, por exemplo, onde é possível comentar, votar, adicionar tags (folksonomia). Além disso, não há nenhum tipo de tratamento das informações veiculadas por *e-mail*.

O Blog (<<http://redarterj.wordpress.com/>>), ferramenta que terá seu uso gradativamente substituído pelo do novo *site* da Rede (<<http://redarterj.com/>>), lançado no dia 15 de dezembro de 2011, e que já vem sendo utilizado por alguns participantes (18,8% afirmam utilizar o novo *site*), é a segunda ferramenta mais acessada. Por meio dele, os

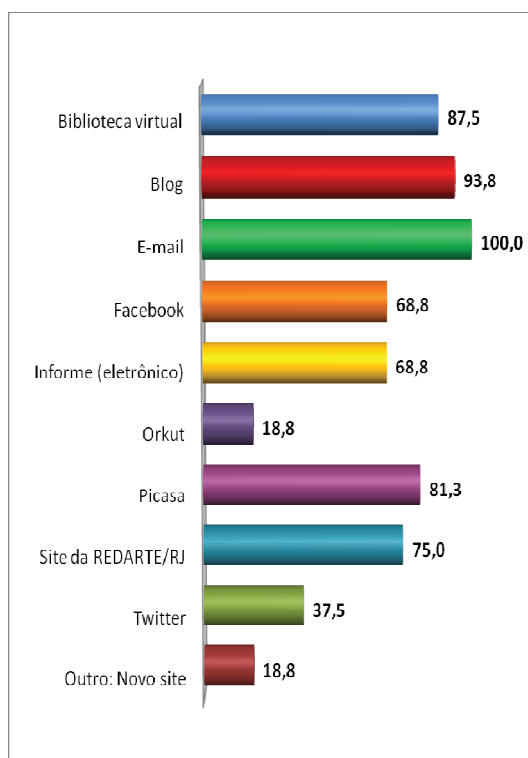
integrantes dizem manterem-se atualizados em relação a eventos e atividades realizadas ou divulgadas pela REDARTE/RJ e obterem informações sobre as outras unidades integrantes.

O *site* antigo da Rede (<<http://www.goethe.de/ins/br/lp/prj/red/rio/ptindex.htm>>), acessado por 75% dos integrantes, também é utilizado com esses objetivos.

Já o Informe Eletrônico, divulgado através de ferramentas como *e-mail* e Facebook, foi citado como forma de atualização e divulgação de informações, assim como o Orkut e o Twitter. Embora estes últimos recursos pareçam ter pouca adesão pelos integrantes do grupo, deve-se levar em consideração o fato de seu acesso ser bloqueado em algumas instituições.

O Picasa, utilizado por 81,3% dos integrantes da Rede, é considerado pelas gestoras como uma forma de divulgar e registrar o trabalho da REDARTE/RJ e, pelo que a adesão indica, também por seus integrantes.

Gráfico 16 – Percentual de conhecimento, pelos integrantes, dos recursos disponibilizados pela REDARTE/RJ na Internet



Mesmo havendo que se considerar a existência de bloqueio de acesso por parte de algumas instituições participantes, os recursos da *web* 2.0 devem ser melhor explorados pelo grupo, visto que a relação parece, ainda, estar muito centrada na passividade, não se

aproveitando as oportunidades de desenvolvimento de produtos e serviços de forma colaborativa, por exemplo, favorecidos pela utilização dessas ferramentas.

Vale destacar que não há formas de mensuração da utilização desses recursos, mas, de acordo com as gestoras entrevistadas, esse foi um dos requisitos primordiais na seleção da empresa que desenvolveria o novo *site* da REDARTE/RJ.

Em espaço aberto, no questionário, para a sugestão de recursos da *web* 2.0 que poderiam ser adotados pela Rede, apenas um respondente se manifestou, dizendo que a Rede está trabalhando na retomada da utilização de um grupo abrigado no YahooGroups. Segundo a mesma respondente, o que a REDARTE/RJ precisa é fortalecer os vários recursos que já dispõe.

8.3 Cooperação na REDARTE/RJ³⁴

O processo de cooperação, conforme entendido nesta pesquisa, é aquele que se dá quando parceiros repartem o trabalho, mediante acordos pré-estabelecidos entre as partes, visando, principalmente, o racionamento de recursos (humanos, tecnológicos e materiais).

Pretende-se, com a análise que segue, vislumbrar e compreender como o processo cooperativo ocorre na REDARTE/RJ.

Quando questionados se a participação na REDARTE/RJ proporciona maiores possibilidades de empréstimo de documentos, 81,3% dos respondentes afirmaram que concordam totalmente e 12,5% que concordam com a assertiva, havendo apenas um respondente sem opinião formada (6,3%) e nenhuma discordância (0,0%), como demonstra o gráfico 17, item (a).

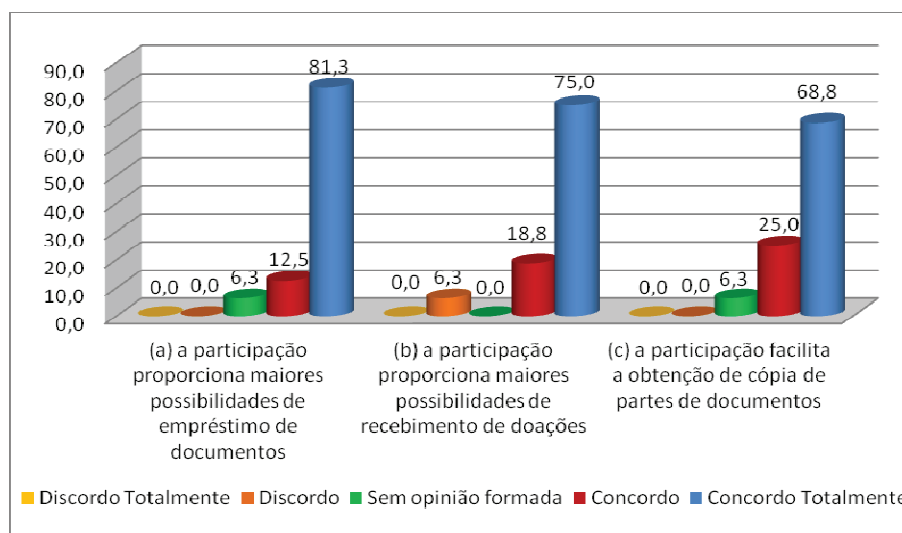
A maioria dos respondentes concorda totalmente (75,0%) e outros 18,8% concordam que a participação na REDARTE/RJ proporciona maiores possibilidades de recebimento de doações, havendo apenas 6,3% de discordância, conforme o item (b) do gráfico 17.

Situação semelhante aparece quando se procura verificar se a participação na REDARTE/RJ facilita a obtenção de cópia de partes de documentos, já que 68,8% concordam

³⁴ A partir deste momento, torna-se frequente ao menos um respondente não ter opinião formada sobre determinado assunto (6,3%). Esse fato muitas vezes se dá em virtude desse integrante não poder participar das reuniões por trabalhar sozinho na unidade de informação, considerando-se desconfortável para se manifestar sobre determinadas questões.

totalmente, 25,0% concordam e 6,3% não possuem opinião formada sobre o assunto, como pode ser observado no gráfico 17, item (c).

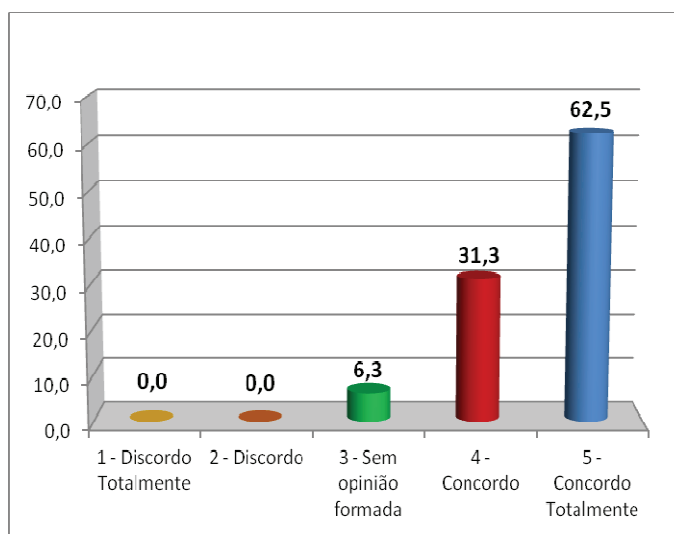
Gráfico 17 – A participação na REDARTE/RJ proporciona maiores (a) possibilidades de empréstimo de documentos, (b) de recebimento de doações e (c) facilita a obtenção de cópia de partes de documentos



Pode-se afirmar que os elementos que configuram, tradicionalmente, a cooperação entre bibliotecas, estão presentes na REDARTE/RJ, uma vez que a maioria dos integrantes concorda totalmente que a sua participação na Rede proporciona maiores possibilidades de empréstimo de documentos e recebimento de doações, além de facilitar a obtenção de cópia de partes de documentos.

E o mesmo acontece em relação à priorização dos membros da Rede no momento da realização de doações, tendo 62,5% concordado totalmente, 31,3% concordado e 6,3% não tendo opinião formada sobre o assunto, como demonstra o gráfico 18.

Gráfico 18 – Priorização dos membros da REDARTE/RJ quando há a realização de doação de documentos

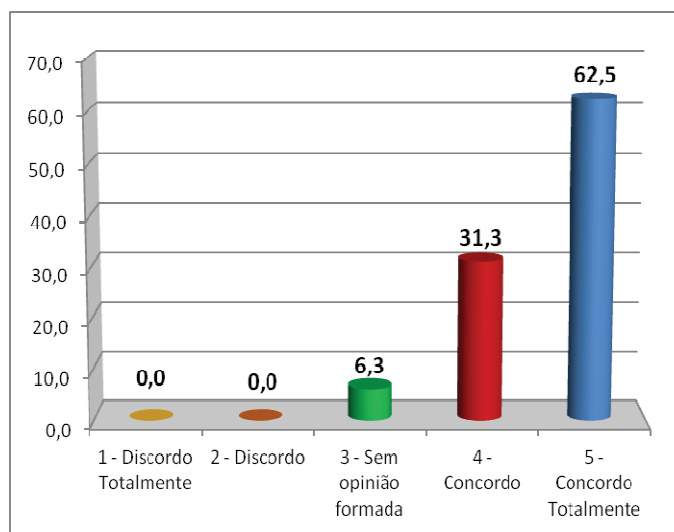


Portanto, a cooperação entre os membros da REDARTE/RJ, no que tange a doações de documentos, é marcante.

A maioria dos integrantes concorda totalmente (62,5%) e 31,3% concordam, como pode ser observado no gráfico 19, que sua participação na Rede otimiza o processo de desenvolvimento de coleções, pois levam em consideração, no momento da aquisição, o que podem conseguir por empréstimo com as instituições integrantes da REDARTE/RJ, destinando melhor as verbas para aquisição de documentos³⁵.

³⁵ Esse fato também foi mencionado pelas gestoras, tendo elas denominado a ação como aquisição planejada, que aconteceria de maneira informal na Rede. Embora essa atitude seja benéfica para as unidades integrantes da REDARTE/RJ, vale a pena destacar que a aquisição planejada, também chamada de aquisição cooperativa, é um pouco mais complexa e sistemática do que o processo descrito acima. De acordo com Dicionário de Biblioteconomia e Arquivologia, trata-se de "[um] sistema que consiste na organização e coordenação de aquisições, envolvendo duas ou mais entidades, tais como bibliotecas, centros ou serviços de documentação, em nível local, regional, nacional ou internacional. Este plano ou sistema tem por finalidade prover a existência de, pelo menos, um exemplar de cada publicação na área geográfica em consideração." (CUNHA; CAVALCANTI, 2008, p. 20).

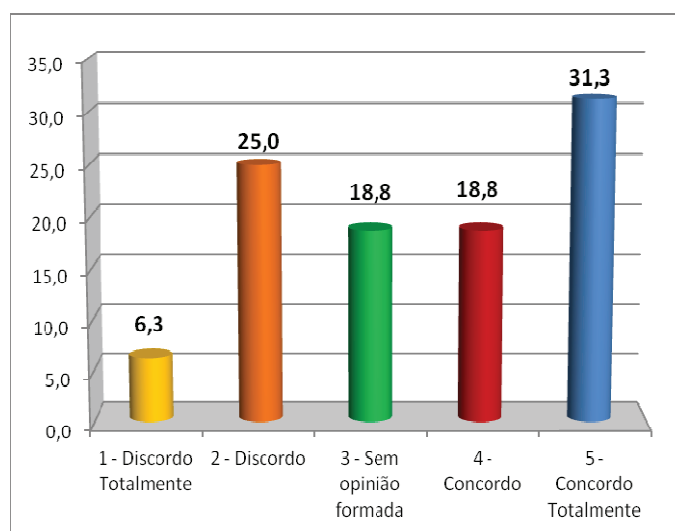
Gráfico 19 – A participação na REDARTE/RJ otimiza o processo de desenvolvimento de coleções



Logo, a otimização do processo de desenvolvimento de coleções é outra característica da cooperação que se faz presente na REDARTE/RJ.

Os participantes ficaram divididos ao serem questionados se buscam informações catalográficas nas bases de dados das unidades integrantes da REDARTE/RJ quando vão realizar o tratamento técnico de um documento, de modo a evitar duplicação de esforços: 31,3% afirmaram que concordam totalmente, 25,0% que discordam, 18,8% que concordam, 18,8% que não possuem opinião formada e 6,3% discordam totalmente da assertiva, como consta no gráfico 20.

Gráfico 20 – Há busca de informações catalográficas nas bases de dados das unidades integrantes da REDARTE/RJ



Uma análise acerca dos motivos para não haver muita coincidência de opiniões, permite identificar três possibilidades:

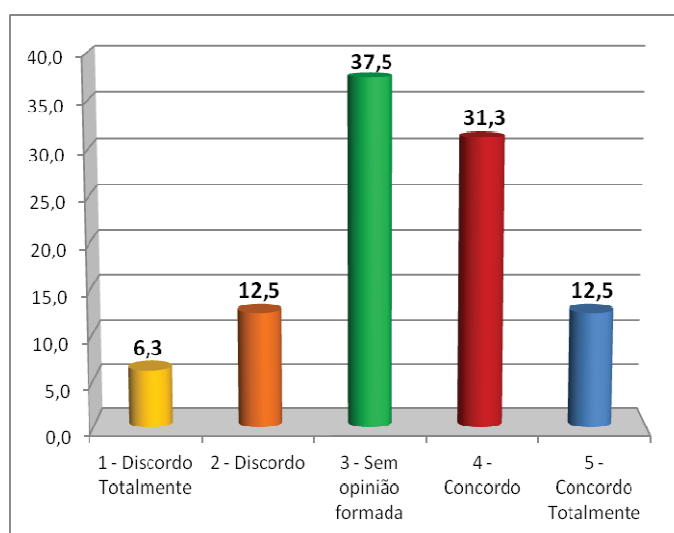
a) o fato de algumas unidades integrantes possuírem acervos muito particulares e específicos, como é o caso, por exemplo, do Museu do Índio, cujo acervo, composto por grafismos e adornos, detém peças únicas e exclusivas.

b) o fato da REDARTE/RJ não ter um catálogo coletivo, o que dificulta o processo, já que o catalogador necessita acessar diferentes páginas e catálogos de diversas instituições para verificar a existência do registro catalográfico em outras unidades.

c) uma cultura organizacional e informacional pouco adaptada aos modos contemporâneos de atuação, que pressupõe que o trabalho em rede seja pautado na utilização de tecnologias para o aprimoramento dos processos de trabalho.

Entre os respondentes, 37,5%, não têm opinião formada em relação ao encorajamento para participar e desenvolver projetos em conjunto com outras unidades da Rede, 31,3% concordam e a proporção dos que concordam totalmente com essa afirmativa da REDARTE/RJ (12,5%) é a mesma dos que discordam (12,5%), como pode ser observado no gráfico 21, que se segue.

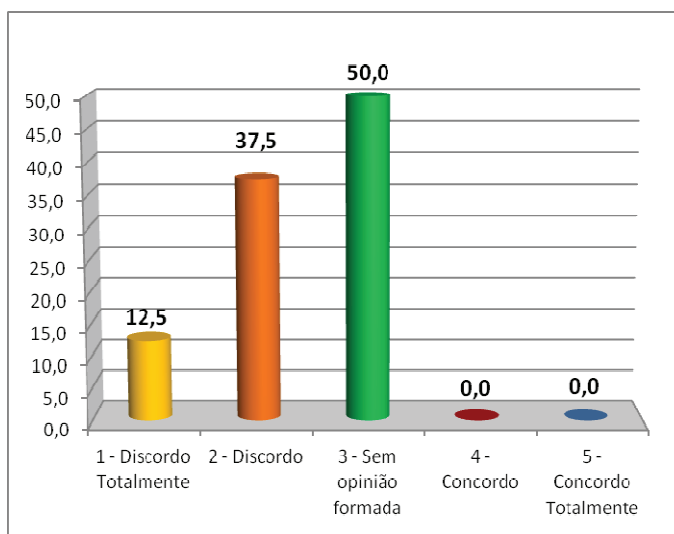
Gráfico 21 – Há encorajamento por parte da REDARTE/RJ para a participação e o desenvolvimento de projetos em conjunto com outras unidades da Rede



Parece, portanto, que falta estímulo à participação em projetos conjuntos na REDARTE/RJ.

Fato que se reflete na participação em trabalhos cooperativos entre as unidades integrantes da REDARTE/RJ, já que 50,0% dos respondentes não possuem opinião formada sobre o assunto, 37,5% discordam, 12,5% discordam totalmente e nenhum usuário concorda (0,0%) ou concorda totalmente (0,0%) com a assertiva, como demonstra o gráfico 22.

Gráfico 22 – Participação em trabalho cooperativo entre unidades integrantes da REDARTE/RJ



Aspecto esse que deve ser melhor trabalhado pelo grupo, já que não houve nenhuma concordância (0,0%) com a participação em trabalho cooperativo entre unidades integrantes da REDARTE/RJ.

A respeito da cooperação, algumas observações podem ser realizadas a partir das entrevistas e da análise das atas.

Uma das atividades destacadas pelas gestoras como sendo de cunho cooperativo dentro da Rede foram os Grupos de Trabalho (GTs), organizados para a realização de determinadas tarefas, como a organização de eventos e o planejamento do novo *site*. Esses grupos são formados, geralmente, através de convites da diretoria, que costumam ser direcionados de acordo com o perfil dos participantes. Segundo as entrevistadas, mesmo havendo essa “delegação”, as tarefas nem sempre são entregues como combinado, tendo elas afirmado que os GTs deveriam atuar mais ativamente.

Constata-se, a partir da análise das atas, que há uma divisão desigual de tarefas. Podendo esse ser o motivo que inviabiliza a concretização de alguns produtos pensados pela Rede. É possível perceber certa concentração de atividades – fato comentado, também, por um respondente do questionário – dado que dos 11 profissionais que fizeram parte do início

da Rede, os que ainda estão em atividade parecem ser mais ativos do que os que entraram depois, havendo um envolvimento maior dos mais antigos em tempo de participação.

Destaca-se como fruto de trabalho cooperativo a Biblioteca Digital (<<http://www.docpro.com.br/redarte/>>), desenvolvida em parceria com a DocPro³⁶, visando a divulgação de acervos de unidades participantes da Rede.

Outro produto desenvolvido de forma cooperativa, ainda em fase de elaboração, é um guia de bibliotecas brasileiras de Arte, que está sendo organizado por um GT formado na atual gestão (2010-2011), e que será disponibilizado no novo *site*.

Destaca-se, ainda, o *folder* da REDARTE/RJ, que contém, além do histórico da Rede, informações sobre a área de especialização das unidades integrantes, localização e formas de contato, como *e-mail*, *site* e telefone de cada biblioteca participante.

Segundo os componentes da Rede, embora o *folder* esteja disponível em versão digital, muitos usuários solicitam a versão impressa, da qual tiram cópias e repassam para os colegas de turma, no caso das bibliotecas universitárias.

Através da análise das atas, percebe-se, também, nos primeiros anos de atividade da Rede, um grande esforço para a realização de levantamentos bibliográficos, reunindo em um documento o que os acervos detinham sobre temas como dança e conservação e preservação de documentos, dando origem a bibliografias como produtos do trabalho cooperativo.

Questionadas em relação a dar prosseguimento a esforços como esse, uma das gestoras afirmou que algumas ideias iniciais não são mais prioritárias nas gestões atuais em virtude das facilidades de acesso possibilitadas pela Internet.

A ideia, agora, segundo a entrevistada, é canalizar esforços para que o bibliotecário possa orientar seu usuário cada vez melhor, não despendendo energia com instrumentos que se defasam com certa facilidade.

8.4 Compartilhamento de Informações na REDARTE/RJ

O compartilhamento relaciona-se à vontade ou desejo de ajudar outro indivíduo, dividindo algo que possui, como informações e experiências. Tem um caráter mais espontâneo do que a cooperação por não ter implícita a divisão de tarefas.

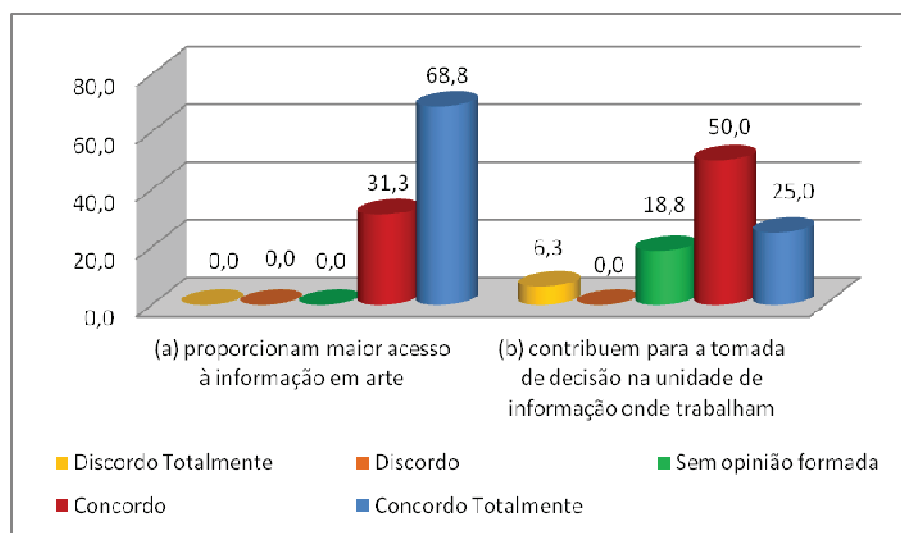
³⁶A partir do desenvolvimento de tecnologia própria, a DocPro é uma empresa que se especializou na formação de bibliotecas virtuais e digitais. Maiores informações em: <<http://www.docpro.com.br/mainweb/>>.

Buscou-se, neste bloco, verificar como se dá o compartilhamento de informações e, também, de experiências entre os membros da REDARTE/RJ.

Como demonstra o gráfico 23, item (a), os respondentes ou concordam totalmente (68,8%) ou concordam (31,3%) que as informações compartilhadas proporcionam maior acesso à informação em arte.

Quando a pergunta foi centrada na influência que essas informações possuem na tomada de decisões nas unidades de informação, 75,0% dos integrantes ou concordam (50,0%) ou concordam totalmente (25,0%) com a questão, como ilustra o gráfico 23, item (b).

Gráfico 23 – As informações compartilhadas (a) proporcionam maior acesso à informação em arte e (b) contribuem para a tomada de decisão na unidade de informação onde trabalham



O fato de haver a percepção de que as informações compartilhadas proporcionam maior acesso à informação em arte valoriza muito as ações dessa Rede, diante da difícil situação desse tipo de informação no Brasil.

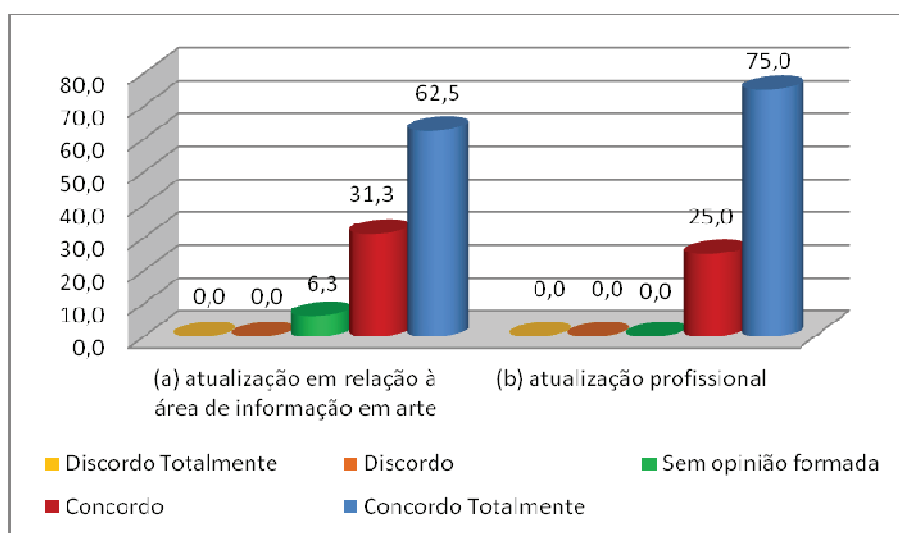
No entanto, visto que 68,8% dos respondentes concordaram totalmente que as informações compartilhadas proporcionam maior à informação em arte, era de se esperar que essas informações exercessem maior influência na tomada de decisão nas unidades de informação onde atuam; porém, apenas apenas 25,0% concordam totalmente que as informações compartilhadas exercem esse papel.

Quando questionados se as informações compartilhadas possibilitam manterem-se atualizados em relação à área de informação em arte, através das discussões desenvolvidas nas reuniões sobre o tema, da divulgação de eventos, bibliografias, *links* de interesse, 62,5%

concordaram totalmente e 31,3% concordaram com a assertiva, como ilustra o gráfico 24, item (a).

E quando a questão foi se as informações compartilhadas possibilitam a atualização profissional, através da divulgação de eventos, bibliografias, *links* de interesse e das discussões desenvolvidas nas reuniões acerca das atividades do profissional da informação, 75,0% dos respondentes concordaram totalmente e 25,0% concordaram com a assertiva, como ilustra o gráfico 24, item (b).

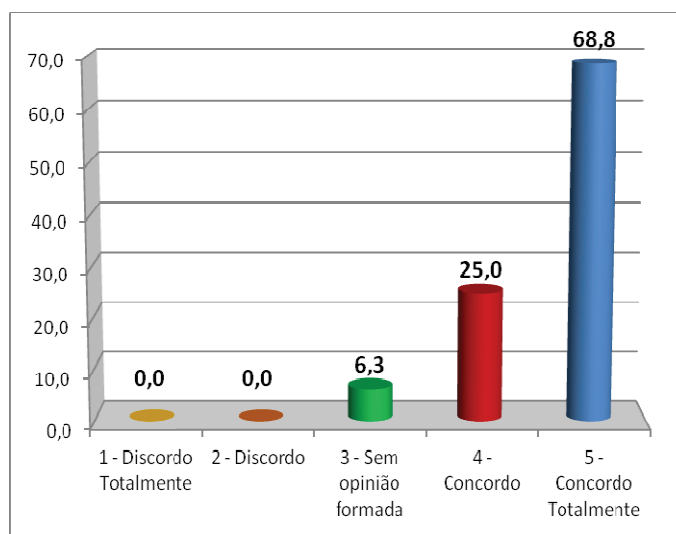
Gráfico 24 – As informações compartilhadas possibilitam a atualização em relação à (a) área de informação em arte e (b) atualização profissional



Tal grau de concordância confirma, em mais um aspecto, a importância das ações da REDARTE/RJ para o profissional da informação e, especialmente, para aqueles profissionais da informação que atuam com a informação em arte.

Como ilustra o gráfico 25, 68,8% dos que responderam a pesquisa concordam totalmente e 25,0% concordam que as informações compartilhadas permitem o direcionamento do usuário à instituição mais indicada para a realização do atendimento, a partir do conhecimento que passam a ter sobre as unidades integrantes da Rede.

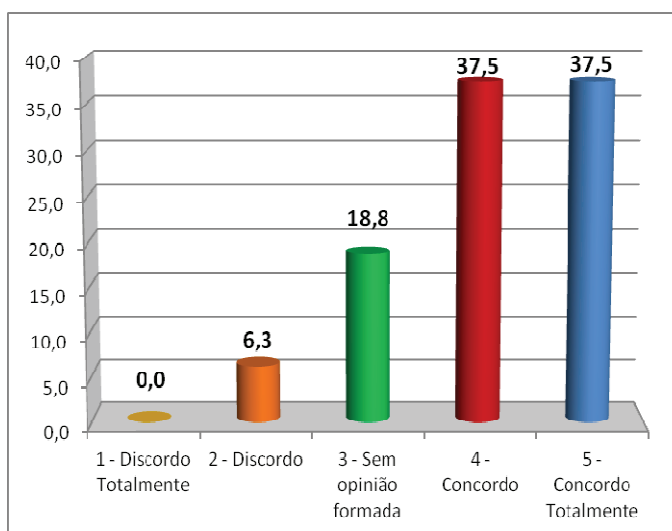
Gráfico 25 – As informações compartilhadas permitem o direcionamento do usuário à instituição mais indicada para a realização do atendimento



Com as respostas obtidas, é possível verificar a importância da REDARTE/RJ para a otimização do atendimento ao usuário de informação em arte.

Quando solicitados a avaliarem se as informações compartilhadas permitem o aperfeiçoamento do atendimento ao usuário na unidade de informação na qual trabalham, 37,5% dos respondentes concordam totalmente e a mesma proporção concorda com a assertiva, enquanto 18,8% dos respondentes não têm opinião formada sobre o assunto e há até quem discorde (6,3%), como ilustra o gráfico 26.

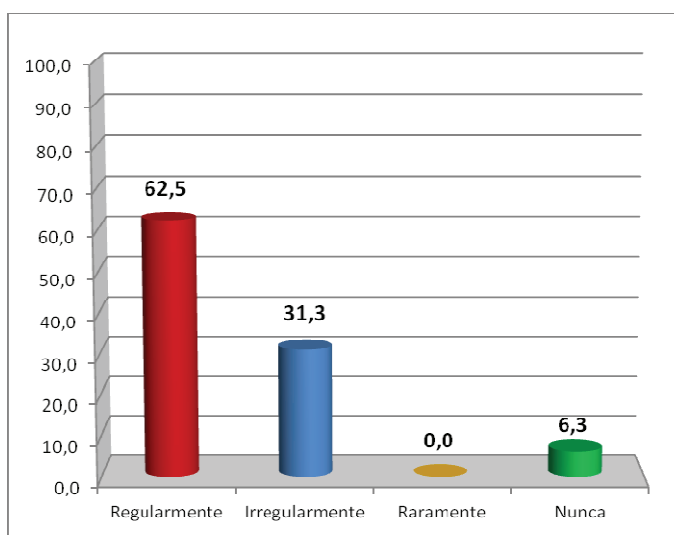
Gráfico 26 – As informações compartilhadas permitem o aperfeiçoamento do atendimento ao usuário nas unidades de informação na qual trabalham



Visto que o usuário foi apontado, em alguns momentos, como foco principal da REDARTE/RJ, esperava-se que a porcentagem dos que concordassem totalmente com o fato de que as informações compartilhadas permitem o aperfeiçoamento do seu atendimento nas unidades de informação na qual trabalham os profissionais fosse superior a 37,5%. Esse baixo índice de concordância merece investigação futura.

A maioria dos respondentes (62,5%) diz participar regularmente das reuniões, 31,3% participar irregularmente e um integrante (6,3%) afirma nunca comparecer às reuniões da Rede.

Gráfico 27 – Frequência de comparecimento às reuniões da REDARTE/RJ



A justificativa dada pelos integrantes para a participação irregular nas reuniões foi a falta de recursos humanos – e, conseqüentemente, tempo e disponibilidade – na unidade de informação na qual trabalham, impossibilitando ausências frequentes do local de trabalho ou, em um caso explicitado, nenhuma participação (6,3%) por impossibilidade de se ausentar da instituição, já que o profissional trabalha sozinho.

Ao serem inquiridos a responderem se percebem resistência ou falta de interesse ao compartilhamento de novas ideias e projetos na REDARTE/RJ, 87,0% dos respondentes manifestaram-se. Desses, 71,0% afirmaram que não percebem nenhuma resistência; pelo contrário, afirmaram que o grupo mostra-se sempre bem receptivo.

No entanto, houve quem respondesse que não percebe resistência da Rede em si, no conjunto, mas de alguns membros ou instituições específicas, que não se prontificam ou disponibilizam seus funcionários para a realização das atividades, embora façam questão de

continuarem na Rede para manter o *networking*, não colaborando diretamente com nenhum projeto.

Acredita-se que seja essa a razão de serem sempre as mesmas pessoas a participarem das atividades, conforme comentado por um respondente e já percebido e mencionado pela pesquisadora.

Outro integrante, no entanto, atribui essa situação à já citada falta de recursos humanos, que impossibilita a participação mais efetiva de algumas unidades, o que poderia ser a razão da não concretização de alguns produtos e serviços propostos.

8.5 Colaboração na REDARTE/RJ

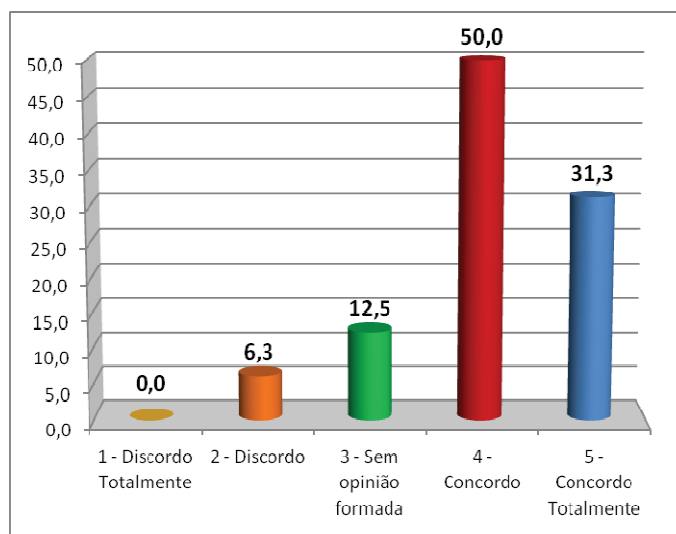
Quando há colaboração, o trabalho é realizado conjuntamente para o alcance de objetivos comuns, visando a soma de habilidades e conhecimentos individuais para a criação de algo novo ou a reformulação de algo já existente.

Acredita-se que esse deva ser um dos principais focos de uma rede como a REDARTE/RJ: todos trabalhando para atingir um objetivo comum, seja a resolução conjunta de problemas ou a inovação de produtos ou serviços.

Sendo assim, o presente estudo também procurou identificar como se dá o processo colaborativo na REDARTE/RJ.

Quando questionados se obtêm auxílio dos membros da REDARTE/RJ na resolução de questões profissionais, 50,0% dos respondentes concordam e 31,3% concordam totalmente que, quando não conseguem solucionar um problema profissional, obtêm auxílio dos membros da Rede na resolução da questão, havendo 12,5% de respondentes que não possuem opinião formada sobre o assunto e 6,3% de discordância, como pode ser observado no gráfico 28.

Gráfico 28 – Obtenção de auxílio dos membros da REDARTE/RJ na resolução de questões profissionais

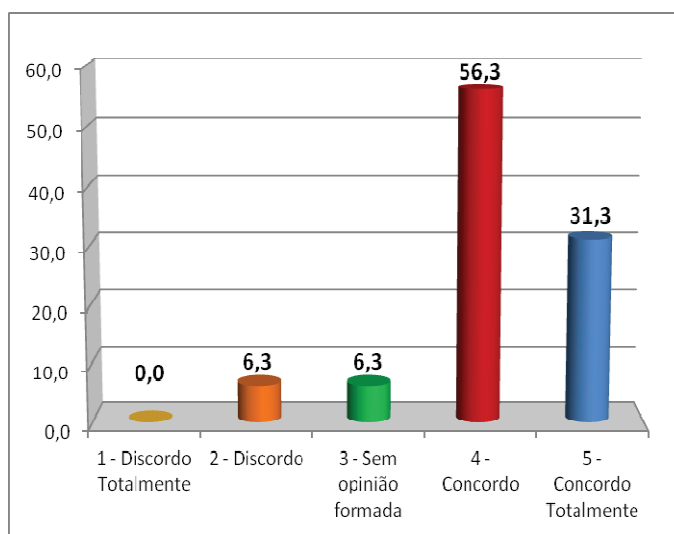


Já que as respostas do item acima se concentram em concordo (50,0%) e em concordo totalmente (31,3%), pode-se afirmar que a maioria dos membros da REDARTE/RJ costuma fazer uso da colaboração para a resolução de problemas.

No entanto, esse aspecto pode ser melhor explorado pelo grupo, já que apenas 31,3% dos respondentes concordam totalmente com a assertiva.

Enquanto 56,3% dos respondentes afirmaram que concordam, 31,3% dizem que concordam totalmente que são encorajados pela REDARTE/RJ a participarem de discussões e troca de ideias em conjunto com outras unidades da Rede, havendo um integrante (6,3%) sem opinião formada e outro (6,3%) que discorda dessa questão, como pode ser verificado no gráfico 29.

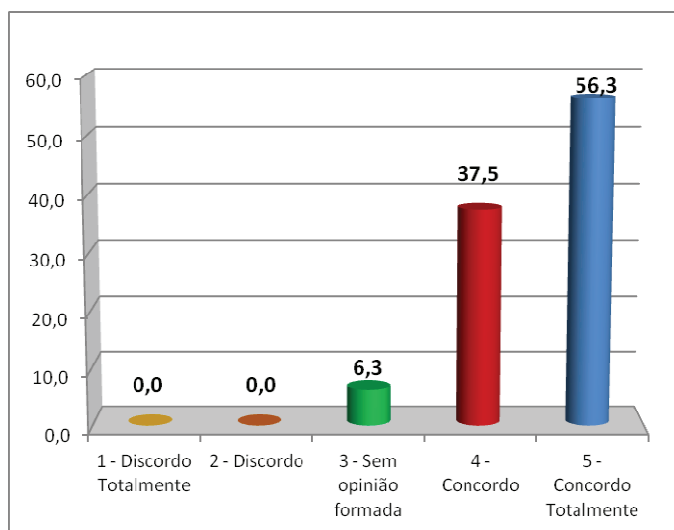
Gráfico 29 – Encorajamento pela REDARTE/RJ a participar de discussões e troca de ideias em conjunto com outras unidades da Rede



Embora os participantes afirmem que se sentem encorajados a trocarem ideias com outras unidades, isto não é uma unanimidade, já que apenas 31,3% concordam totalmente com esse encorajamento, 6,3% discordam e 6,3% não possuem opinião formada.

A maioria (56,3%) dos respondentes concorda totalmente e 37,5% concordam que a participação e a colaboração na REDARTE/RJ são importantes para a melhoria da sua atuação como profissionais da informação, havendo apenas um integrante (6,3%) sem opinião formada, como ilustra o gráfico 30.

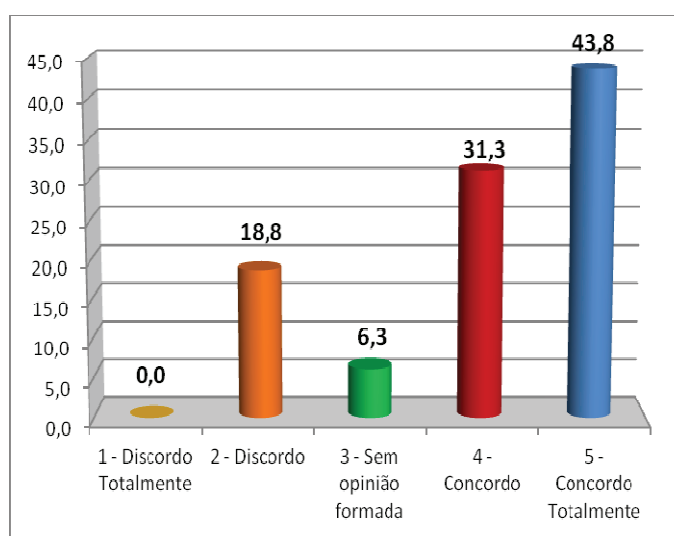
Gráfico 30 – Participação e colaboração na REDARTE/RJ são importantes para a melhoria da atuação como profissional da informação



Pode-se considerar, pelas respostas positivas, que os profissionais consideram que a REDARTE/RJ oferece contribuições efetivas a eles.

Quando questionados se a participação na REDARTE/RJ é importante para a solução de problemas com os quais se deparam em suas atividades diárias, 43,8% dos respondentes afirmaram que concordam totalmente, 31,3% que concordam, 18,8% que discordam e 6,3% que não possuem opinião formada sobre o tópico, conforme mostra o gráfico 31.

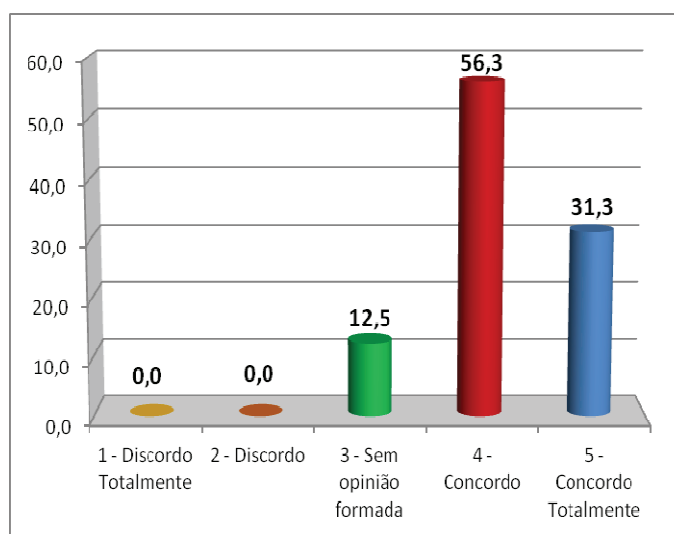
Gráfico 31 – Participação na REDARTE/RJ é importante para a solução de problemas em atividades diárias



O número dos que concordam totalmente (43,8%) ou que concordam (31,3%) que a participação na REDARTE/RJ é importante para a solução de problemas em atividades diárias confirmam a importância, para esses profissionais, de sua participação na Rede, embora, como há quem discorde (18,8%), esse aspecto merece ser fortalecido.

Como pode ser observado no gráfico 32, 56,3% dos respondentes concordam e 31,3% concordam totalmente que a troca de experiências na REDARTE/RJ propicia a elaboração de novos produtos e serviços, colaborando para a inovação na unidade de informação onde trabalham, havendo 12,5% que não possuem opinião formada sobre o assunto.

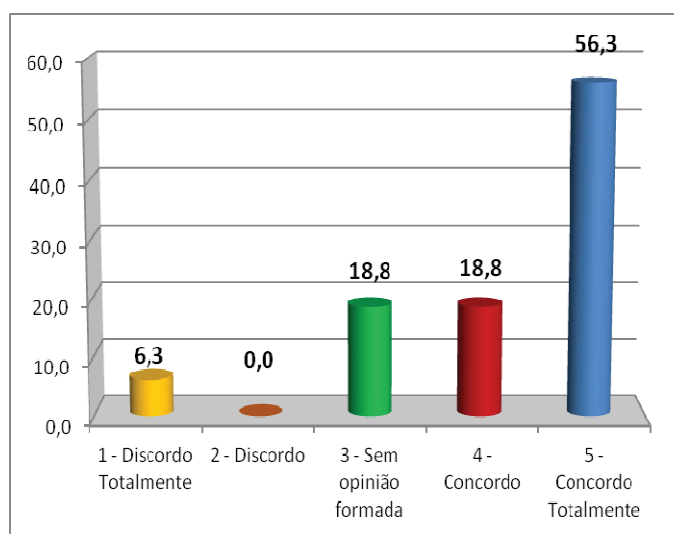
Gráfico 32 – A troca de experiências na REDARTE/RJ propiciam a elaboração de novos produtos e serviços, colaborando para a inovação nas unidades de informação



Levando-se em consideração que as trocas que se dão em uma rede especializada como a REDARTE/RJ devem levar ao aprendizado e à geração de novos conhecimentos, mostra-se um tanto crítico esse ponto, já que apenas 31,3% concordam totalmente com a questão.

Em seguida foi verificado se as ações da REDARTE/RJ são consideradas importantes para o estímulo ao trabalho colaborativo na instituição onde os profissionais atuam. Como demonstra o gráfico 33: 56,3% concordam totalmente com a questão, 18,8% concordam, 18,8% não possuem opinião formada e 6,3% discordam totalmente.

Gráfico 33 – As ações da REDARTE/RJ são importantes para o estímulo ao trabalho colaborativo nas instituições integrantes da Rede



Pode-se afirmar que a forma de trabalho em rede consegue, de certa forma, estender-se até as instituições onde os profissionais da informação trabalham.

Visto que a colaboração envolve ajuda e criação conjunta, é necessário, para que ela se efetive, uma postura para tal, o que é resultado, nas organizações, de uma cultura organizacional voltada a essa prática.

8.6 Eficácia³⁷ das Ações da REDARTE/RJ em Relação a sua Finalidade

Em seu Estatuto, a REDARTE/RJ assume as seguintes finalidades: a) promover o acesso do público interessado em Arte aos itens informacionais, em qualquer suporte ou meio eletrônico, existente nas Unidades Integrantes da REDARTE/RJ, respeitando a disponibilidade de cada uma; b) divulgar permanentemente junto aos usuários a existência das unidades de informação pertencentes à REDARTE/RJ; c) divulgar outras instituições e redes de informação atuantes em Arte; d) oferecer serviços e produtos de informação em Arte; e) promover o intercâmbio permanente das experiências profissionais entre as Unidades Integrantes.

³⁷ Segundo Almeida (2000, p. 17), “A eficácia relaciona-se a resultados: um sistema de informação é eficaz quando fornece aos usuários a informação que necessitam, com a rapidez e a precisão desejadas.”.

Buscou-se verificar o que os participantes da REDARTE/RJ consideram em relação ao nível de eficácia com que vêm sendo cumpridas as finalidades da Rede, e os resultados são apresentados a seguir e ilustrados pelo gráfico 34.

a) 72,7% consideram eficaz, 18,2% muito eficaz e 9,1% optaram pela neutralidade em relação à finalidade de promover o acesso do público interessado em Arte aos itens informacionais, em qualquer suporte ou meio eletrônico, existente nas Unidades Integrantes da REDARTE/RJ;

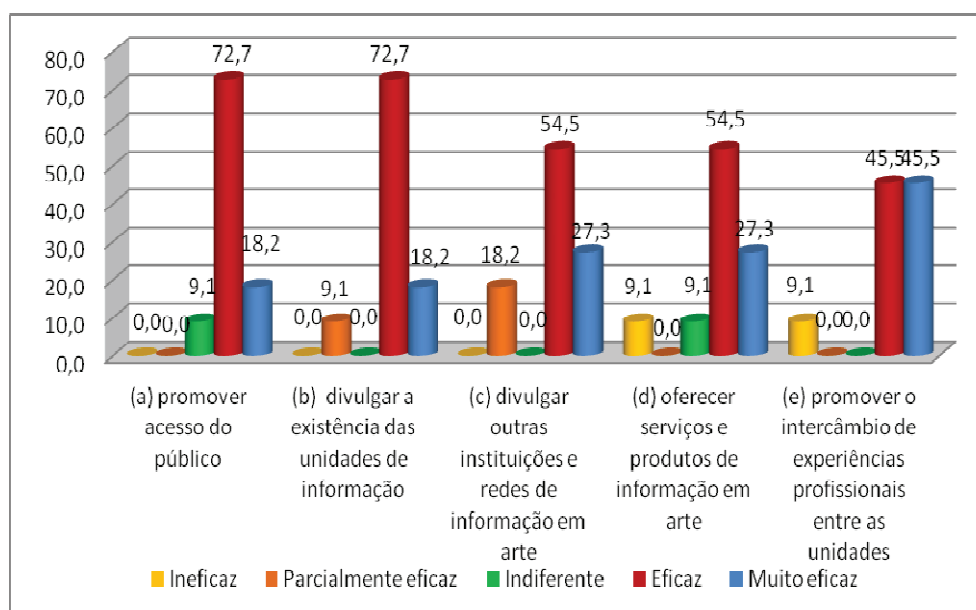
b) 72,7% consideram eficaz, 18,2% muito eficaz e 9,1% parcialmente eficaz a finalidade de divulgar permanentemente junto aos usuários a existência das unidades de informação pertencentes a REDARTE/RJ;

c) 54,5% consideram eficaz, 27,3% muito eficaz e 18,2% parcialmente eficaz a finalidade de divulgar outras instituições e redes de informação atuantes em Arte;

d) 54,5% consideram eficaz, 27,3% muito eficaz, 9,1% indiferente e 9,1% ineficaz a finalidade de oferecer serviços e produtos de informação em arte;

e) 45,5% consideram muito eficaz, 45,5% eficaz e 9,1% ineficaz a finalidade de promover o intercâmbio permanente das experiências profissionais entre as unidades integrantes.

Gráfico 34 – Eficácia da REDARTE/RJ no cumprimento de suas finalidades



Pode-se afirmar que a maioria dos respondentes considera que a REDARTE/RJ promove ações eficazes para o cumprimento de suas finalidades.

No entanto, como o índice dos que as consideram muito eficazes tenha sido relativamente baixo em todos os itens, as estratégias de ação devem ser revistas pela REDARTE/RJ.

No Estatuto da REDARTE/RJ, consta como objetivo a promoção dos recursos informacionais das unidades integrantes da Rede. Em entrevista, questionadas sobre como se dá/ dava esse processo em sua gestão, as gestoras afirmaram que todas as atividades da Rede convergem para isso, já que promovem o contato dos profissionais de informação em arte, possibilitando que os acervos de suas unidades fiquem conhecidos pelos outros integrantes da Rede, externos à REDARTE/RJ e pelos usuários.

Inqueridos a sugerir ações para otimizar a atuação da REDARTE/RJ, os respondentes se manifestaram a respeito dos seguintes tópicos:

Quadro 3 – Sugestões dos integrantes da REDARTE/RJ

Aspecto	Sugestão
Catálogo Coletivo	Considerando sua opinião “bem futurista”, uma das integrantes da rede sugere a formação de um catálogo coletivo e um serviço de mensageiros para fazer o transporte dos documentos entre as unidades de informação.
Divulgação de acervos	Divulgação mais intensiva dos acervos, dos meios de empréstimo e dos membros da Rede.
Estatísticas	Criação de um grupo na Rede que fique responsável pelas estatísticas (de doações, empréstimo entre bibliotecas, serviços...).
Infraestrutura	Fortalecimento da infraestrutura para ampliar a atuação da Rede.
Formalização das doações	Formalização da prática de doações por meio de alguma correspondência de recebimento ou agradecimento.
Papel educador da REDARTE/RJ	Fortalecimento do papel educador da Rede, tendo um dos respondentes afirmado que “[...] oferecer cursos e seminários para as instituições é o melhor caminho.”.

Importante ressaltar que o catálogo coletivo também foi abordado, nas entrevistas, pelas gestoras, como um objetivo que os membros da REDARTE/RJ ainda não conseguiram alcançar.

Foco especial deve ser direcionado a sugestão para divulgação mais intensiva dos acervos e dos membros integrantes da Rede, já que essa é uma das finalidades que consta em seu Estatuto.

Como foi mencionada a falta de pessoal para a realização das atividades, é possível que convidar mais instituições, como sugerido por um integrante, seja uma alternativa para reverter a falta de infraestrutura, destacada por outro respondente.

Já a formalização das doações como prática “oficial” da REDARTE/RJ, é uma questão que deve ser trabalhada.

O papel de educador que alguns membros conferem à Rede deve ser revisto ou fortalecido em função do que ela planeja para o seu futuro.

A necessidade da elaboração de estatísticas, destacada por um dos membros, também foi mencionada pelas entrevistadas quando solicitadas a fazerem sugestões, com o olhar de gestoras, de pontos que deveriam ser trabalhados pela REDARTE/RJ para a otimização de suas ações.

Além desse ponto, as entrevistadas destacaram a necessidade de atuação mais ativa dos GTs e do tratamento, da sistematização e da disponibilização de algumas informações e documentos veiculados e/ou produzidos pela Rede, como artigos, fotografias, gravações de vídeo, catálogos e bibliografias. O novo *site*, disponível em <<http://redarterj.com/>>, é visto pelas gestoras como uma possibilidade de concretização dessa pendência.

Ter a REDARTE em âmbito nacional ainda não é percebido pelas gestoras como uma possibilidade muito próxima, embora Helena Ferrez tenha dado esta sugestão e Solange Zuñiga tenha afirmado que considera a Rede, agora, preparada para esse desafio.

9 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Levando-se em consideração as relações estabelecidas entre seus membros, e tendo como base as definições de Valera Orol, Garcia Melero e Gonzalez Guitian (1988) e Tomaél (2005b), pode-se afirmar que, embora mantenha as características originais de uma rede de bibliotecas, já que há a autonomia administrativa, sendo fortes os elementos que marcam o trabalho cooperativo, a Rede de Bibliotecas e Centros de Informação em Arte no Estado do Rio de Janeiro – REDARTE/RJ é uma rede de informação, pois visa a reunião de pessoas ou organizações para o intercâmbio de informações, colaborando para a organização de produtos e disponibilização de serviços.

Segundo a categorização de Inojosa (1999), também já apresentada neste estudo, a REDARTE/RJ se aproxima mais de uma rede tutelada, uma vez que uma diretoria costuma ser responsável pelo direcionamento da rede, configurando-se como “um nó” responsável pelo delineamento e pela condução desse organismo. No entanto, ainda considerando as categorias daquela autora, a REDARTE/RJ detém também algumas características de rede orgânica ou autônoma, por ter surgido a partir da necessidade latente de um grupo específico: profissionais da informação que lidam com acervos de Arte e Cultura na cidade do Rio de Janeiro e Niterói, e articular-se em torno de uma ideia comum, que é a divulgação dos recursos informacionais dessas organizações.

E ainda, de acordo com sua estrutura, a REDARTE/RJ pode ser considerada uma rede centralizada. No entanto, embora haja essa centralização, a diretoria não exerce influência na comunicação ou na integração entre os participantes, sendo o espaço, especialmente o das reuniões presenciais, aberto à livre manifestação, rico em trocas e, em alguns casos, resultando em criação de produtos e serviços, e soluções de problemas de forma colaborativa.

Esse ambiente de cooperação, compartilhamento e colaboração é ancorado na existência de valores e cultura que promove a troca de informações e experiências na REDARTE/RJ, havendo iniciativa, por parte dos integrantes, de compartilharem informações que possam ser interessantes aos demais membros do grupo e um alto nível de credibilidade nas informações veiculadas nessa rede.

Nesse aspecto, o que necessita ser trabalhado pela REDARTE/RJ é a criação de espaços para o compartilhamento de falhas e insucessos, pois essas experiências também devem ser trocadas. As chamadas “bases de conhecimento” teriam grande aplicabilidade nesse caso, e repositórios de “melhores práticas”, de “narrativas”, de “casos de sucesso”, de

“problemas encontrados” permitiriam que experiências bem ou mal sucedidas fossem tomadas como exemplo e que boas práticas fossem replicadas em diferentes instituições da Rede, transformando a troca de informações, que é a base de uma rede de informação, em aprendizado, em novos conhecimentos e inovação, características de uma rede de conhecimento.

Outro fator que deve receber atenção é a elaboração de padrões que facilitem a comunicação entre as unidades integrantes da REDARTE/RJ, já que um dos princípios para o desenvolvimento sustentável de uma rede é a utilização de linguagem comum entre seus membros.

Fato preocupante é o pouco incentivo que parece existir para o registro das informações e do *know-how* que flui pela REDARTE/RJ. Embora haja o reconhecimento da importância e da necessidade de tratamento dessas informações e experiências, não há nenhuma política ou procedimento desenvolvido para tal, estimulando seu reuso.

Por isso, faz-se necessário que a REDARTE/RJ adote estratégias de gestão da informação e do conhecimento e oficialize essas políticas, permitindo a gestão, a recuperação e a disseminação de informações e experiências.

O processo de registrar o que for necessário para posterior recuperação e uso, a ser estruturado, já apresenta a seu favor vários dos requisitos apontados pelos estudiosos da área como férteis à GC: seus integrantes já se encontram em rede, facilitando o contato entre seus nós; há um ambiente de confiança e compartilhamento; há locais de geração de conhecimento (*ba* ou contexto capacitante), como as reuniões mensais – que, contudo, precisam ser ampliados, e criadas novas oportunidades para o compartilhamento, a colaboração e a produção de conhecimentos.

Embora a REDARTE/RJ promova certo enconrajamento a seus membros em relação à comunicação e ao compartilhamento virtual de informações e experiências, esse é um aspecto que deve ser fortalecido pelo grupo, já que se percebe uma subutilização das ferramentas disponibilizadas pela Rede.

O *e-mail*, por exemplo, que é tipicamente um recurso da *web* 1.0, foi apontado como a ferramenta mais utilizada para a troca de informações entre os integrantes, o que nos leva a inferir que os participantes da REDARTE/RJ não vêm tirando muito proveito dos recursos de colaboração da *web* social (*web* 2.0), na qual os recursos de tecnologia com possibilidade de participação e colaboração e a efetiva troca de experiências, opiniões e ideias são a principal característica.

O potencial das redes sociais – que são um recurso da *web* social atualmente bastante utilizado pelas bibliotecas no mundo todo – também é pouco explorado pela Rede. O uso do Facebook, por exemplo, restringe-se à divulgação de informações.

Na *web*, de modo geral, há recursos ainda pouco utilizados, não tendo sido verificada sua utilização sistemática, como, por exemplo, a enquete, o chat, a videoconferência e as mensagens instantâneas para prestar atendimento mais rápido aos usuários. Uma rede de bibliotecas especializadas, como é o caso da REDARTE/RJ, poderia procurar oferecer serviços em colaboração, incluindo o atendimento *online* aos usuários.

Verifica-se a necessidade de um maior estímulo em relação ao uso de ferramentas da *web*, em especial da *web* social (*web* 2.0), pelos integrantes da REDARTE/RJ, e buscar uma cultura mais voltada ao uso das TICs, seja para exercer suas funções tradicionais, seja para aprendizado e troca de experiências. Essa atitude permitiria otimizar a interação entre os membros da Rede, além de propiciar uma maior aproximação com os usuários de informação em arte e com os profissionais da informação que atualmente não fazem parte desse grupo.

Embora algumas unidades integrantes da REDARTE/RJ não possuam infraestrutura tecnológica, e que tenha sido evidenciado, no estudo, o valor conferido às reuniões presenciais, que são, sem dúvida, relevantes, faz-se necessário investir em novas práticas, ideias e valores, de modo a estimular o uso de ferramentas de comunicação e colaboração de forma mais intensa e abrangente pelos integrantes da Rede.

Grande parte do grupo se mostrou aberta a essa investida pela REDARTE/RJ, embora, perceba-se, ainda, alguma resistência. É importante aprofundar a análise das barreiras culturais em relação à utilização dessas tecnologias para melhorar a comunicação e a colaboração, além de procurar vencer a resistência em relação à ampliação da interação da REDARTE/RJ com outros profissionais e com os usuários, para que sejam superadas e que o grupo caminhe no sentido de uma maior integração.

É fato que essa rede deve amadurecer e fortalecer os vários recursos que já possui, como afirmou uma integrante, mas acredita-se que ela deva insistir em meios para aumentar o compartilhamento de informações e experiências e o trabalho colaborativo de forma remota, divulgando suas atividades e ampliando o número de adesões e de apoio, pois reside aí uma possibilidade de aproximação e interação com profissionais externos à ela, agregando valor às trocas de informação, e com os usuários da informação em arte, apontados como público-alvo prioritário da REDARTE/RJ nos dias de hoje.

É nítida, na REDARTE/RJ, a presença dos itens que caracterizam, tradicionalmente, a cooperação entre bibliotecas, como o empréstimo de documentos, as doações, a obtenção de cópias e o aprimoramento do desenvolvimento de coleções.

No entanto, essas práticas podem ser melhor estruturadas. Através da explicitação dessas intenções por parte da diretoria da REDARTE/RJ, quem sabe, formalizando, de algum modo, essas ações na Rede, os integrantes entenderiam melhor o processo, e, conhecendo o seu papel, poderiam se envolver. Além de ser uma forma dos superiores das instituições também conseguiriam visualizar esses produtos como mais um benefício em participar da REDARTE/RJ.

A necessidade de olhar com mais cuidado para essa questão, visando melhor compreensão do processo de cooperação na REDARTE/RJ, também ficou clara pela discrepância entre as respostas fornecidas pelas gestoras, nas entrevistas, e aquelas fornecidas pelos respondentes do questionário, em relação à participação em trabalhos cooperativos entre unidades integrantes da REDARTE/RJ. Muitos respondentes discordaram da existência da cooperação entre unidades, todavia, ela se faz presente no discurso das gestoras e também nas atas, pois mostram exemplos positivos de trabalho cooperativo, como a Biblioteca Digital, a elaboração de bibliografias e os Grupos de Trabalho – GTs.

Torna-se evidente a necessidade de fortalecer e estimular a realização de mais trabalhos cooperativos entre os integrantes da REDARTE/RJ, destacando que, hoje, a cooperação entre bibliotecas não se restringe às atividades tradicionais relativas ao desenvolvimento de coleções.

Em relação ao compartilhamento de informações na REDARTE/RJ, é relevante registrar que o grupo não percebe a resistência ao compartilhamento de novas ideias e projetos na Rede.

No entanto, a questão da participação não ativa de algumas instituições deve ser analisada, havendo a necessidade de um incentivo maior por parte da diretoria, já que entre os princípios do trabalho em rede estão a participação, a colaboração e a solidariedade.

Tendo a falta de recursos humanos nas instituições sido apontada como causa da pouca ou nenhuma participação de algumas instituições, não se pode deixar de mencionar que a utilização de ferramentas que possibilitam a realização de reuniões a distância (video conferência ou conferência por chat) aumentaria a regularidade e a intensidade das participações, permitindo um maior compartilhamento e otimizando o fluxo informacional.

A questão da falta recursos humanos e, também, tecnológicos, poderia ser superada pela REDARTE/RJ, possibilitando a participação de profissionais que não fazem parte da

Rede, especialmente os de outras localidades; dos usuários, que podem agregar valor e contribuir com as atividades de uma rede; além de possibilitar a participação mais ativa de alguns integrantes, promovendo, dentre outras coisas, a ampliação das atividades dos GTs e a concretização de projetos.

Foi considerado pelos respondentes que o compartilhamento, na REDARTE/RJ, proporciona maior acesso à informação em arte, a atualização dos integrantes em relação à área de informação em arte e a atualização profissional, além de permitir o encaminhamento do usuário à instituição mais indicada para a realização do seu atendimento.

No entanto, visto que o usuário de informação em arte é considerado como foco principal da REDARTE/RJ na atualidade, as informações compartilhadas deveriam servir para o aprimoramento do seu atendimento nas unidades de informação. Não foi isso o verificado, devendo os processos serem revistos pelas unidades, para que os usuários sejam mais diretamente atingidos pelas ações da Rede. Para tanto, destaca-se a necessidade da realização de um estudo de usuários.

A pouca contribuição que as informações compartilhadas na REDARTE/RJ dão à tomada de decisão nas instituições também chama a atenção. A realização de tratamento das informações veiculadas nessa rede, visando sua posterior recuperação, pode ser visto como um recurso para fortalecer esse aspecto.

No que tange à colaboração, aspectos como o auxílio do grupo na resolução de questões profissionais e de problemas em atividades diárias estão presentes na REDARTE/RJ, justificando sua existência e confirmando a importância dessa rede para os profissionais da informação.

Neste caso, mais uma vez, poderiam ser melhor exploradas pela Rede algumas das práticas e ferramentas de Gestão do Conhecimento, como repositórios de casos de sucesso e de insucesso alimentados pelos próprios participantes, e ainda, repositórios de fornecedores, em que os próprios participantes indicariam os melhores e piores (atribuindo pontuação, por exemplo), de modo a ajudar a todos e fortalecer a colaboração entre os membros da rede, podendo subsidiar a tomada de decisão nas instituições.

A colaboração, na REDARTE/RJ, foi considerada positiva pelos respondentes, ponderando sua contribuição para a atuação como profissionais da informação e para o estímulo ao trabalho colaborativo nas unidades integrantes da Rede.

No entanto, pode-se perceber que, embora os participantes sintam-se encorajados a trocarem ideias com outras unidades, isso se dá quase que exclusivamente no ambiente de encontros da REDARTE/RJ – as reuniões mensais – não havendo uma relação direta entre as

unidades de informação. Tal atitude deveria ser estimulada pela REDARTE/RJ, visando maior integração das unidades, com a possibilidade de criação conjunta de produtos e serviços. Afinal, o compartilhamento e a colaboração em uma rede especializada como a REDARTE/RJ deve ter como objetivo gerar conhecimento.

A REDARTE/RJ vem cumprindo suas finalidades, mas acreditamos que a aproximação com outros profissionais e redes de informação em arte possibilitaria o estabelecimento de novas parcerias e com os usuários permitiria embasar decisões e direcionar melhor as ações do grupo, melhorando o atendimento às suas necessidades e demandas. Novamente, aqui, acentua-se a importância da realização de um estudo de usuários, que poderia ser tema para futuras pesquisas.

Sugere-se, também, como proposta para estudos futuros, a verificação da relação entre a utilização de ferramentas da *web* 2.0 por parte dos integrantes da REDARTE/RJ com a estrutura tecnológica que as unidades de informação disponibilizam para o profissional da informação. Sabe-se que, em muitas delas, a precariedade dos recursos dificulta, em muito, o acesso a informações veiculadas na *web*, prejudicando a colaboração e a participação do integrante remotamente.

Tomando por base a revisão de literatura, tem-se como sugestão a elaboração de uma taxonomia das redes (redes sociais, redes de bibliotecas, redes de conhecimento, redes de informação...), visto que os conceitos ainda não estão claramente definidos na literatura.

Visto isso, salientam-se como pontos fortes da REDARTE/RJ os seguintes aspectos: ambiente de confiança; iniciativa de compartilhamento; livre comunicação; não resistência a novas ideias e projetos; otimização do desenvolvimento de coleções; auxílio na resolução de questões profissionais; incentivo à participação em eventos externos e abertura para participação, nas reuniões, de membros externos; contribuição conferida à atualização profissional e em relação à área de informação em arte; contribuição conferida ao crescimento e ao acesso à área de informação em arte; sua importância para a melhoria da atuação como profissional da informação.

E como pontos que podem ser trabalhados pela Rede, ressaltam-se: promoção de espaços para o compartilhamento de falhas e insucessos; estabelecimento de padrões, visando melhor comunicação entre as unidades integrantes; oficialização de práticas e explicitação de políticas, como aquelas voltadas a atividades de cooperação, que permitiriam maior integração e envolvimento dos membros da Rede envolvimento mais uniforme das unidades integrantes; minimização de barreiras em relação ao uso das TICs e ferramentas da *web* social; trabalho em conjunto com outros profissionais, instituições e redes de informação em

arte (externos); revisão de ações para que o usuário de informação em arte seja atingido mais diretamente; fortalecimento da colaboração e da troca de experiências entre as unidades integrantes, gerando o aprendizado e a inovação, possibilitando a oferta de novos serviços e produtos de informação em arte.

Para que a REDARTE/RJ se torne efetivamente uma rede social de conhecimento, conforme definido por Tomaél (2005a, 2008), deve trabalhar os pontos ressaltados no corpo deste estudo em relação à cultura informacional e organizacional, centrando esforços, especialmente, no compartilhamento de informações e experiências e na colaboração, inclusive de forma remota, em uma maior integração entre as unidades da REDARTE/RJ, além de maior abertura de espaços para a interação com profissionais da informação externos a ela e com seus usuários.

Com base no cenário encontrado, procurou-se retratar o modo de funcionamento da REDARTE/RJ, identificar a cultura organizacional e informacional que prevalece entre seus membros e como se dá a cooperação, o compartilhamento e a colaboração na Rede.

Através do embasamento teórico proporcionado pela exploração de fontes de informação deste campo de estudo e da coleta de dados – realizada por meio de entrevistas, questionário e análise documentária – foram buscados subsídios para responder as questões em torno das quais este estudo foi realizado e permitir a sugestão de ações para que a REDARTE/RJ cumpra sua missão da melhor forma possível, colaborando para o crescimento da área de informação em arte e para um melhor atendimento ao usuário que tem as Artes como campo de pesquisa e/ou atuação.

Afinal, como foi verificado nesta pesquisa, a REDARTE/RJ assume um importante papel para a área de informação em arte, para os seus usuários e para os profissionais e unidades de informação que dela fazem parte, o que foi traduzido pela bibliotecária Isabel Ariño Grau da seguinte forma: “Minha vida profissional é antes da REDARTE/RJ e após a REDARTE/RJ.”.

Que estruturas como essa possam se multiplicar, aprimorem-se e que possamos ver, algum dia, a tão sonhada e necessária REDARTE em âmbito nacional.

REFERÊNCIAS

ALLEN, Nancy S. The Museum Prototype Project of the J. Paul Getty Art History and Information Program: a view from the library. **Library Trends**, Champaign, v. 37, n. 2, p. 175-193, Fall 1988.

ALMEIDA, Maria Christina Barbosa de. A informação nas áreas de arte: um olhar além das práticas. In: LARA, Marilda Lopes Ginez de; FUJINO, Asa; NORONHA, Daisy Pires (Org.). **Informação e contemporaneidade: perspectivas**. Recife: Néctar, 2007.

_____. **Planejamento de bibliotecas e serviços de informação**. Brasília, DF: Briquet de Lemos, 2000.

_____. **Por uma rearquitetura dos serviços de informação em arte da cidade de São Paulo**. 1998. 364 f. Tese (Doutorado)—Escola de Comunicações e Artes, Universidade de São Paulo, São Paulo, 1998. Orientador: Profº Drº José Teixeira Coelho Netto.

_____. Vocabulário controlado em arte: uma prática além da teoria. In: CONGRESSO BRASILEIRO DE BIBLIOTECONOMIA E DOCUMENTAÇÃO, 16., 1991, Salvador. **Anais...** Salvador: APBEB, 1991.

ALVARENGA NETO, Ridávia Correa Drummond de. **Gestão do conhecimento em organizações: proposta de mapeamento conceitual integrativo**. 2005. 400 f. Tese (Doutorado em Ciência da Informação)—Programa de Pós-Graduação em Ciência da Informação, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2005. Orientador: Profº Drº Ricardo Rodrigues Barbosa.

ALVARENGA NETO, Ridávia Correa Drummond de; BARBOSA, Ricardo Rodrigues; PEREIRA, Heitor José. Gestão do conhecimento ou gestão de organizações na era do conhecimento?: um ensaio teórico-prático a partir de intervenções na realidade brasileira. **Perspectivas em Ciência da Informação**, Belo Horizonte, v. 12, n. 1, p. 5-24, jan./abr. 2007. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/pci/v12n1/01.pdf>>. Acesso em: 14 nov. 2010.

ALVES, Alessandra Maria; BARBOSA, Ricardo Rodrigues. Colaboração e compartilhamento da informação no ambiente organizacional. In: ENCONTRO NACIONAL DE PESQUISA EM CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO, 11., 2010, Rio de Janeiro. **Anais...** Rio de Janeiro, 2010. Disponível em: <<http://congresso.ibict.br/index.php/enancib/xienancib/paper/view/189/251>>. Acesso em: 14 nov. 2010.

AMARAL, Sueli Angélica do. WEB SITES: uso de tecnologias no cumprimento das funções da biblioteca. **Informação & Sociedade**, João Pessoa, v. 15, n. 2, p. 15-40, jul./dez. 2005. Disponível em: <<http://www.brapci.ufpr.br/documento.php?dd0=0000007741&dd1=f12b1>>. Acesso em: 10 jan. 2012.

AMARAL, Sueli Angélica do; GUIMARÃES, Tatiara Paranhos. Funções dos sites das bibliotecas universitárias do Distrito Federal, Brasil. In: CONGRESSO BRASILEIRO DE BIBLIOTECONOMIA E DOCUMENTAÇÃO, 20., 2002, Fortaleza. **Anais...** Fortaleza: UFC, 2002.

ANDION, Carolina. Análise de redes e desenvolvimento local sustentável. **Revista de Administração Pública**, Rio de Janeiro, v. 37, n. 5, p. 1033-1054, set./out. 2003.

ART DOCUMENTATION: bulletin of the Art Libraries Society of North America. Tucson, AZ: Art Libraries Society of North America, 1982-

ART LIBRARIES JOURNAL. Preston, Inglaterra: Arlis, 1976-

BARABÁSI, Albert-László. **Linked**: the new science of networks. Cambridge, Mass.: Perseus, c2002.

BARBOSA, Ricardo Rodrigues. Gestão da informação e do conhecimento: origens, polêmicas e perspectivas. **Informação & Informação**, Londrina, v. 13, n. esp., p. 1-25, 2008. Disponível em: <<http://www.uel.br/revistas/uel/index.php/informacao/article/view/1843/1556>>. Acesso em: 02 mar. 2011.

BARBOSA, Ricardo Rodrigues; SEPÚLVEDA, Maria Inês Moreira; COSTA, Mateus Uerlei Pereira da. Gestão da informação e do conhecimento na era do compartilhamento e da colaboração. **Informação & Sociedade**, João Pessoa, v. 19, n. 2, p. 13-24, maio/ago. 2009. Disponível em: <<http://periodicos.ufpb.br/ojs2/index.php/ies/article/view/2378/3034>>. Acesso em: 02 fev. 2011.

BARRETO, Aldo de Albuquerque. A oferta e a demanda da informação: condições técnicas, econômicas e políticas. **Ciência da Informação**, Brasília, DF, v. 28, n. 2, 1999. Disponível em: <<http://revista.ibict.br/ciinf/index.php/ciinf/article/view/298/264>>. Acesso em: 02 fev. 2011.

_____. A questão da informação. **São Paulo em Perspectiva**, São Paulo, v. 8, n. 4, 1994. Disponível em: <<http://www.eiasi.org/cinfor/quest/quest.htm>>. Acesso em: 02 fev. 2011.

BASTOS, Tulio. **Em busca do conceito de redes**. [200-]. Disponível em: <http://portaldocaminho.com/portal/index.php?option=com_content&view=article&id=76:tulio-bastos-em-busca-do-conceito-de-redes&catid=52:conscientizacao-ambiental&Itemid=85>. Acesso em: 15 nov. 2010.

BELKIN, Nicholas J.; ROBERTSON, Stephen E. Information Science and the phenomenon of information. **Journal of the American Society for Information Science**, Washington, DC, p. 197-204, July/Aug.1976.

BETTENCOURT, Marcia Pires da Luz. **Produção e compartilhamento do conhecimento nuclear**: a gestão do conhecimento na Divisão de Radiofármacos do Instituto de Engenharia Nuclear da Comissão Nacional de Energia Nuclear. 2011. 130 f. Dissertação (Mestrado em Ciência da Informação)—Programa de Pós-Graduação em Ciência da Informação, Universidade Federal Fluminense, Niterói, 2011. Orientador: Prof^ª Dr^a Regina de Barros Cianconi. Disponível em: <http://www.ci.uff.br/ppgci/arquivos/Dissert/Diss_MarciaBettencourt.pdf>. Acesso em: 30 mar. 2012.

BIREME. **História**. [200-]. Disponível em:
<http://new.paho.org/bireme/index.php?option=com_content&view=article&id=33&Itemid=43&lang=pt>. Acesso em: 15 maio 2011.

BLATTMANN, Ursula; SILVA, Fabiano Couto Corrêa da. Colaboração e interação na Web 2.0 e biblioteca 2.0. **Revista ACB: Biblioteconomia em Santa Catarina**, Florianópolis, v. 12, n. 2, p. 191-215, jul./dez. 2007.

BRASIL. Fundação Nacional de Arte. **Informação e Arte**: anais do I Infoarte – Seminário Brasileiro para a dinamização comunitária de acervos documentais de Arte. Rio de Janeiro: Ministério da Cultura, FUNARTE, 1988.

BRASIL. Ministério da Cultura. **Site institucional**. Brasília, DF, c2007. Disponível em:
<<http://www.cultura.gov.br/site/>>. Acesso em: 14 nov. 2010.

BRISTOW, Ann. Academic reference service over electronic mail. **College & Research Library**, [S.l.], p. 631-632, 637, Nov. 1992.

BRITO, Ronaldo. Artes plásticas, assunto editorial supérfluo?: os problemas de sua circulação e uso: debates. In: INFOARTE – SEMINÁRIO BRASILEIRO PARA A DINAMIZAÇÃO COMUNITÁRIA DE ACERVOS DOCUMENTAIS EM ARTE, 1., 1986, Rio de Janeiro. **Anais...** Rio de Janeiro: Ministério da Cultura, FUNARTE, 1988. p. 104-109.

BUCKLAND, Michel. Information as thing. **Journal of the American Society for Information Science**, Washington, DC, v. 42, n. 5, p. 351-360, 1991.

BUTLER, Barbara A. Resource sharing within an international library network: using technology and professional cooperation to bridge waters. **IFLA Journal**, Munich, v. 32, p. 189-199, 2006.

CALDEIRA, Paulo da Terra. O uso de fontes de informação em uma comunidade ligada à Arte: a caso da Escola de Belas Artes da UFMG. **Revista Brasileira de Biblioteconomia e Documentação**, São Paulo, v. 31, n. 3-4, p. 34-59, jul./dez. 1988.

CAMPOS, Maria Luiza de Almeida; GOMES, Hagar Espanha. Organização de domínios de conhecimento e os princípios rangianthianos. **Perspectivas em Ciência da Informação**, Belo Horizonte, v. 8, n. 2, p. 150-163, jul./dez. 2003. Disponível em:
<<http://portaldeperiodicos.eci.ufmg.br/index.php/pci/article/view/366>>. Acesso em: 7 set. 2011.

CAPRA, Fritjof. **A teia da vida**: uma nova compreensão científica dos sistemas vivos. São Paulo: Cultrix, c1996.

CAPURRO, Rafael. Epistemologia e Ciência da Informação. In: ENCONTRO NACIONAL DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO EM CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO – ENANCIB, 5., 2003, Belo Horizonte. **Anais...** Belo Horizonte: ECI, UFMG, 2003.

CARVALHO, C. E.; RONCHI, C. C. **Cultura organizacional**: teoria e pesquisa. Rio de Janeiro: Ed. Forense, 2005.

CASEY, Michael E.; SAVASTINUK, Laura. Service for the next-generation library. **Library Journal**, [S.l.], 09 jan. 2006. Disponível em: <<http://www.libraryjournal.com/article/CA6365200.html>>. Acesso em: 01 jul. 2011.

CASTELLS, Manuel. **A galáxia da Internet**: reflexão sobre a Internet, os negócios e a sociedade. Rio de Janeiro: J. Zahar, 2003.

_____. **A sociedade em rede**. São Paulo: Paz e Terra, 2009. (A era da informação: economia, sociedade e cultura, v. 1)

CAVALCANTE, Luciane de Fátima Beckman. **Gestão do comportamento informacional apoiada na cultura organizacional e em modelos mentais**. 2010. 240 f. Dissertação (Mestrado em Ciência da Informação)–Faculdade de Filosofia e Ciências, Universidade Estadual Paulista, Marília, 2010. Orientador: Profª Drª Marta L. P. Valentim. Disponível em: <http://www.marilia.unesp.br/Home/Pos-Graduacao/CienciadaInformacao/Dissertacoes/cavalcanti_lfb_me_mar.pdf>. Acesso em: 01 maio 2011.

CENDÓN, Beatriz Valadares. Sistemas e redes de informação. In: OLIVEIRA, Marlene de (Coord.). **Ciência da Informação e Biblioteconomia**: novos conteúdos e espaços de atuação. Belo Horizonte: UFMG, 2005. cap. 4, p. 61-95.

CERF, Vinton. Compartilhar informação é poder. **Exame**, São Paulo, v. 41, n. 23, esp. 40 anos, p. 84-86, dez. 2007.

CHAD, Ken; MILLER, Paul. **Do library matters?: the rise of library 2.0**. 2005. Disponível em: <http://www.capita-libraries.co.uk/downloads/white_papers/DoLibrariesMatter.pdf>. Acesso em: 01 dez. 2011.

CHOO, Chun Wei. **A organização do conhecimento**: como as organizações usam a informação para criar significado, construir conhecimento e tomar decisões. 2. ed. São Paulo: Ed. SENAC, 2006.

CHOO, Chun Wei et al. Information culture and information use: an exploratory study of three organization. **Journal of the American Society for Information Science and Technology**, Nova York, v. 59, n. 5, p. 792-804, 2008.

CIANCONI, Regina de Barros. **Gestão do conhecimento**: visão de indivíduos e organizações no Brasil. 2003. 287 f. Tese (Doutorado em Ciência da Informação)–Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2003. Orientador: Profª Drª Regina Maria Marteleto. Disponível em: <http://tede-dep.ibict.br/tde_busca/arquivo.php?codArquivo=14>. Acesso em: 7 set. 2011.

CIDOC. **CIDOC**: home. [198-?]. Disponível em: <<http://cidoc.mediahost.org/>>. Acesso em: 15 set. 2011.

COELHO NETTO, J. Teixeira. **Introdução à teoria da informação estética**. Petrópolis, RJ: Vozes, 1973.

CORDEIRO, Rosa Inês de Novais. Informação cinematográfica e textual: da geração à interpretação e representação de imagem e texto. **Ciência da Informação**, Brasília, DF, v. 25, n. 3, 1996. Disponível em: <<http://revista.ibict.br/ciinf/index.php/ciinf/article/view/474/433>>. Acesso em: 07 maio 2011.

CREECH, Heather; WILLARD, Terri. **Strategic intentions**: managing knowledge networks for sustainable development. Winnipeg: International Institute for Sustainable Development, 2001. Disponível em: <http://www.iisd.org/pdf/2001/networks_strategic_intentions.pdf>. Acesso em: 06 maio 2011.

CUNHA, Antonio Geraldo da. Redes. In: _____. **Dicionário Etimológico Nova Fronteira da Língua Portuguesa**. 2. ed. rev. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1998. p. 669.

CUNHA, Murilo Bastos de; CAVALCANTI, Cordélia Robalinho de Oliveira. Aquisição cooperativa. In: _____. **Dicionário de Biblioteconomia e Arquivologia**. Brasília, DF: Briquet de Lemos, 2008. p. 20-21.

_____. Redes. In: _____. **Dicionário de Biblioteconomia e Arquivologia**. Brasília, DF: Briquet de Lemos, 2008. p. 203.

CURRY, A.; MOORE, C. Assessing information culture: an exploratory model. **International Journal of Information Management**, Guildford, v. 23, n. 2, p. 91-110, 2003.

CVEJIC, Radoje; MIJAILOVIC, Jelena. Knowledge management and changes management in university libraries. **ANUL**, [S.l.], v. 16, n. 1, 2009. Disponível em: <http://twiki.fe.up.pt/pub/PESIMCI1011/G1_2009_art3/Knowledge_Management_and_Changes_Management.pdf>. Acesso em: 01 jun. 2011.

DAMES, Matthew K. **Features**: social software in the library. 2004. Disponível em: <<http://www.llrx.com/node/160/print>>. Acesso em: 03 jun. 2011.

DAVENPORT, Thomas H. **Ecologia da informação**: por que só a tecnologia não basta para o sucesso na era da informação. São Paulo: Futura, 1998.

DAVENPORT, Thomas H.; PRUSAK, L. **Conhecimento empresarial**: como as organizações gerenciam o seu capital intelectual. Rio de Janeiro: Campus, 1998.

DEMÉTRIO, A. B. et al. Produção artística contemporânea: investigando centros de informação em arte no Brasil. In: ARANHA; Marininha Rocha; CRUZ, Tânia Rodrigues da (Org.). **Aprendizado, criação e integração na iniciação científica**. Porto Alegre: [s.n.], 2002. Disponível em: <http://www.ufrgs.br/propesq/livrosalao/index_alexandre.htm>. Acesso em: 06 jan. 2011.

DIAS, Leila Christina. Os sentidos da rede: notas para discussão. In: DIAS, Leila Christina; SILVEIRA, Rogério Leandro Lima da (Org.). **Redes, sociedades e territórios**. Santa Cruz do Sul: EDUNISC, 2005. p. 11-28.

DILLENBOURG, P. What do you mean by collaborative learning? In: _____ (Ed.).

Collaborative-learning: cognitive and computational approaches. [S.l.]: Elsevier, 1999. Disponível em: <<http://tecfa.unige.ch/tecfa/teaching/aei/papiers/Dillenbourg.pdf>>. Acesso em: 15 maio 2011.

DOCPRO. **Site institucional.** [20--?]. Disponível em: <<http://www.docpro.com.br/mainweb/>>. Acesso em: 01 maio 2012.

DOMINGUEZ GONZALEZ, Rodrigo Valio; MARTINS, Manoel Fernando; TOLEDO, José Carlos de. Gestão do conhecimento em uma estrutura organizacional em rede. **Ciência da Informação**, Brasília, DF, v. 38, n. 1, p. 57-73, jan./abr. 2009. Disponível em: <<http://revista.ibict.br/index.php/ciinf/article/view/1065/1311>>. Acesso em: 29 mar. 2012.

ELIAS, Norbert. **A sociedade dos indivíduos.** Rio de Janeiro: J. Zahar, 1994.

FERREZ, Helena Dodd; BIANCHINI, Maria Helena S. **Thesaurus para acervos museológicos.** Rio de Janeiro: Fundação Nacional Pró-Memória, Coordenadoria Geral de Acervos Museológicos, 1987. 2v.

FERREZ, Helena Dodd; SILVA, Eliane Vieira da; SHINKADO, Mary Komatsu. Uma experiência brasileira em rede de bibliotecas de arte: a REDARTE. In: CONGRESSO BRASILEIRO DE BIBLIOTECONOMIA E DOCUMENTAÇÃO, 19., 2000, Porto Alegre. **Anais...** Porto Alegre: PUC/RS, 2000. Disponível em: <<http://dici.ibict.br/archive/00000741/01/T081.pdf>>. Acesso: 2 set. 2009.

FRAGA, M. L. **Cultura organizacional:** o caso do Banco do Brasil BRC S/A. Rio de Janeiro: Ed. Forense, 2005.

GONÇALVES, Aline Lima; CONCEIÇÃO, Maria Imaculada da; LUCHETTI, Sonia Marisa. Web 2.0 e o caso da Biblioteca Florestan Fernandes. In: SEMINÁRIO NACIONAL DE BIBLIOTECAS UNIVERSITÁRIAS - SNBU, 16.; SEMINÁRIO INTERNACIONAL DE BIBLIOTECAS DIGITAIS - SIBDB, 2., 2010, Rio de Janeiro. **Anais...** Rio de Janeiro: UFRJ/SiBI: CRUESP, 2010.

HAMID, Suraya; NAYAN, Jamaliah Mohammad. **Preliminary study of knowledge management in a library:** a case study of the National Library of Malaysia. 2005. Disponível em: <<http://www.lib.usm.my/elmuequip/conference/Documents/ICOL%202005%20Paper%2021%20Suraya%20Hamid%20&%20Jamaliah.pdf>>. Acesso em: 01 jun. 2011.

HYPÓLITO, A.; ROSETTO, M.; COUTTO, M. L. M. Identificação e evolução de demanda de informação de usuários, via correio eletrônico do Departamento Técnico do Sistema Integrado de Bibliotecas da USP. In: SEMINÁRIO NACIONAL DE BIBLIOTECAS UNIVERSITÁRIAS, 11., Florianópolis, 2000. **Anais...** Florianópolis: [s.n.], 2000.

IFLA KNOWLEDGE MANAGEMENT SECTION NEWSLETTER. [S.l.]: IFLA, 2005-

INOJOSA, Rose Marie. Redes de compromisso social. **Revista de Administração Pública**, Rio de Janeiro, v. 33, n. 5, set./out. 1999.

JACKSON, William Vernon. Cooperation in Latin America. **Library Trends**, Champaign, v. 23, p. 169-181, Oct. 1975.

KITTEL, Dorothy Y. Trends in state library cooperation. **Library Trends**, Champaign, v. 23, p. 379-397, Oct. 1975.

KOENIG, M.E.D. Intellectual capital and how to leverage it. **Library Finances**, [S.l.], v. 10, n. 3, p. 112-8, 1997.

KRAUS, Joe W. Prologue to library cooperation. **Library Trends**, Champaign, v. 23, p. 169-181, Oct. 1975.

KRZYŻANOWSKI, Rosaly Fávero. Cooperação em bibliotecas no Brasil: um panorama da década de 50 até nossos dias. **Revista Brasileira de Biblioteconomia e Documentação**: nova série, São Paulo, v. 3, n. 1, p. 1-24, jan./jun. 2007. Disponível em: <<http://rbbd.febab.org.br/rbbd/article/view/27>>. Acesso em: 06 jan. 2011.

LANCASTER, F. W. Bases de dados de imagens e sons. In: _____. **Indexação e resumos: teoria e prática**. 2. ed. Brasília, DF: Briquet de Lemos, 2004a. cap. 14, p. 214-248.

_____. Da indexação e redação de resumos de obras de ficção. In: _____. **Indexação e resumos: teoria e prática**. 2. ed. Brasília, DF: Briquet de Lemos, 2004b. cap. 13, p. 199-213.

LEE, Hwa-Wei. **Knowledge management and role of libraries**. 2005. Disponível em: <<http://www.white-clouds.com/iclc/cliej/cl19lee.htm>>. Acesso em: 05 jun. 2011.

LÉVY, Pierre. **A inteligência coletiva: por uma antropologia do ciberespaço**. 7. ed. São Paulo: Loyola, 2011.

LIBRARY Trends, Champaign, v. 37, n. 2, p. 117-264, Fall 1988.

LIMA, Diana Farjalla Correia. **Ciência da Informação, Museologia e fertilização interdisciplinar: informação em arte, um novo campo do saber**. 2003. 358 f. Tese (Doutorado em Ciência da Informação)—Instituto Brasileiro de Ciência e Tecnologia, Universidade Federal Fluminense, Niterói, 2003. Orientador: Prof^a Dr^a Lena Vania Ribeiro Pinheiro.

LIPNACK, Jessica; STAMPS, Jeffrey. **Networks - redes de conexões: pessoas conectando-se com pessoas**. São Paulo: Aquariana, 1992.

LUNA, Matilde; VELASCO, José Luis. Redes de conocimiento: principios de coordinación y mecanismos de integración. In: ALBORNOZ, Mario; ALFARAZ, Claudio (Ed.). **Redes de conocimiento: construcción, dinámica y gestión**. Buenos Aires: RICYT, 2006. p. 15-38.

MANESS, Jack M. Library 2.0 theory: web 2.0 and its implications for libraries. **Webology**, [S.l.], v. 3, n. 2, June 2006. Disponível em: <<http://www.Webology.org/2006/v3n2/a25.html>>. Acesso em: 03 jun. 2011.

MARKUSON, Barbara Evans. Revolution and evolution: critical issues in library network development. In: MARKUSON, Barbara Evans; WOOLLS, Blanche (Ed.). **Networks for networkers: critical issues in library network development**. London: Neal-Schuman, c1980.

MARTELETO, Regina Maria. Análise de redes sociais: aplicação nos estudos de transferência da informação. **Ciência da Informação**, Brasília, DF, v. 30, n. 1, p. 71-81, jan./abr. 2001. Acesso em: 07 set. 2010.

MEADOWS, A. J. **A comunicação científica**. Brasília, DF: Briquet de Lemos, 1999.

MENOU, Michel. Cultura, informação e educação de profissionais de informação nos países em desenvolvimento. **Ciência da Informação**, Brasília, DF, v. 25, n. 3, 1996. Disponível em: <<http://revista.ibict.br/cienciadainformacao/index.php/ciinf/article/view/447/406>>. Acesso em: 10 jan. 2012.

MERLO VEGA, J. A. La cooperación en las bibliotecas universitarias: fundamentos y redes cooperativas. **Boletín de la Asociación Andaluza de Bibliotecarios**, Salamanca, n. 54, p. 33-57, mar. 1999. Disponível em: <http://gredos.usal.es/jspui/bitstream/10366/18000/1/DBD_Coop.%20btcas.%20univ..pdf>. Acesso em: 06 jan. 2011.

MICROSOFT. **Suporte Microsoft**. c2012. Disponível em: <<http://support.microsoft.com/kb/242450>>. Acesso em: 01 maio 2012.

MIRANDA, Silvânia Vieira. Identificando competências informacionais. **Ciência da Informação**, Brasília, DF, v. 33, n. 2, p. 112-122, maio/ago. 2004.

MORIN, Edgar. **O enigma do homem**. Rio de Janeiro: J. Zahar, 1975.

_____. **Os sete saberes necessários à educação do futuro**. São Paulo: Cortez; Brasília, DF: UNESCO, 2002.

MORTON, Elizabeth Homer. Cooperation in Canada. **Library Trends**, Champaign, v. 23, p. 399-415, Oct. 1975.

MUSEU DE ARTE DE SÃO PAULO ASSIS CHATEAUBRIAND – MASP. **Biblioteca: vocabulário controlado de artes**. [2009?]. Disponível em: <http://www.masp.art.br/masp2010/biblioteca_vocabulario.php>. Acesso em: 22 abr. 2011.

MUSEU NACIONAL DE BELAS ARTES – MNBA. **Sistema de Informações do Acervo do Museu Nacional de Belas Artes – SIMBA**. [199-]. Disponível em: <http://www.mnba.gov.br/2_colecoes/simba.htm>. Acesso em: 07 set. 2011.

NONAKA, Ikujiro; TAKEUCHI, Hirotaka. **Criação de conhecimento na empresa: como as empresas japonesas geram a dinâmica da inovação**. 19. ed. Rio de Janeiro: Elsevier: Campus, 1997.

NONAKA, Ikujiro; TOYAMA, Ryoko. Criação do conhecimento como processo sintetizador. In: TAKEUCHI, Hirotaka; NONAKA, Ikujiro. **Gestão do conhecimento**. Porto Alegre: Boksman, 2008. cap. 4, p. 91-117.

O'REILLY, Tim. **What is Web 2.0**: design patterns and business models for the next generation of software. 2005. Disponível em: <<http://oreilly.com/Web2/archive/what-is-Web-20.html>>. Disponível em: 05 abr. 2011.

PARIROKH, Mehri; DANESHGAR, Farhad; FATTAHI, Rahmatollah. Identifying knowledge-sharing requirements in academic libraries. **Library Review**, [S.l.], v. 57, n. 2, p. 107-122, 2008.

_____. Knowledge sharing capabilities in today's university library. In: IFLA COUNCIL AND GENERAL CONFERENCE, 72., 2006, Seul. **Anais...** [S.l.]: IFLA, 2006.

PARIROKH, Mehri; FATTAHI, Rahmatollah. **Organizational learning and learning organization**: an experience in the management of Ferdowsi University Libraries. Trabalho apresentado no ICIM2005, Mombay, Feb. 2005.

PAULA, Danúzia Rocha de; CIANCONI, Regina de Barros. Práticas de gestão do conhecimento: caso dos sítios associados ao portal corporativo da FIOCRUZ. **Perspectivas em Ciência da Informação**, Belo Horizonte, v. 12, n. 2, p. 49-63, maio/ago. 2007.

PEREIRA, Débora M. R.; GRANTS, Andréa F. L.; BEM, Roberta M. Biblioteca 2.0: produtos e serviços oferecidos pelo Sistema de Bibliotecas da UFSC. **Revista ACB: Biblioteconomia em Santa Catarina**, Florianópolis, v. 15, n. 1, p. 231-243, jan./jun. 2010.

PERROTTI, Edoardo. A estrutura organizacional como elemento facilitador da Gestão do Conhecimento. In: SEMINÁRIOS EM ADMINISTRAÇÃO FEA-USP – SEMEAD, 7., 2004, São Paulo. **Anais...** São Paulo: USP, FEA, 2004. Disponível em: <http://www.ead.fea.usp.br/semead/7semead/paginas/artigos%20recebidos/Conhecimento/GC01_-_A_estrutura_organizacional.PDF>. Acesso em: 30 mar. 2012.

PESTANA, Maria C.; FUNARO, Vânia M. B. O.; RAMOS, Lúcia Maria S. V. C. Análise das ferramentas Web disponibilizadas pelas Bibliotecas da USP, UNESP e UNICAMP. In: SEMINÁRIO NACIONAL DE BIBLIOTECAS UNIVERSITÁRIAS - SNBU, 16.; SEMINÁRIO INTERNACIONAL DE BIBLIOTECAS DIGITAIS - SIBDB, 2., 2010, Rio de Janeiro. **Anais...** Rio de Janeiro: UFRJ/SiBI: CRUESP, 2010.

PINHEIRO, Lena Vania Ribeiro. Arte, objeto artístico, documento e informação em museus. In: SYMPOSIUM MUSEOLOGY&ART; ANUAL CONFERENCE OF UNESCO ICOFOM, 18.; REGIONAL MEETING OF ICOFOM/ LAM, 5., 1996, Rio de Janeiro. **Anais...** Rio de Janeiro: Tacnet Cultural, 1996. Disponível em: <<http://ibict.phlnet.com.br/anexos/Icofomlena.pdf>>. Acesso em: 01 maio 2011.

_____. Ausência de Arte e Cultura nas políticas públicas de informação. In: MEMÓRIA social e documento: uma abordagem interdisciplinar. Rio de Janeiro: UNI-RIO, 1997. p. 11-20. Disponível em: <<http://biblioteca.ibict.br/phl8/anexos/Ausenciaecultura.pdf>>. Acesso em: 2 set. 2009.

_____. Horizontes da informação em museus. **MAST Colloquia**, Rio de Janeiro, v. 10, p. 81-96, 2008a.

_____. Itinerários epistemológicos da instituição e constituição da Informação em Arte no campo interdisciplinar da Museologia e da Ciência da Informação. **Museologia e Patrimônio**, Rio de Janeiro, v. 1, n. 1, jul./dez. 2008b.

_____. Prefácio. In: PINHEIRO, Lena Vania Ribeiro; GONZÁLEZ DE GÓMEZ, Lena Vania. Interdiscursos **da Ciência da Informação**: arte, museu e imagem. Rio de Janeiro: IBICT, 2000. p. 7-14.

PLAISTER, Jean M. Cooperation in England. **Library Trends**, Champaign, v. 23, p. 417-423, Oct. 1975.

POLANYI, M. Tacit knowledge. In: PRUSAK, L. (Ed.). **Knowledge in organizations**. Newton: Butterworth-Heinemann, 1997. p. 135-146.

PORTINARI, João Cândido. O Projeto Portinari. **Estudos Avançados**, São Paulo, v. 14, n. 38, p. 369-400, 2000.

PRIMO, Alex. O aspecto relacional das interações na Web 2.0. In: CONGRESSO BRASILEIRO DE CIÊNCIAS DA COMUNICAÇÃO, 29., 2006, Brasília. **Anais...** Brasília, DF: Intercom: Universidade de Brasília, 2006. Disponível em: <<http://www.lume.ufrgs.br/handle/10183/1264>>. Acesso em: 10 jan. 2012.

REDE DE BIBLIOTECAS E CENTROS DE INFORMAÇÃO EM ARTE NO ESTADO DO RIO DE JANEIRO – REDARTE/RJ. **Atas**. Rio de Janeiro, 1995-1998, 2009-2011. Mimeo.

_____. **Estatuto**. Rio de Janeiro, 2011. Mimeo.

RIBAS, Cláudia S. da Cunha; ZIVIANI, Paula. Redes de informação: novas relações sociais. **Revista de Economia Política de las Tecnologías de la Información y Comunicación**, [S.l.], v. 10, n. 1, enero/abr. 2008.

ROBERTS, Andrew. The CIDOC experience and the challenges of documentation. In: CIDOC 2002, 2002, Porto Alegre. **Anais eletrônicos...** Porto Alegre: ICOM, 2002. Disponível em: <<http://cidoc.mediahost.org/archive/cidoc2002/comunicacoes/htm/conferencias/conferencias/roberts.html>>. Acesso em: 02 out. 2011.

ROBREDO, Jaime. **Da ciência da informação revisitada**: aos sistemas humanos de informação. Brasília, DF: Thesaurus, 2003.

RUBIM, Antonio Albino Canelas. Políticas culturais do governo Lula/ Gil: desafios e enfrentamentos. **Intercom**: Revista Brasileira de Ciências da Comunicação, São Paulo, v. 31, n.1, p. 183-203, jan./jun. 2008.

RUI, C. Thoughts and technologies of knowledge management. **Information Knowledge in Libraries**, [S.l.], v. 1, p. 10-13, 1999.

RUY, Fabiano Borges; BERTOLLO, Gleidson; FALBO, Ricardo de Almeida. **Uma ferramenta baseada em conhecimento para apoiar a definição de processos de software em níveis**. [200-]. Disponível em:

<<http://www.inf.ufes.br/~falbo/download/pub/CFSbes2003paper1.pdf>>. Acesso em: 01 maio 2012.

SAÉNZ, Tirso W.; GARCÍA CAPOTE, Emílio. **Ciência, inovação e gestão tecnológica**. Brasília, DF: CNI, 2002.

SANTOS, Alexandra; ANDRADE, António. Bibliotecas universitárias portuguesas no universo da Web 2.0. **Encontros Bibli**, Florianópolis, n. esp., p. 119-131, 2. sem. 2010. Disponível em: <<http://www.periodicos.ufsc.br/index.php/eb/article/view/16586>>. Acesso em: 06 jan. 2012.

SANTOS, Milton. **A natureza do espaço: técnica e tempo, razão e emoção**. 4. ed. São Paulo: Edusp, 2006.

SCHEIN, Edgar. **Organization culture and leadership: a dynamic view**. San Francisco: Jossey-Bass, 1992.

SETZER, Valdemar W. Dado, informação, conhecimento e competência. **DataGramaZero**, [S.l.], n. 0, artigo 01, dez. 1999. Disponível em: <http://www.dgz.org.br/dez99/Art_01.htm>. Acesso em: 7 set. 2010.

_____. Dado, informação, conhecimento e competência. **Folha Educação**, São Paulo, n. 27, p. 6-7, out./nov. 2004.

SHANHONG, T. Knowledge management in libraries in the 21st century. In: IFLA COUNCIL AND GENERAL CONFERENCE, 66., 2000, Jerusalem. **Anais...** [S.l.]: IFLA, 2000.

SILVA, Antonio Felipe Galvão. **Pesquisa de marketing para a segmentação de público-alvo**: estudo de comportamento, hábitos e preferências de usuários da informação em arte. 2003. 152 f. Tese (Doutorado em Ciência da Informação)—Departamento da Ciência da Informação e Documentação, Universidade de Brasília, Brasília, DF, 2003. Orientador: Profº Drº Antonio Lisboa Carvalho de Miranda.

SILVA, Cássia Maria Mello da. ImagemXpalavra: questões da recuperação da informação imagética. In: PINHEIRO, Lena Vania Ribeiro; GONZÁLEZ DE GOMES, Maria Nélida. **Interdiscursos da Ciência da Informação: arte, museu e imagem**. Brasília, DF: IBICT, 2000.

SILVA, Edna Lúcia da. Compartilhamento de recursos e o papel das redes de informação. **Revista de Biblioteconomia**, Brasília, DF, v. 14, n. 2, p. 209-225, jul./dez. 1986. Disponível em: <<http://www.brapci.ufpr.br/documento.php?dd0=0000001923&dd1=051a2>>. Acesso em: 07 set. 2011.

SINNOTE, M. Exploration of the field of knowledge management for the library and information professional. **Libri**, [S.l.], v. 54, p. 190-198, 2004.

SISSON, Jacqueline D. Cooperation among art libraries. **Library Trends**, Champaign, v. 23, p. 501-515, Oct. 1975.

SOUBHIA, Maria Cecilia; PIANTINO, Jair Leal. Vocabulário controlado em artes do espetáculo. In: SIMPÓSIO IBERO-AMERICANO DE TERMINOLOGIA, 7., 2000, Lisboa. **Actas...** [S.l.]: RITerm, 2000.

SOUZA, Alice Mari Miyazaki de et al. Comunicação, informação e relacionamento: a experiência do blog de uma biblioteca universitária. In: SEMINÁRIO NACIONAL DE BIBLIOTECAS UNIVERSITÁRIAS - SNBU, 16.; SEMINÁRIO INTERNACIONAL DE BIBLIOTECAS DIGITAIS - SIBDB, 2., 2010, Rio de Janeiro. **Anais...** Rio de Janeiro: UFRJ/SiBI: CRUESP, 2010.

STEVENS, Charles H. Governance of library networks. **Library Trends**, Champaign, v. 23, p. 219-240, Oct. 1975.

STEVENS, Norman D. An historical perspective on the concept of networks: some preliminary considerations. In: MARKUSON, Barbara Evans; WOOLLS, Blanche (Ed.). **Networks for networkers**: critical issues in library network development. London: Neal-Schuman, c1980.

SWARTZ, Roderick G. The need for cooperation among libraries in the United States. **Library Trends**, Champaign, v. 23, p. 215-227, Oct. 1975.

THE GETTY RESEARCH INSTITUTE. **Getty vocabularies**. [199-?]. Disponível em: <<http://www.getty.edu/research/tools/vocabularies/>>. Acesso em: 15 set. 2011.

TOMAÉL, Maria Inês. Redes de conhecimento. **DataGramaZero**, [S.l.], v. 9, n. 2, abr. 2008. Disponível em: <http://www.dgz.org.br/abr08/Art_04.htm#Autor>. Acesso em: 2 set. 2009.

_____. **Redes de conhecimento**: o compartilhamento da informação e do conhecimento em consórcio de exportação do setor moveleiro. 2005. 289 f. Tese (Doutorado em Ciência da Informação)–Programa de Pós-graduação em Ciência da Informação, Escola de Ciência da Informação, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2005a. Orientador: Prof^a Dr^a Regina Maria Marteleto.

_____. Redes de informação: o ponto de contato dos serviços e unidades de informação no Brasil. **Informação & Informação**, Londrina, v. 1-2, jan./dez. 2005b.

TOMAÉL, Maria Inês; ALCARÁ, Adriana Rosecler; DI CHIARA, Ivone Guerreiro. Das redes sociais à inovação. **Ciência da Informação**, Brasília, DF, v. 34, n. 2, p. 93-104, maio/ago. 2005. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/ci/v34n2/28559.pdf>>. Acesso em: 07 set. 2010.

TURBAN, E.; RAINER JUNIOR, R. K.; POTTER, R. E. **Administração de tecnologia da informação**: teoria e prática. 3. ed. Rio de Janeiro: Elsevier, 2005.

VALERA OROL, Concha Varela; GARCIA MELERO, Luis Angel; GONZALEZ GUITIAN, Carlos Gonzalez. Redes de bibliotecas. **Boletín de La Anabad**, A Coruña, v. 38, n. 1-2, p. 215-242, 1988.

VECHIATO, Fernando Luiz; INAFUKO, Laura Akie Saito; VIDOTTI, Silvana Aparecida B. G. Utilização de *blogs* em bibliotecas: um estudo comparativo da arquitetura da informação e

da usabilidade dos *blogs* da Biblioteca de São Paulo e da Biblioteca Florestan Fernandes – FFLCH USP. In: SEMINÁRIO NACIONAL DE BIBLIOTECAS UNIVERSITÁRIAS - SNBU, 16.; SEMINÁRIO INTERNACIONAL DE BIBLIOTECAS DIGITAIS - SIBDB, 2., 2010, Rio de Janeiro. **Anais...** Rio de Janeiro: UFRJ/SiBI: CRUESP, 2010.

WATANABE, Edna Tiemi Yokoti; PALETTA, Fátima Aparecida Colombo; YAMASHITA, Marina Mayumi. Análise do uso das ferramentas Web 2.0 aplicadas às bibliotecas da Universidade de São Paulo (USP). In: SEMINÁRIO NACIONAL DE BIBLIOTECAS UNIVERSITÁRIAS - SNBU, 16.; SEMINÁRIO INTERNACIONAL DE BIBLIOTECAS DIGITAIS - SIBDB, 2., 2010, Rio de Janeiro. **Anais...** Rio de Janeiro: UFRJ/SiBI: CRUESP, 2010.

WATTS, Duncan J. **Small worlds**: the dynamics of networks between order and randomness. Princeton, N.J.: Princeton University Press, 1999.

WEISZFLOG, Walter. Colaboração. In: _____. **Michaelis**: moderno dicionário da língua portuguesa. São Paulo: Melhoramentos, [200-]. Disponível em: <<http://michaelis.uol.com.br/moderno/portugues/index.php?lingua=portugues-portugues&palavra=colabora%E7%E3o>>. Acesso em: 05 maio 2011.

WERNECK, Rosa Maria Lellis. **Componentes lógicos e intuitivos no processo criativo da Arte e da Ciência**: um estudo comparativo entre Arte e Ciência sob a ótica da Ciência da Informação. 2001. 179 f. Tese (Doutorado em Ciência da Informação)–Instituto Brasileiro de Ciência e Tecnologia, Universidade Federal Fluminense, Niterói, 2001. Orientadores: Prof^ª Dr^ª Lena Vania Ribeiro Pinheiro e Prof^ª Dr^ª Maria Nélida González de Gómez.

WHITE, Tatiana. Knowledge management in an academic library: based on the case study “KM within OULS”. In: IFLA COUNCIL AND GENERAL CONFERENCE, 70., 2004, Buenos Aires. **Anais...** [S.l.]: IFLA, 2004.

WILSON, T. D. The nonsense of ‘knowledge management’. **Information Research**, [S.l.], v. 8, n. 1, Oct. 2002.

WOIDA, Luana Maia. **Cultura informacional voltada à inteligência competitiva organizacional no setor de calçados de São Paulo**. 2008. 254 f. Dissertação (Mestrado em Ciência da Informação)–Faculdade de Filosofia e Ciências, Universidade Estadual Paulista, Marília, 2008. Orientador: Prof^ª Dr^ª Marta L. Pomim Valentim.

WORMANN, Curt D. Aspects of international library cooperation, historical and contemporary. **Library Quarterly**, Chicago, v. 38, p. 340-42, Oct. 1968.

WORMELL, Irene. Social Science Libraries Section aids in creation of new Knowledge Management Section. **IFLA Newsletter**, [S.l.], n. 1, 2004.

XIAOPING, S. Knowledge management of libraries in the 21st century. **Library Magazine**, [S.l.], v. 8, p. 29-32, 1999.

YAACOB, Nurul Ibtisam Binti. **Knowledge management initiative**: a case study in Malaysia National Library. 2010. Proceedings of 3th Internacional conference on ICT4M2010.

ZENFAZ. **Poliglota**: software de gestão de bibliotecas e arquivos. Rio de Janeiro, 2011.
Disponível em: <<http://www.zenfaz.net/poliglota.pdf>>. Acesso em: 15 out. 2011.

ANEXO A

ESTATUTO DA REDARTE/RJ

REDARTE/RJ - REDE DE BIBLIOTECAS E CENTROS DE INFORMAÇÃO EM ARTE NO ESTADO DO RIO DE JANEIRO

ESTATUTO

CAPÍTULO I - DA DENOMINAÇÃO, SEDE E FINS

Art.1º – A Rede de Bibliotecas e Centros de Informação em Arte no Estado do Rio de Janeiro, também designada pela sigla REDARTE/RJ, fundada em Assembleia Geral realizada em 11 de novembro de 2005 é uma associação civil de natureza cultural, sem fins lucrativos, constituída de Bibliotecas e Centros de Informação especializados em Arte, ou que possuam acervos representativos nesta área, de natureza pública, privada ou de economia mista, situados no Estado do Rio de Janeiro, que terá duração por tempo indeterminado, com o objetivo de promover os recursos informacionais de seus integrantes, tendo sede e domicílio na instituição onde atua seu Presidente no Museu Nacional de Belas Artes na Av. Rio Branco, 199 Centro – Rio de Janeiro CEP 20040-008.

Art.2º – A REDARTE/RJ tem por finalidades:

- a) promover o acesso do público interessado em Arte aos itens informacionais, em qualquer suporte ou meio eletrônico, existentes nas Unidades Integrantes da REDARTE/RJ, respeitando a disponibilidade de cada uma;
- b) divulgar permanentemente junto aos usuários a existência das unidades de informação pertencentes à REDARTE/RJ;
- c) divulgar outras instituições e redes de informação atuantes em Arte;
- d) oferecer serviços e produtos de informação em Arte;
- e) promover o intercâmbio permanente de experiências profissionais entre as Unidades Integrantes.

Art.3º – A REDARTE/RJ atuará com as seguintes áreas temáticas: Arquitetura e Urbanismo, Artes Decorativas, Artes Gráficas, Artes Plásticas, Cinema, Circo, Dança, Desenho Industrial, Folclore & Cultura Popular, Fotografia (arte, técnica e história), Moda e Indumentária, Música, Numismática, Ópera, Rádio, Teatro, TV, Vídeo.

Art.4º – À REDARTE/RJ poderão se associar organizações afins, como *Unidades Integrantes* e pessoas físicas, denominadas *Sócios Colaboradores*, mediante aprovação da Assembleia Geral Extraordinária.

Art.5º – A REDARTE/RJ terá um Regimento Interno, que, aprovado pela Assembleia Geral, disciplinará seu funcionamento.

CAPÍTULO II - DOS ASSOCIADOS

Art.6º – A REDARTE/RJ é constituída por número ilimitado de associados, denominados **Unidades Integrantes** (através de seus representantes) e **Sócios Colaboradores**.

I- Unidades Integrantes

- a) as Unidades Integrantes são instituições, ou partes de instituições que, conforme o Art. 1º, possuam bibliotecas e unidades de informação especializados em Arte, ou com acervos específicos e de qualidade pertinentes às áreas de abrangência temática citadas no Art. 3º;
- b) os representantes das Unidades Integrantes serão designados por estas entre profissionais de Biblioteconomia ou áreas afins e pertencentes à equipe da biblioteca ou unidade de informação da instituição;
- c) a adesão de novas Unidades Integrantes será submetida à apreciação da Assembleia Geral Ordinária.

II- Sócios Colaboradores

- a) a categoria de Sócios Colaboradores será constituída de profissionais de Biblioteconomia ou áreas afins que participaram como associados da REDARTE e que no momento não estão vinculados a instituições e unidades especializadas nas áreas de abrangência temática citadas no Art. 3º;
- b) a adesão de novos Sócios Colaboradores será submetida à apreciação da Assembleia Geral Ordinária.

Art. 7º – São direitos das Unidades Integrantes, seus representantes e dos Sócios Colaboradores;

I- Unidades Integrantes

- a) participar, com direito a voz e voto, das reuniões, Assembleias Gerais, Assembleias Gerais Extraordinárias e demais atividades da REDARTE/RJ;
- b) votar e ser votado, respeitando as determinações deste Estatuto;
- c) convocar, excepcionalmente, Assembleias Gerais Extraordinárias, nos termos do Art. 26º

II- Sócios Colaboradores

- a) participar com direito a voz, mas sem direito a voto, das reuniões, Assembleias Gerais, Assembleias Gerais Extraordinárias e demais atividades da REDARTE/RJ;
- b) colaborar no desenvolvimento das atividades da Rede quando convocados;

Art. 8º – São deveres das Unidades Integrantes e Sócios Colaboradores

I- Unidades Integrantes

- a) respeitar e cumprir rigorosamente este Estatuto e as deliberações das reuniões e assembleias;
- b) comparecer às reuniões e assembleias, participar das decisões e votar o plano anual da Rede, prestar apoio e colaboração à REDARTE/RJ no cumprimento das suas finalidades;
- c) participar de pelo menos 60% das reuniões da REDARTE/RJ durante o ano;
- d) pagar, no prazo estabelecido, a quantia correspondente à contribuição anual definida no início de cada ano (ano civil).
- e) formalizar à Diretoria da Rede o seu desligamento voluntário;

f) formalizar à Diretoria da Rede a substituição do seu representante;

Parágrafo único: O não cumprimento destes deveres, sem justificativa formalizada à Diretoria da Rede, implicará em desligamento da Unidade. O desligamento se fará após comunicação formal da Diretoria ao dirigente da instituição à qual pertence à Unidade.

II- Sócios Colaboradores

a) respeitar e cumprir rigorosamente este Estatuto e as deliberações das reuniões e assembleias;

b) comparecer às reuniões e assembleias, prestar apoio e colaboração à REDARTE/RJ no cumprimento das suas finalidades;

c) pagar, no prazo estabelecido, a quantia correspondente a 50% da contribuição anual definida para as Unidades Integrantes.

d) formalizar à Diretoria da Rede o seu desligamento voluntário;

Parágrafo único: Somente associados que sejam representantes das Unidades Integrantes poderão habilitar-se ao provimento de cargos eletivos.

Art.9º – Os associados da REDARTE/RJ, sejam Sócios Colaboradores ou representantes das Unidades Integrantes, e as Unidades Integrantes não respondem, nem mesmo subsidiariamente, pelas obrigações e encargos sociais da REDARTE/RJ.

CAPÍTULO III - DA ADMINISTRAÇÃO

Art.10 – A REDARTE/RJ será administrada por:

I - Diretoria;

II - Conselho Fiscal; e

III - Assembléia Geral.

Art.11 – A Diretoria será constituída por um Presidente, um Vice-Presidente, dois Secretários e dois Tesoureiros.

Art.12 – As eleições serão realizadas a cada dois anos, por convocação distribuída na primeira reunião do ano, no mês de fevereiro.

§ 1º o Presidente encaminhará as chapas para registro no mês de março, com eleição marcada para a Assembléia Geral do mês de abril.

§ 2º uma comissão eleitoral será constituída para elaboração do Regimento Eleitoral, votação, apuração e posse da nova Diretoria.

§ 3º o Presidente designará dentre os associados da rede três mesários que não sejam candidatos, para procederem à votação e sua apuração.

§ 4º o Presidente em exercício dará posse aos candidatos eleitos e ao seu sucessor.

§ 5º os associados da Diretoria poderão ser reeleitos, segundo a vontade dos representantes das Unidades Integrantes, por mais um mandato.

Parágrafo único: Em caso de renúncia, destituição ou impedimento definitivo de qualquer membro da Diretoria, haverá nova eleição para a escolha do substituto, que exercerá o cargo até o final do mandato vigente.

Art.13 – Compete à Diretoria:

- I - elaborar programa anual de atividades e submetê-lo à aprovação da Assembleia Geral;
- II - elaborar e apresentar o relatório do ano anterior à Assembleia Geral;
- III - apresentar o valor da anuidade para aprovação pela Assembleia Geral;
- IV - entrosar-se com instituições públicas e privadas para mútua colaboração em atividades de interesse comum;
- V - contratar e demitir funcionários;
- VI - convocar a Assembleia Geral;
- VII - assinar papéis e contratos juntamente com os demais membros da Diretoria.

Art.14 – Compete ao Presidente:

- I - coordenar, dirigir e orientar os trabalhos da Rede;
- II - manter sob sua guarda e conservar o arquivo da Rede;
- III- convocar e presidir as reuniões mensais e Assembleias;
- IV - submeter à Rede proposta de adesão de novo associado, em conformidade com o art. 6º deste Estatuto;
- V - representar a Rede em solenidades, visitas, cerimônias e reuniões ou, quando impossibilitado, designar um representante;
- VI - nomear subgrupos de trabalho e orientá-los na execução de projetos incluídos no plano anual;
- VII - abrir e movimentar conta(s) bancária(s), assinar e endossar cheque(s), notas de despesas e recibos, juntamente com o Primeiro Tesoureiro;
- VIII - responder, em juízo ou fora dele, pelas obrigações assumidas pela Rede.

Art.15 – Compete ao Vice-Presidente:

- I - substituir o Presidente em suas faltas ou impedimentos;
- II - assumir o mandato do Presidente, em caso de vacância, até o seu término;
- III - prestar, de modo geral, a sua colaboração ao Presidente.

Art.16 – Compete ao Primeiro Secretário:

- I - organizar, preparar e expedir a correspondência da Rede a ser assinada pela Diretoria;
- II - manter atualizado o cadastro da Rede;
- III - preparar a agenda de reuniões da Rede;
- IV - divulgar e distribuir os trabalhos da Rede da forma deliberada pela Diretoria;
- V - redigir, ler, assinar e distribuir as atas das reuniões e Assembleias da Rede.

Art.17 – Compete ao Segundo Secretário:

- I - substituir o Primeiro Secretário em suas faltas ou impedimentos;
- II - assumir o mandato do Primeiro Secretário, em caso de vacância, até o seu término; e
- III - prestar, de modo geral, a sua colaboração ao Primeiro Secretário.

Art.18 – Compete ao Primeiro Tesoureiro:

- I - assinar cheques, notas de despesas e recibos juntamente com o Presidente;
- II - assinar recibos de quitação; analisar junto com o Presidente os balanços semestral e anual para prestação de contas à Rede,
- III - providenciar a previsão orçamentária para incluir no plano anual de trabalho da Rede a ser apresentado aos associados;
- IV - apresentar anualmente o relatório financeiro do exercício findo na Assembleia Geral;
- V - aplicar os recursos financeiros advindos de diversas fontes, de comum acordo com a Diretoria e demais associados;
- VI - manter a escrituração contábil em ordem.

Art.19 – Compete ao Segundo Tesoureiro:

- I - substituir o Primeiro Tesoureiro em suas faltas ou impedimentos;
- II - assumir o mandato do Primeiro Tesoureiro, em caso de vacância, até o seu término;
- III - prestar, de modo geral, a sua colaboração ao Primeiro Tesoureiro.

Art.20 – O Conselho Fiscal será constituído por três membros, e seus respectivos suplentes, eleitos pela Assembleia Geral.

§1º – o mandato do Conselho Fiscal será coincidente com o mandato da Diretoria.

§2º – em caso de vacância de algum dos membros do Conselho Fiscal, o mandato será assumido pelo respectivo suplente até seu término.

Art.21 – Compete ao Conselho Fiscal:

- I - examinar os livros de escrituração da REDARTE/RJ;
- II - examinar o balancete semestral apresentado pelo Primeiro Tesoureiro, opinando a respeito;
- III - apresentar relatórios de receitas e despesas sempre que forem solicitados;
- IV - opinar sobre a conveniência de adquirir, alienar, transigir, hipotecar ou permutar bens de qualquer tipo;

Parágrafo Único - O Conselho reunir-se-á ordinariamente a cada 12 (doze) meses e, extraordinariamente, sempre que necessário.

Art.22 – As atividades dos diretores, conselheiros e associados não serão remuneradas, sendo-lhes vedado o recebimento de qualquer lucro, gratificação, bonificação ou vantagem.

Art.23 – A Assembléia Geral, órgão soberano da REDARTE/RJ, constituir-se-á dos seus associados em pleno gozo de seus direitos estatutários.

Art. 24 – Compete à Assembléia Geral:

- I - eleger e destituir a Diretoria e o Conselho Fiscal;
- II - apreciar recursos contra decisões da Diretoria;

III - decidir sobre reformulações do Estatuto;

IV - decidir sobre a conveniência de adquirir, alienar, transigir, hipotecar ou permutar bens de qualquer tipo;

V - decidir sobre a extinção da REDARTE/RJ, nos termos do Art. 34;

VI - aprovar as contas;

VII - aprovar e reformular o Regimento Interno.

Art. 25 – A Assembleia Geral realizar-se-á, ordinariamente, uma vez por ano para:

I - apreciar o relatório anual da Diretoria;

II - apreciar e aprovar o planejamento anual;

III - discutir e homologar as contas e o balanço aprovado pelo Conselho Fiscal.

Art. 26 – A Assembleia Geral realizar-se-á, extraordinariamente, quando convocada:

I - pelo Presidente;

II - pela Diretoria;

III - pelo Conselho Fiscal;

IV - por requerimento de 1/5 das Unidades Integrantes quites com as obrigações da Rede.

Art. 27 – A convocação da Assembleia Geral será feita por meio de edital afixado na sede da REDARTE/RJ, por circulares ou outros meios convenientes, com antecedência mínima de 15 (quinze) dias.

§ 1º – Qualquer Assembleia instalar-se-á em primeira convocação com a maioria dos associados e, em segunda convocação, com qualquer número, não exigindo a lei quorum especial.

Art. 28 – As reuniões e assembléias serão realizadas mensalmente com os representantes das Unidades Integrantes e os Sócios Colaboradores. Poder-se-á convidar elementos externos à Rede para reuniões e assembléias específicas, se considerado pertinente pela Diretoria.

Parágrafo único - As reuniões e assembléias serão presididas pelo Presidente, ou pelo Vice-Presidente ou pelo Primeiro Secretário.

CAPÍTULO IV - DO PATRIMÔNIO

Art. 29 – O patrimônio será constituído a partir de receita obtida através da captação de recursos junto a pessoas físicas e jurídicas.

Art. 30 – Todos os recursos financeiros serão depositados em conta corrente e/ou poupança, aberta exclusivamente em nome da REDARTE/RJ.

Art. 31 – As receitas da REDARTE/RJ serão aplicadas integralmente no cumprimento das finalidades da Rede, sendo vedada a distribuição entre seus integrantes de lucros, resultados, dividendos, bonificações, participações ou parcela de seu patrimônio, sob nenhuma forma ou pretexto entre seus integrantes.

CAPÍTULO V - DOS PRODUTOS E SERVIÇOS

Art. 32 – Os custos dos serviços e produtos de informação oferecidos e fornecidos pelas Unidades Integrantes estão sujeitos à política interna de cada Unidade Integrante.

Art. 33 – São vedados o uso e/ou a reprodução do nome, da imagem, do logotipo e dos produtos criados no âmbito da REDARTE/RJ, além da apresentação e/ou publicação de trabalhos acadêmicos, livros, artigos ou similares sobre a Rede, em qualquer meio de comunicação, sem autorização expressa da Diretoria. O uso autorizado deve dar à Rede os devidos créditos.

CAPÍTULO VI - DA DISSOLUÇÃO

Art. 34 – A dissolução da REDARTE/RJ deverá ser deliberada por 2/3(dois terços) de seus associados habilitados a votar na 1ª convocação e por mais de 1/3 nas seguintes convocações, em Assembleia Geral Extraordinária convocada para este fim.

Parágrafo único: Em caso de dissolução da REDARTE/RJ seus bens reverterão integralmente para entidade beneficente ou filantrópica, a critério da Assembleia Geral Extraordinária convocada para este fim, após terem sido saldados todos os compromissos da Rede.

CAPÍTULO VII - DAS DISPOSIÇÕES GERAIS

Art. 35 – O presente Estatuto poderá ser reformulado no todo ou em parte e sua proposta apresentada para apreciação em Assembleia Geral. A Assembleia Geral terá início em 1ª convocação com 50% mais um dos associados habilitados a votar e em 2ª convocação com 1/3 dos associados habilitados a votar, com aprovação de no mínimo 2/3 desses associados.

Art. 36 – Os casos omissos neste Estatuto serão resolvidos pela Diretoria e referendados pela Assembleia Geral.

Parágrafo único - As disposições constantes no *Art. 8º Parágrafo único* só terão validade após um ano da aprovação deste Estatuto.

O presente estatuto foi aprovado pela Assembleia Geral realizada no dia 11/04/2011.

Rio de Janeiro, 11 de abril de 2011.

Mary Komatsu Shinkado
Presidente da REDARTE/RJ

Isabel Ariño Grau
Primeira Secretária REDARTE/RJ

APÊNDICE A

QUESTIONÁRIO AOS MEMBROS DA REDARTE/RJ

Cultura organizacional e informacional, cooperação, compartilhamento e colaboração na REDARTE/RJ

Este questionário visa coletar dados para a pesquisa de mestrado em Ciência da Informação da Universidade Federal Fluminense (PPGCI/ UFF), sob a orientação da Prof^a Dr^a Regina de Barros Cianconi, intitulada “Cooperação, compartilhamento e colaboração: o caso da Rede de Bibliotecas e Centros de Informação em Arte no Estado do Rio de Janeiro – REDARTE/RJ”.

Informamos que os dados não serão individualizados e que os respondentes não serão identificados.

Perfil do Respondente	
Formação (graduação e pós em Artes e/ou Informação, se houver)	
Tempo de trabalho na instituição como profissional da informação	
Exerce cargo de gerência ou chefia	() Sim () Não
Tempo aproximado de participação na REDARTE/RJ	
Já exerceu algum cargo na Rede? Em caso positivo, favor especificar o(s) cargo(s) e a gestão(ões)	() Sim () Não

1 Cultura Organizacional e Informacional da REDARTE/RJ ³⁸				
Assinale para cada assertiva a opção que melhor corresponde ao que você percebe em relação à REDARTE/RJ, conforme a escala indicada, onde:				
5 Concordo totalmente	4 Concordo	3 Sem opinião formada	2 Discordo	1 Discordo totalmente

Item	Assertivas	5	4	3	2	1
1.1	A REDARTE/RJ possui um sistema de valores ou cultura que promove a troca de informações e experiências.					
1.2	Há um alto nível de credibilidade nas informações veiculadas na REDARTE/RJ.					
1.3	Existem padrões para as unidades participantes da REDARTE/RJ (linguagem comum, códigos de conduta etc).					
1.4	Há espaço para que insucessos e falhas também sejam compartilhados.					
1.5	Tenho acesso a dados e informações de todas as unidades integrantes da REDARTE/RJ (como por exemplo, e-mail, telefones...), sendo possível a comunicação informal com os membros que desejar, não havendo centralização da comunicação.					
1.6	A REDARTE/RJ provê treinamento relacionado ao uso de recursos da <i>web 2.0</i> ³⁹ para a comunicação e o compartilhamento de experiências entre seus membros.					

³⁸ A cultura informacional vincula-se ao modo como as pessoas tratam (avaliam, organizam, processam e disseminam) a informação e o conhecimento dentro de uma organização (empresa, rede...), levando-se em consideração a utilização das Tecnologias da Informação e do Conhecimento – TICs e fatores como princípios, valores, crenças, ritos e comportamentos organizacionais (CAVALCANTE, 2010; CHOO et al., 2008; CURRY; MOORE, 2003; WOIDA, 2008a, 2008b).

1.7	A REDARTE/RJ procura estimular o desenvolvimento de competências informacionais ⁴⁰ em seus participantes e usuários.					
1.8	Entendo que informações e conhecimentos devem ser compartilhados com todo o grupo e não apenas com participantes específicos.					
1.9	Ao tomar conhecimento de informações sobre cursos, links de interesse e bibliografias da área, tenho a iniciativa de compartilhá-las na Rede.					
1.10	Acredito que as informações, os conhecimentos e as experiências compartilhadas contribuem para o crescimento da área de informação em arte.					
1.11	Julgo que devo compartilhar informações e conhecimentos sem esperar que as trocas sejam nas mesmas proporções.					
1.12	Julgo que quem compartilha o seu conhecimento perde poder frente aos demais.					
1.13	Julgo que quem compartilha o seu conhecimento ganha status e reconhecimento frente aos demais.					
1.14	A REDARTE/RJ incentiva seus membros a participarem de eventos externos a ela.					
1.15	Há incentivo para o registro do conhecimento e <i>know-how</i> que flui na REDARTE/RJ (como a elaboração de documentos, artigos, publicações...)					
1.16	Sou encorajado(a) pela REDARTE/RJ a me comunicar e a compartilhar experiências e informações virtualmente.					
1.17	Utilizo os ambientes que a REDARTE/RJ disponibiliza na Internet para a comunicação, a interação e o compartilhamento de informações e experiências com outros participantes da Rede.					
1.18	Utilizo os ambientes que a REDARTE/RJ disponibiliza na Internet para a comunicação, a interação e o compartilhamento de informações e experiências com outros profissionais da informação (externos à Rede).					
1.19	Acredito que a REDARTE/RJ deveria ampliar as formas de comunicação virtual entre os seus participantes.					
1.20	Acredito que a REDARTE/RJ deveria ampliar as formas de comunicação virtual com profissionais da informação que não fazem parte dela.					
1.21	A REDARTE/RJ deveria ampliar suas formas de comunicação virtual com os usuários de informação em arte.					

1.22	Dos recursos disponibilizados pela REDARTE/RJ na Internet, assinale os que você conhece: 1.22.1 () Biblioteca Virtual 1.22.2 () Blog 1.22.3 () E-mail 1.22.4 () Facebook 1.22.5 () Informe (eletrônico) 1.22.6 () Orkut 1.22.7 () Picasa 1.22.8 () Site da REDARTE/RJ (hospedado no Instituto Goethe) 1.22.9 () Twitter 1.22.10 () Outro (s). Especifique: _____
1.23	Dos itens assinalados acima, especifique quais você utiliza e com qual (is) finalidade(s): _____ _____
1.24	Gostaria de sugerir outros recursos da <i>web</i> 2.0 poderiam ser adotados pela REDARTE/RJ? Especifique.

³⁹ O termo Web 2.0 ou Web Social surgiu em uma sessão de *brainstorming* entre Tim O'Reilly e profissionais da empresa MediaLive Internacional (O'REILLY, 2005). Procura retratar os sites que sobreviveram ao estouro da "Bolha da Internet" nos anos 90, que possuíam em comum maior interatividade e a criação de conteúdos intrinsecamente ligados à inteligência coletiva e à colaboração. Segundo Barbosa, Sepúlveda e Costa (2009, p.18), a Web 2.0 representa "[...] a emergência e consolidação de recursos que viabilizam e facilitam o compartilhamento de informações e de conhecimento entre usuários e produtores de conteúdos em ambientes da Internet. Esses recursos estimulam a articulação e colaboração não apenas entre pessoas, mas também entre empresas e outros tipos de entidades".

⁴⁰ De acordo com Miranda (2004, p. 118), competência informacional pode ser definida como "[...] o conjunto das competências profissionais, organizacionais e competências-chave que possam estar ligadas ao perfil de um profissional da informação ou de uma atividade baseada intensivamente em informação. Essa competência pode ser expressa pela *expertise* em lidar com o ciclo informacional, com as tecnologias da informação e com os contextos informacionais."

--	--

2 Cooperação na REDARTE/RJ⁴¹

Assinale para cada assertiva a opção que melhor corresponde ao que você pensa, conforme a escala indicada, onde:

5 Concordo totalmente	4 Concordo	3 Sem opinião formada	2 Discordo	1 Discordo totalmente
-----------------------------	---------------	-----------------------------	---------------	-----------------------------

Item	Assertivas	5	4	3	2	1
2.1	A participação na REDARTE/RJ proporciona maiores possibilidades de empréstimo de documentos.					
2.2	A participação na REDARTE/RJ proporciona maiores possibilidades de recebimento de doações.					
2.3	A participação na REDARTE/RJ facilita a obtenção de cópia de partes de documentos.					
2.4	Priorizo os membros da REDARTE/RJ quando realizado doação de documentos.					
2.5	A participação na REDARTE/RJ otimiza o processo de desenvolvimento de coleções, ao considerar o que posso conseguir por empréstimo com as instituições integrantes da REDARTE/RJ, evitando despesa de verbas.					
2.6	Busco informações catalográficas nas bases de dados das unidades integrantes da REDARTE/RJ quando vou realizar o tratamento técnico de um documento, evitando duplicação de esforços.					
2.7	Sou encorajado(a) pela REDARTE/RJ a participar e desenvolver projetos em conjunto com outras unidades da Rede.					
2.8	Participo de trabalho cooperativo com outra(s) unidade(s) integrante(s) da REDARTE/RJ (p. ex. catalogação cooperativa do acervo)					

2.9	Caso participe de algum tipo de trabalho cooperativo na REDARTE/RJ especifique qual(is)
-----	---

3 Compartilhamento de informações na REDARTE/RJ⁴²

Assinale para cada assertiva a opção que melhor corresponde ao que você pensa, conforme a escala indicada, onde:

5 Concordo totalmente	4 Concordo	3 Sem opinião formada	2 Discordo	1 Discordo totalmente
-----------------------------	---------------	-----------------------------	---------------	-----------------------------

Item	Assertivas	5	4	3	2	1
3.1	As informações compartilhadas propiciam maior acesso à informação em arte.					
3.2	As informações compartilhadas contribuem para a tomada de decisão na unidade de informação onde trabalho.					
3.3	As informações compartilhadas possibilitam manter-me atualizado em relação a área de informação em arte (através da divulgação de eventos, bibliografias, links					

⁴¹ No processo de cooperação, os parceiros repartem o trabalho, mediante acordos pré-estabelecidos entre as partes, visando, principalmente, o racionamento de recursos (humanos, tecnológicos e materiais) (DILLENBOURG, 1999; KRZYŻANOWSKI, 2007; MERLO VEGA, 1999).

⁴² O compartilhamento relaciona-se à vontade ou desejo ajudar outro indivíduo, dividindo algo que possui, como informações e experiências (ALVES; BARBOSA, 2010; TOMAÉL; ALCARÁ; DI CHIARA, 2005).

	de interesse e das discussões desenvolvidas nas reuniões sobre o tema).					
3.4	As informações compartilhadas possibilitam manter-me atualizado profissionalmente (através da divulgação de eventos, bibliografias, links de interesse e das discussões desenvolvidas nas reuniões acerca das atividades do profissional da informação).					
3.5	As informações compartilhadas permitem o aperfeiçoamento do atendimento ao usuário na unidade de informação na qual trabalho.					
3.6	As informações compartilhadas permitem o direcionamento do usuário à instituição mais indicada para a realização do atendimento, a partir do conhecimento que passo a ter sobre as unidades integrantes da Rede.					

3.7	Com que frequência participa das reuniões da REDARTE/RJ? 3.7.1() regularmente 3.7.2() irregularmente 3.7.3() raramente 3.7.4() nunca Justifique: _____ _____
3.8	Percebe resistência ou falta de interesse ao compartilhamento de novas ideias e projetos na REDARTE/RJ? Comente. _____ _____ _____

4 Colaboração na REDARTE/RJ⁴³

Assinale para cada assertiva a opção que melhor corresponde ao que você pensa, conforme a escala indicada, onde:

5	4	3	2	1
Concordo totalmente	Concordo	Sem opinião formada	Discordo	Discordo totalmente

Item	Assertivas	5	4	3	2	1
4.1	Quando não consigo solucionar um problema profissional obtenho auxílio dos membros da Rede na resolução da questão.					
4.2	Sou encorajado(a) pela REDARTE/RJ a participar de discussões e troca de ideias em conjunto com outras unidades da Rede.					
4.3	A participação e a colaboração na REDARTE/RJ é importante para a melhoria da minha atuação como profissional da informação.					
4.4	A participação na REDARTE/RJ é importante para a solução de problemas com os quais me deparo em minhas atividades diárias.					
4.5	A troca de experiências na REDARTE/RJ propiciam a elaboração de novos produtos e serviços, colaborando para a inovação ⁴⁴ na unidade de informação onde trabalho.					
4.6	As ações da REDARTE/RJ são importantes para o estímulo ao trabalho colaborativo na instituição onde atuo.					

⁴³ Mediante a colaboração, o trabalho é realizado conjuntamente para o alcance de objetivos comuns, visando a soma de habilidades e conhecimentos individuais para criação de algo novo (ALVES; BARBOSA, 2010; DILLENBOURG, 1999).

⁴⁴ Entende-se que “[...] o processo de inovação é a integração de conhecimentos novos e de outros existentes para criar produtos, processos, sistemas ou serviços novos ou melhorados.” (SÁENZ; GARCÍA CAPOTE, 2002, p. 69).

5 Eficácia⁴⁵ das ações da REDARTE/RJ em relação a sua finalidade

Responda de acordo com o que considera a respeito da eficácia com que vem sido cumpridas as finalidades da Rede, conforme a escala indicada, onde:

5 Muito eficaz	4 Eficaz	3 Indiferente	2 Parcialmente eficaz	1 Ineficaz
-------------------	-------------	------------------	--------------------------	---------------

Item	Assertivas	5	4	3	2	1
5.1	Promover o acesso do público interessado em Arte aos itens informacionais, em qualquer suporte ou meio eletrônico, existente nas Unidades Integrantes da REDARTE/RJ.					
5.2	Divulgar permanentemente junto aos usuários a existência das unidades de informação pertencentes a REDARTE/RJ.					
5.3	Divulgar outras instituições e redes de informação atuantes em Arte.					
5.4	Oferecer serviços e produtos de informação em Arte.					
5.5	Promover o intercâmbio permanente das experiências profissionais entre as unidades integrantes.					

5.6	Que sugestões pode dar para otimizar a atuação da REDARTE/RJ?

⁴⁵ Segundo Almeida (2000, p. 17), “A eficácia relaciona-se a resultados: um sistema de informação é eficaz quando fornece aos usuários a informação que necessitam, com a rapidez e a precisão desejadas.”.

APÊNDICE B

ROTEIRO DE ENTREVISTA - GESTÃO DA REDARTE/RJ

Atividades e Perspectivas da Gestão

Este instrumento visa coletar dados para a pesquisa de mestrado em Ciência da Informação da Universidade Federal Fluminense (PPGCI/ UFF), sob a orientação da Profª Drª Regina de Barros Cianconi, intitulada “Cooperação, compartilhamento e colaboração: o caso da Rede de Bibliotecas e Centros de Informação em Arte no Estado do Rio de Janeiro – REDARTE/RJ”.

Informamos que os dados não serão individualizados e que os respondentes não serão identificados.

Perfil do Entrevistado	
Período de participação na REDARTE/RJ	

Favor responder de acordo com o seu período de gestão

- 1) A REDARTE/RJ possui/ possuía, por escrito, políticas e estratégias de gestão da informação e do conhecimento? Em caso positivo, desde quando?
- 2) Como as unidades se integram/ integravam à REDARTE/RJ (mediante convite ou por iniciativa própria)?
- 3) No Estatuto, consta como objetivo a promoção dos recursos informacionais das unidades integrantes da REDARTE/RJ. Como se dá/ dava esse processo?
- 4) Há/ Havia alguma forma de registro das atividades realizadas pela REDARTE/RJ, como estatísticas das ações implementadas, por exemplo? Em caso positivo, de que forma se dá/ dava?
- 5) Segundo sua perspectiva, qual o público prioritário da REDARTE/RJ? Enumerar de 1 a 4, sendo 1 o de maior prioridade e 4 o de menor
 - () Profissionais da informação
 - () Profissionais de Arte (artistas, cineastas, diretores, *marchands*....)
 - () Pesquisadores (historiadores, estudantes, acadêmicos...)
 - () Usuários de comunidades eventualmente interessada em arte
- 6) Como são/ eram selecionados os temas dos eventos (cursos, palestras e seminários) realizados pela REDARTE/RJ?
- 7) Como se dá/ dava a escolha de membros para a organização de atividades específicas: comissão de eventos, atualização do blog etc (através de sorteio, indicação ou pronunciamento)?

- 8) Existe/ existia avaliação – após os eventos – a respeito do resultado obtido em relação às expectativas e ao foco do evento?
- 9) Nas reuniões, há/ havia abertura para a participação de profissionais que não fazem parte da REDARTE/RJ? Em caso positivo, como se dá/dava esse processo?
- 10) Há/ Havia alguma forma de mensuração da utilização dos recursos disponibilizados pela REDARTE/RJ na Internet?
- 11) Há/ Houve um esforço para o desenvolvimento de produtos e serviços de forma integrada entre participantes da REDARTE/RJ ou para a área de informação em arte (como catálogos coletivos, estudos de usuários e vocabulários controlados)? Em caso afirmativo, cite exemplos de produtos concretizados.
- 12) Algum serviço ou produto planejado foi impossibilitado de ser concretizado em razão da falta de verbas? Explícite.
- 13) Há/ Havia alguma forma de registro ou sistematização de informações sobre experiências bem sucedidas em unidades de informação que pode/ podia ser acessada pelos participantes da REDARTE/RJ, como, por exemplo, um banco de dados de melhores práticas, de lições aprendidas, de casos de sucesso, de modo a estimular o aprendizado? Em caso afirmativo, cite exemplos.
- 14) E quanto a incluir novos recursos de colaboração da *web 2.0* para facilitar a troca de experiências, por exemplo, por meio de fóruns ou narrativas (*storytelling*)?
- 15) Que ações e/ou alterações sugere no modo de atuação da REDARTE/RJ para otimizar sua atuação?

APÊNDICE C

ROTEIRO DE ENTREVISTA AOS FUNDADORES DA REDARTE/RJ

REDARTE/RJ: panorama inicial

Este instrumento visa coletar dados para a pesquisa de mestrado em Ciência da Informação da Universidade Federal Fluminense (PPGCI/ UFF), sob a orientação da Prof^a Dr^a Regina de Barros Cianconi, intitulada “Cooperação, compartilhamento e colaboração: o caso da Rede de Bibliotecas e Centros de Informação em Arte no Estado do Rio de Janeiro – REDARTE/RJ”.

Informamos que os dados não serão individualizados e que os respondentes não serão identificados.

Perfil do Entrevistado	
Período de participação na REDARTE/RJ	

- 1) Como surgiu a ideia de organizar uma rede formada por profissionais que atuassem em bibliotecas e centros de informação em arte?
- 2) Como as unidades tomaram conhecimento da REDARTE/RJ e começaram a fazer parte dela?
- 3) Havia a intenção da inserção de usuários finais nas atividades/ planejamento da REDARTE/RJ? Em caso positivo, como ocorria?
- 4) Acredita que a rede idealizada se concretizou? Em que sentido?
- 5) Em caso negativo, quais foram as barreiras?
- 6) Possui ciência das atividades realizadas pela REDARTE/RJ recentemente? Em caso positivo, como considera o andamento das atividades e quais são as suas sugestões para o seu aprimoramento?